

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Marisa Maria dos Santos Mendes Alves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Teresa de Jesus Seabra de Almeida, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Outubro 2009

AGRADECIMENTOS

A realização deste sonho só foi possível pela Luz de Deus que habita o meu ser. Agradeço a toda ajuda espiritual que me orientou no caminho. Ao Anjo Protector e aos Mentores Espirituais. Agradeço aos meus antepassados.

Agradeço aos meus pais por me terem dado a oportunidade de experienciar a vida através do Amor incondicional.

Agradeço ao meu marido, companheiro de caminhada, pelo apoio, a dedicação e o amor.

Aos meus filhos Edison, Marcos Felipe, Amanda e à minha netinha Isabela: a realização deste meu sonho passa pelo desejo de deixar a vocês um legado de amor.

Mãe querida é a você que eu dedico com todo o meu coração esta conquista. Muito Obrigada!

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Teresa Seabra por acreditar em mim e aceitar fazer comigo esta caminhada.

Agradeço a todos os meus alunos que, nestes vinte e oito anos, partilharam comigo o amor. Juntos acreditámos que é possível aprender e ser feliz.

Agradeço à Dra. Ana Paula e à Professora Isabel pela colaboração.

O amor ultrapassa fronteiras. Agradeço à Supervisora de Ensino Claudia Lessi, à Professora Liraneide pelo seu exemplo de vida e à Directora Andreia pelo carinho.

Agradeço aos alunos e às suas famílias pela preciosa colaboração.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. Dalguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo através da magia da nossa palavra. Deste modo o professor nunca morre...” (Alves em Guerra, 2006:70).

Resumo

O estudo que apresentamos analisa o caso de dois alunos com um passado de insucesso escolar e que inverteram suas trajectórias de vida escolar para o sucesso escolar. Tem como principal objectivo investigar a influência da interacção professor-aluno e as expectativas do professor – efeito Pigmalião na produção do desempenho escolar.

No processo de investigação utilizou-se a metodologia qualitativa interpretativa por se tratar de histórias de vida (re)contadas por diversos actores (aluno, pais, professores, etc). A pesquisa desenvolveu-se em duas escolas de 1º Ciclo: uma em Portugal do Ensino Básico e outra no Brasil do Ensino Fundamental, frequentadas por alunos pertencentes às classes sociais desfavorecidas.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de uma grande diversidade de fontes: entrevistas, documentos oficiais das escolas e dos alunos, fichas de avaliação, textos escritos pelos alunos, relatórios, relatos, conversas informais e notas de trabalho de campo.

De um modo geral, verifica-se que os dois casos de estudo apresentam pontos de similitude de opinião dos intervenientes no processo ensino-aprendizagem que, embora em continentes distantes com culturas distintas, não só identificam o “efeito professor” na produção do sucesso escolar como, também, apontam para este ser um factor decisivo na transformação do aluno.

Verificou-se que a importância da relação professor-aluno que se estende à família (positivamente) e as expectativas do professor (que se reflectem no aluno e na família) contribuem para o sucesso escolar do aluno.

Palavras-chave: sucesso escolar, interacção, efeito Pigmalião, transformação

Abstract

The study we present focuses on the cases of two students who lacked educational achievement and who were able to change their performance and to succeed. Its main goal is to analyse the implications of the teacher-student relationship and of the teacher's expectations – the Pygmalion effect towards the student's performance at school.

A qualitative and interpretative methodology was used for analysing these cases, once we were dealing with life stories told and retold by different actors (student, parents, teachers, etc.). This research was developed in two elementary schools: one in Portugal and the other one in Brazil and which are attended by students who belong to low social settings.

The data were obtained through a variety of sources: interviews, official documents from the school and from the students, assessments and texts written by students, reports, statements, informal talks and field study notes.

In a general way, these two study cases show points of similarity in what concerns the interveners' opinion on the teaching and learning process. Although they live in distant continents with different cultures, they have not only identified "the teacher's effect" in their educational achievement at school but they have also mentioned it as a decisive factor for the student's transformation,

It is clear that the importance of the teacher-student relationship which is seen in the family (in a positive way) and of the teacher's expectations (which reflect themselves in the student and in the family) contribute to the student's educational achievement.

Key words: educational achievement, interaction, Pygmalion effect, transformation

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Teorias explicativas do (in)sucesso escolar	3
1.1. Teorias explicativas: uma visão de conjunto.....	3
1.2. O papel do professor no (in)sucesso escolar	9
1.2.1. A importância do factor relacional professor-aluno.....	11
1.2.2. Expectativas do professor – Efeito Pigmalião.....	14
Capítulo 2 - Método de Investigação	20
Capítulo 3 - Duas histórias de vida no tempo da escola.....	26
3.1. História de vida (escolar) do João	26
3.1.1. Contexto familiar	27
3.1.2. Contexto Escolar	30
3.1.3. Experiência Escolar	31
3.2. História de vida (escolar) do Regis.....	40
3.2.1. Contexto Familiar	41
3.2.2. Contexto Escolar	43
3.2.3. Experiência Escolar	44
Considerações finais.....	49
Referências bibliográficas.....	53
ANEXOS	56

Índice de Quadros

Quadro 1 - Percurso escolar do João.....	26
Quadro 2- Síntese das características psicológicas do João	36
Quadro 3 – Percurso escolar do Regis.....	41

Introdução

O objectivo principal deste estudo incide na problemática do fenómeno do (in)sucesso escolar dos alunos das classes sociais desfavorecidas, tendo como foco principal a interacção na sala de aula: as expectativas do professor, o efeito profecia implicados na obtenção do (in)sucesso escolar. Paraphrasing Perrenoud, ao falarmos sobre o insucesso escolar “a primeira coisa a ser feita é reflectir” (2007:15).

Pensamos ser interessante retroceder no tempo para rever que, desde o aparecimento dos primeiros sofistas¹, nas gerações anteriores à de Platão, ou seja no meio e fim do século V, o século de Péricles, o ensino se apresentava como um produto de consumo restrito, acessível aos jovens provenientes das famílias abastadas, direccionado apenas à aquisição de saberes. Chateau refere “eis-nos portanto frente a uma forma de ensino irreduzível à aprendizagem técnica, um ensino independente do desempenho de qualquer ofício, constituindo em si mesmo um ofício, mas não constituindo preparação para nenhum: um ensino especificado enquanto função, aparecendo como um novo ofício, uma nova forma de actividade social, mas sem especialidade quanto ao seu objectivo; um ensino geral e público, dirigido a todos com possibilidade de o pagar” (Chateau, 1956:14). Muitos séculos se passaram.

Na sociedade contemporânea está reconhecido o direito universal à educação, porém, a problemática do ensino “acessível” para todos parece permanecer imantada no tempo.

A nova era civilizacional, marcada pela industrialização, veio valorizar a intervenção privilegiada da escola, conferindo-lhe diferentes e importantes funções. Além da função primordial de ministrar a instrução geral elementar, exigida pelas transformações económicas e laborais, compete também à escola fomentar e garantir a adesão ao novo modelo social.

A massificação do ensino, ao alterar profundamente a composição da população escolar, provocou graves rupturas no quadro da escola, que incapaz de se despojar das suas características elitistas, se mostrou desajustada e inadequada ao novo modelo social.

O insucesso escolar apresenta-se como um fenómeno socialmente selectivo, porquanto penaliza sobretudo os alunos oriundos dos estratos socioeconómicos mais desfavorecidos. A problemática do insucesso escolar e a definição de estratégias para o seu combate tem vindo a ser alvo de medidas pelos responsáveis pela política educativa, de estudo para os investigadores sociais e de preocupação dos professores e pais.

¹ Homens que têm como única profissão a de ensinar (Chateau, 1956:14).

À procura de causas que pudessem explicar o insucesso escolar, Benavente e Correia (1981) definem as teorias do insucesso escolar: a teoria dos dons ou talentos (ainda defendida por alguns professores como única causa do insucesso escolar do aluno), a teoria do *handicap* sociocultural (que atribui à família o insucesso do aluno) e a teoria socio-institucional (que atribui o insucesso às diferenças existentes entre a família e a escola). É nesta perspectiva que se enquadra a presente investigação.

Optámos pelo estudo de duas histórias de vida escolar que permitiram um olhar individualizado para um fenómeno com grande difusão social – o insucesso escolar nos meios sociais desfavorecidos. Segundo Durkeim “só existe uma forma de se chegar ao universal: observar o particular, não superficialmente mas minuciosamente e em detalhes” (em Lahire, 2004:11), Lahire refere, ainda, que ver o problema sob “o microscópio sociológico possibilita descobrir a relativa heterogeneidade daquilo que imaginamos ser homogéneo (uma família, um aluno)” (2004:39).

Assim sendo, a pesquisa tem como objecto empírico o estudo de dois alunos que tendo tido insucesso escolar (Fase A) passaram a ter sucesso escolar (Fase B). Procurámos analisar qual a influência das respectivas professoras no processo de inversão do insucesso para o sucesso escolar dos alunos.

Que diferença poderá fazer a actuação do professor através das suas crenças de valores e do reconhecimento e valorização dada à relação entre o trinómio professor-aluno-família? Como salienta Perrenoud, aprender é “dar sentido ao que se faz e ao que se aprende; sentir-se reconhecido, respeitado como pessoa e como membro de uma família e de uma comunidade; não se sentir ameaçado em sua existência, sua segurança, seus hábitos e sua identidade; sentir-se compreendido e apoiado nos momentos de cansaço e fracasso; saber que se pode contar com a confiança dos outros, que o consideram capaz e desejoso de conseguir; acreditar que alguém dá valor ao que se faz ou aprende; e, melhor que tudo isso, sentir que se é amado” (2007:24).

Capítulo 1 - Teorias explicativas do (in)sucesso escolar

1.1. Teorias explicativas: uma visão de conjunto

O fenómeno do (in)sucesso escolar tem vindo, desde o início do século passado - França A. Binet em 1911; na Inglaterra, C. Burt em 1917 e 1921; Claparède em 1924, na Suíça (Gilly, 1981:23) - até aos dias de hoje, a mobilizar vários estudiosos e investigadores interessados em desenvolver quadros teórico-analíticos que possam determinar os factores explicativos dos diferentes resultados no aproveitamento escolar. Como referem Foster, Gomm e Hammersley (em Seabra, 2008:32) “os investigadores têm estado eles próprios envolvidos na construção do problema da desigualdade educacional, definindo-a e reflectindo-a” no seio de contextos sociais desfavorecidos.

O (in)sucesso escolar no primeiro grau do ensino básico, passou a ser considerado como um problema abrangente a todos os países capitalistas da Europa Ocidental, dos Estados Unidos e dos países subdesenvolvidos, que se vêem confrontados com aquilo que os especialistas da B.I.E (Organização Internacional de Educação), UNESCO, ONU, OCDE entre outros, chamam o fenómeno de “percas” no ensino primário ou ainda a “falta de rentabilidade” desse ensino (Benavente, 1976:11).

Ao falarmos do (in)sucesso escolar significa procurar as causas referentes ao contexto social, como também, “ adentrar ao universo do indivíduo - reflexão weberiana por de trás da acção há o homem – em que a sociologia se interessa pelo indivíduo, não como átomo mas como produto complexo da pluralidade interna do indivíduo (...) para dar conta da singularidade de um caso, é necessário compreender os processos gerais de que este caso não é senão um produto complexo” (Lahire, 2005:14-17-33). Temos consciência da complexidade² (Morin em Petraglia, 2005:16-48) epistemológica do fenómeno em causa e da dificuldade de fazer uma leitura alargada das teorias, estudos e práticas que respondam concertadamente a essa questão.

² Ao falarmos das causas do (in)sucesso escolar, torna-se imperioso referir a complexidade da educação. Morin define a educação como “complexa por essência, influi e é influenciada pelas partes e aspectos que a define e constitui. Dessa forma, é urgente repensá-la a partir de uma visão totalizadora que a torne envolvida com as partes e os recortes, mas sempre em função das partes e de um todo uno, múltiplo e complexo, simultaneamente. (...) nos aponta para um caminho de novas descobertas e novas verdades que aceitam a complexidade como uma realidade reveladora, em que o ser humano é ao mesmo tempo sujeito e objecto de sua própria construção e do mundo” (em Petraglia, 2005:13-16).

Com o intuito de organizar a diversidade de teorias explicativas sobre o (in)sucesso escolar Benavente e Correia (1981:9-23), referem a teoria dos “dotes” individuais, a teoria do “*handicap*” sociocultural e a teoria socio-institucional.

A teoria dos dons ou “dotes” individuais surge com base nas potencialidades genéticas ou capacidades cognitivas hereditárias do aluno. As desigualdades escolares encontram a sua justificação nas diferenças individuais de património genético, ou seja, nos talentos ou aptidões. As desigualdades revelam a variação individual hereditária das capacidades cognitivas, que passam a ser medidas por meio de testes de inteligência (Benavente e Correia, 1981:10), considerado como o Quociente Intelectual do aluno “Q.I.”, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial³ (Sebastião, 2006:95).

A explicação do bom ou mau aproveitamento escolar, obedecia à verificação, por meio de provas de inteligência, de índices de sucesso, de notas, de exames ou qualquer outro indicador objectivo (Coelho, 2000:34).

Segundo Pires (1983) “os esforços efectuados, nas décadas de quarenta e cinquenta, para avaliar quantitativamente a ‘reserva de talento’, ou o ‘fundo da aptidão’, enquadram-se nos grandes objectivos das nações industrializadas, de desenvolvimento económico, democratização e concorrência internacional. Por essa razão, a valorização da presença dessas aptidões torna-se determinante num triplo sentido: permitirá o progresso económico e a competição internacional, assegurará a mobilidade individual na ‘estrutura social estratificada’, legitimará o novo poder, ao utilizar como critério de avaliação o mérito⁴ e não o nascimento” (em Fernandes 1986:29-30).

As críticas a esta corrente de pensamento fizeram-se sentir desde muito cedo.

Segundo Benavente e Correia (1981:10) “uma das características da teoria dos dotes é a de manter intocável a suposta ‘neutralidade’ da escola, evitando abordar o insucesso como um fenómeno *relacional*”, ora visto que a explicação dos insucessos em termos de capacidades individuais dos alunos aponta o aluno como responsável pelo sucesso ou insucesso. As autoras concordam com Eric Plaisance que considera apontar-se para um alvo erróneo: “em vez de considerar seriamente as condições reais em que se efectuam as aprendizagens escolares, muitos autores procuram descobrir nas crianças que chumbam, determinadas

³ “Este facto estará em parte ligado ao contexto histórico em que a sociologia da educação se desenvolveu, caracterizado por uma elevada centralidade social das questões educativas e pelo interesse político pelas desigualdades sociais, mas está sem dúvida igualmente ligado a uma concepção sociológica ampla por parte dos diversos autores, tanto na análise dos fenómenos educativos como no desenvolvimento da teoria sociológica” (Sebastião, 2006:95-96).

⁴ Young, em 1958, no seu livro “The Rise of the Meritocracy” procura demonstrar as contradições existentes na ideologia da igualdade de oportunidades e de justiça social (Coelho, 2000:36).

particularidades de funcionamento psicológico ou psico-fisiológico: procuram-se particularidades na organização gestual, na lateralização, na reprodução das figuras rítmicas, entre outros. Nesta profusão de factores possíveis, nesta pulverização de fenómenos, seria verdadeiramente de espantar se não se encontrasse qualquer pequena perturbação, qualquer desregulação menor, que serão rapidamente inscritas como ponto de partida de uma engrenagem patológica que se supõe resultará na dificuldade escolar” (p. 11-12). Ainda, segundo as autoras, essa “patologização” do insucesso escolar, à “etiquetagem” das crianças, classificadas logo nos primeiros anos da escolaridade “marginalizam” as crianças para classes de “apoio”, de “transição”, classes “especiais”, classes de “observação”, classes de “aceleração”. A escola tende a criar, assim, “uma legião de alunos inadaptados, preservando-se a si própria, aos seus critérios e normas de qualquer crítica ou acusação de “inadaptação”.

René Diatkine (em Benavente e Correia, 1981:12) adverte que se “corre o risco de considerar como patológico (subentendido sob o termo de *inadaptado*) toda aquela fracção da população escolar que, por diversas razões, pouco beneficia de um ensino que nem sempre lhe está adaptado”. Nesses casos, o insucesso escolar poderá advir dessa “amálgama” confusa de pressupostos, sem uma específica confirmação de diagnóstico e, conseqüentemente, de uma actuação adequada a cada aluno, impondo um *continuum* pedagógico suportado por bases enviesadas de “catalogação”. Como afirmam as autoras nesta obra, (Benavente e Correia, 1981) “é evidente que há problemas patológicos individuais que nem sempre são detectados e devidamente acompanhados. Estes casos não podem, no entanto, justificar as percentagens de insucesso massivas e socialmente selectivas” (p. 12).

Ainda, segundo as autoras, “a constatação da selectividade social do insucesso, evidenciada pelas estatísticas e trabalhos dos sociólogos da educação, tirou à teoria dos dotes muito do seu impacto público” e instalou-se “a ideia de uma desigualdade sociocultural face à escola” (Benavente e Correia, 1981:12).

Nos finais dos “anos sessenta e início de setenta, afirmou-se a teoria do *handicap* sociocultural, baseada em explicações de natureza sociológica. O (in)sucesso escolar dos alunos é justificado pela sua pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola” (Benavente, 1990:716).

Nessa corrente explicativa as crianças “chegariam pois à escola com diferentes ‘equipamentos’, diferentes ‘bagagens’ socioculturais. Responsáveis pelas diferenças seriam as condições de vida e, sobretudo, as ‘boas’ ou ‘más’ práticas educativas dos seus pais e famílias, a pobreza ou riqueza do seu ambiente cultural e da experiência vivida, a natureza dos

estímulos necessários para o desenvolvimento cognitivo, da linguagem, e outros” (Benavente e Correia, 1981:13).

Esta ideia de “privação cultural”, explicação que segundo N. Keddie se tornou popular entre pedagogos e psicólogos nos anos sessenta, é definida por um complexo de variáveis supostamente responsáveis pelo atraso da criança na escola e teve como resposta vastos programas de educação compensatória. Reivindicando-se, assim, mais igualdade, “More Equality”⁵, agora em termos de resultados, de sucesso escolar, atribuindo à escola o papel de corrector da estratificação social (em Fernandes, 1986:34).

Segundo Benavente e Correia (1981:18) “a ideologia do *handicap* sociocultural não equaciona em geral o insucesso como fenómeno relacional é esse o seu grande limite e incapacidade para intervir (...) o insucesso é geralmente o resultado de uma relação negativa entre alunos de determinados meios sociais e a instituição escolar”.

Quem colocou tanto esta como a anterior teoria definitivamente em causa foram os trabalhos dos sociólogos da educação. Estes contributos sustentam a perspectiva socio-institucional.

Como refere Benavente (1990:717) “a corrente socio-institucional sublinha a necessidade da diferenciação pedagógica, pondo em evidência o carácter activo da escola na produção do insucesso; este é visto como resultado duma relação quotidiana entre as práticas escolares e os alunos das culturas não letradas; ultrapassando algum fatalismo presente na teoria do *handicap* sociocultural, investe-se na transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando ‘adaptá-la’ às necessidades dos diversos públicos qua a frequentam, elucidando subtis mecanismos de reprodução de diferença e procurando caminhos de facilitação das aprendizagens para todos os alunos”.

Esta perspectiva incide a sua análise no funcionamento do sistema escolar, referindo que a função reprodutora é exercida tanto melhor quanto a explosão escolar provocou rupturas no próprio sistema de ensino – assimetrias no que respeita à rede escolar, aos equipamentos e condições de acesso, à qualidade de formação dos professores, às condições de trabalho e de motivação dos docentes – consequências que afectaram sobretudo as crianças de condição socioeconómica menos favorecida e, na maioria das vezes, segundo Bernstein (em Domingos et al., 1986:126) mais distanciada dos “rituais da ordem social da escola”⁶.

⁵ Este é o título de uma obra publicada por H. Gans, 1973, Nova York.

⁶ Bernstein refere: “uma vez que considero o conjunto de valores da escola e a posição que o aluno pode assumir face a esses valores, importa conhecer a forma como a escola transmite a sua cultura, desempenhando o ritual, uma função importante nesse mecanismo de transmissão ‘a escola transmite dois complexos de comportamentos distintos, na prática interligados, dizendo um respeito à formação do carácter e o outro à aprendizagem formal. O

A escola passa a ser vista como reprodutora de ideologias legitimadoras do poder político do Estado; sendo que, este último, exerce controlo sobre a primeira, através das leis, da organização burocrática e da própria produção do currículo. A uniformidade curricular é “feita à medida” para aqueles que possuem um “capital cultural” privilegiado, com domínio do código elaborado que valoriza, sobretudo, os objectivos ligados à capacidade de verbalização, em detrimento de outros critérios de ordem afectiva, psicomotora e intelectual (Formosinho, 1992:23).

Basil Bernstein (em Grácio e Stoer, 1982:24-30) considera que o código de comunicação exerce influência sobre o (in)sucesso escolar dos alunos e, tendo como base esse pressuposto, os alunos oriundos de classes sociais mais favorecidas dominam um “código elaborado” (universalista), mais próximo ao código discursivo da escola (e do professor), enquanto que os alunos de classes menos favorecidas possuem um “código restrito” (particularista) com poucas probabilidades de sucesso escolar. O autor, em entrevista a Oliveira (1980:21), propõe soluções que devem ser tomadas de modo a criar condições para que a criança explore outras formas de significados, outros estilos de comunicação, com o devido respeito e “reconhecimento legítimo ao código da criança” de onde sugere que o professor “deve partir (...) pois se o código escolar não permite a existência do código da criança esta afastará a escola inclusive antes que a escola a afaste”.

Para os alunos das classes desfavorecidas, para além das condicionantes socioculturais para a obtenção do sucesso escolar, ocorre no seio da própria família a selectividade social, pois cabe a ela avaliar e decidir se seus filhos irão prosseguir os estudos ou não. Segundo Boudon “a posição social traduz-se em campos de decisão distintos que levam a que cada indivíduo e família realizem em cada ponto de bifurcação do sistema educativo um cálculo dos riscos, custos e vantagens associados a continuar, ou não, a investir na escolaridade. Ou seja, as desigualdades sociais perante o ensino explicam-se através da conjugação da posição social, dos espaços de decisão que lhe são associados (orientação) e do cálculo dos riscos, custos e vantagens/desvantagens antecipadas com o investimento escolar” (em Sebastião: 2006:89). A mesma decisão poderá ser originada em função da antevisão do fracasso futuro ou da exclusão da escola, sendo a teoria da reprodução cultural de Bourdieu e Passeron a que vai ao encontro desta explicação.

complexo de comportamentos e de actividades que dizem respeito à conduta, carácter e maneira de ser constitui aquilo a que chama-se a ordem expressiva da escola e o complexo de comportamentos e de actividades relacionadas com a aquisição de aptidões específicas constitui o que se designa por ordem instrumental. Há assim duas estruturas de relações sociais, uma que controla a transmissão da ordem moral e outra que controla o currículo, a pedagogia e a avaliação. As relações entre estas duas ordens são frequentemente fonte de tensão dentro da escola’, tanto para professores como para os alunos e os pais” (em Domingos et al, 1986:117-118).

Cabe referir alguns dos autores internacionais que decidiram investigar o êxito escolar de alunos oriundos das classes populares, filhos de operários que frequentavam cursos superiores. Seabra (2008:39-40) refere os estudos de Terrail, que realçam a importância da mobilização de toda a família e do próprio aluno em relação à escola; o de Laurens (1992) que confirma ser fundamental o investimento parental na escola; os de Charlot, Bautier e Rochex que defendem ser central para o êxito escolar a relação do aluno com os saberes e o de Lahire que relaciona o bom desempenho escolar com o uso familiar da escrita.

Nas últimas duas décadas, muitos estudos têm sido feitos para analisar e avaliar a escola enquanto agente produtor e não apenas reproduzidor, sendo ainda pouco sólidos os conhecimentos disponíveis, sobretudo sobre os efeitos das variáveis escolares nos resultados escolares, especificamente na redução ou potenciação da (des)igualdade de oportunidades, ou seja, no conhecimento do poder da escola na (re)produção das (des)igualdades (Seabra, 2008:41-42).

Já em 1981, Benavente e Correia (20-23) chamaram a atenção para o facto de que, mesmo se sabendo que “nada se pode mudar profundamente na escola sem alterar as estruturas económicas e sociais da sociedade” não podemos ignorar a importância dos processos micro-sociais e das dinâmicas institucionais. Alerta para a necessidade de uma articulação entre o nível de análise macro-social e a análise micro-social⁷ “mais dialéctico e operacional”, como única forma de abordar de modo adequado os complexos fenómenos das desigualdades sociais/escolares.

Bourdieu e Passeron constataam, a partir de dados estatísticos, que a escola, ao longo de todo o processo escolar, faz uma selecção rigorosa de acordo com a origem social dos alunos, legitimada pela ideia de que “todo o ensino (...) pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de *savoir faire* e sobretudo de *savoir dire* que constituem o património das classes cultivadas” (Coelho, 2000:46) e que mais do que os dons e os méritos pessoais, a acção pedagógica da família (formação do *habitus*) e do meio em que a criança está inserida vão influenciar no êxito ou fracasso da trajectória escolar.

Assim sendo, para os autores Bourdieu e Passeron as causas do insucesso escolar não estão estritamente ligadas às famílias nem especificamente à escola, mas sim reside nas diferenças de culturas/valores das classes sociais desfavorecidas.

⁷ Benavente e Correia (1981:20) refere um artigo de M. Bataille, Cl. Clanet e C. Laterrasse “Changements Personnels et Changements Sociaux, une recherche – action sur la co-education”, publicado na Revista Psychologie et Education que aborda a questão da necessária articulação entre os níveis micro e macro-social como forma mais adequada de análise dos fenómenos sociais e escolares.

Segundo Lahire (2004:13) “os professores (sobretudo aqueles que estão menos habituados a manipular categorias sociopolíticas) resistem na maior parte das vezes às explicações sociológicas em termos de categorias sociais, de grupos ou de classes, de causas sociais ou determinantes sociais. E resistem, sem dúvida, por algumas (boas) razões. De um lado, encontram com regularidade casos que não se encaixam nos modelos que lhe são propostos: ‘desempenhos’ exemplares em meios populares (às vezes é o seu próprio caso particular), ou, inversamente, ‘catástrofes escolares’ em meios burgueses. Por outro lado, a vida escolar os leva a tratar os alunos caso por caso, nunca totalmente similares entre si, apanhados em um contexto de classe particular, com pais, desempenhos e um comportamento escolar singulares”.

Sendo “o insucesso escolar um fenómeno relacional em que estão implicados: o aluno, com a sua personalidade e história individual, situado na sua família e no seu meio social; a escola, com o seu funcionamento e organização, os seus instrumentos pedagógicos e conteúdos a que os professores dão vida e a Escola como tributária da política educativa que lhe atribui meios e objectivos” (Benavente e Correia, 1981:23), vejamos, em concreto, que papel está reservado ao professor na co-produção do (in)sucesso escolar.

1.2. O papel do professor no (in)sucesso escolar

Segundo Benavente e Correia (1981:4) “os professores têm um papel central na vida da escola primária (...) diferem no entanto pelas atitudes que adoptam face à sua profissão, pela instalação num certo comodismo da rotina ou pela procura de novas maneiras de fazer, pelo seu empenhamento no trabalho pedagógico que realizam” conscientes (ou não) da sua importância na obtenção do (in)sucesso escolar dos alunos.

Gomes (1987:39) destaca que “as possibilidades de sucesso aumentam, na perspectiva da professora, quando ‘os seus alunos estão interessados em frequentar e trabalhar bem na escola, e quando são treinados em casa de tal modo que são brilhantes e rápidos no trabalho escolar’ e quando pode atribuir os ‘bons resultados’ ao seu próprio esforço e competência. Os problemas surgem quando, como refere Becker, a professora se vê na contingência de ensinar grupos de estudantes que, não indo ao encontro das suas expectativas, põem em causa a eficácia das suas técnicas de trabalho”. Mais adiante, este acrescenta que “não se trataria tanto de, em face de resultados negativos, duvidar da capacidade profissional mas, ao contrário, tal como mostram as declarações da citada professora, justificar tais resultados com base na suposta *inadequação escolar* dos alunos das chamadas classes desfavorecidas”.

Seabra (2008:44-45) apresenta referências de estudos que ampliam o quadro referencial epistémico cognoscível do efeito professor: Van Zanten (1996a:288) refere que os “estudos britânicos, em particular, mostram que, todo o resto igual, os alunos progredem melhor nas ‘boas’ turmas do que nas turmas ‘fracas’, porque os professores modelam consciente ou inconscientemente os conteúdos em função do suposto nível dos alunos: dão um ensino mais abstracto, centrado nos conhecimentos, e exigem mais das primeiras, enquanto proporcionam um ensino mais concreto, centrado na relação professor – alunos e mais tolerante aos desvios em relação às exigências nas segundas”; Harari e McDavid (1973) “demonstraram como provas associadas a nomes diferentes, tendo estas cargas sociais negativas ou positivas, eram cotadas mais positivamente quando nelas figurava um nome mais favorável”.

Dentre um vasto número de estudos importantes, referimos a investigação desenvolvida por Isambert-Jamati e Grosperon (1982:256-269) dada a sua pertinência ao estudo. Embora salvaguardada as devidas restrições da fase de escolaridade dos alunos “o *baccalauréat*” (o que implica dizer que estes alunos tinham passado pelas fases anteriores de selecção escolar pelo facto de terem sido até então aprovados) e da escolha dos professores conforme alguns critérios estabelecidos – queria pôr à prova o efeito igualador (dos quatro subgrupos de professores) no aproveitamento dos alunos vindos dos meios populares. Os resultados variaram em conformidade com os “tipos de pedagogia diferenciados” (verificada pela postura assumida pelos respectivos professores) com as diferenças de aproveitamento consoante a origem social:

– os subgrupos 1 e 2 de professores que tendem a recusar a referência às origens sociais dos alunos, assumiram a responsabilidade pessoal perante a transformação do aluno, “da pessoa na sua totalidade”, na qual o “equilíbrio afectivo” ocupa o maior lugar, que segundo as expressões de um professor pretende “*dirigir-se a cada aluno na sua originalidade psíquica e afectiva, aprofundar a relação até à raiz do indivíduo*”, outro professor declarou: “*devemos ter em conta a origem social unicamente na medida em que ela pode acentuar bloqueamentos ao nível afectivo*”, estes alunos obtiveram resultados positivos, independentemente da sua origem social;

– nos subgrupos 3 e 4, os professores referem o “*capital genético*”, reconhecem trabalhar para os melhores, utilizam um discurso característico: “*produz-se uma decantação e os bons alunos auto-seleccionam-se, os outros afastam-se*”, a atitude deste grupo é, portanto, notoriamente elitista, o que se traduziu em resultados insatisfatórios para os alunos dos meios populares correspondendo às expectativas desses subgrupos de professores.

Segundo refere Becker (em Gomes, 1987:37-38) os professores tendem a classificar os alunos em termos do grau em que eles se afastam do “aluno ideal”, isto é, aquele que mais se aproxima dos padrões e ideais do professor e da escola formatada para clientes adequados (*suitable clients*)⁸.

1.2.1. A importância do factor relacional professor-aluno

A construção do conhecimento não é um acto estritamente individual e solitário, isto é, o aluno constrói o conhecimento sob a influência do professor e da carga social que os conteúdos comportam. A actuação do professor é fundamental e determinante entre os conteúdos e a actividade construtiva dos alunos. A acção educativo-pedagógica é um processo de “alimentação” mútuo entre o aluno e o professor, agentes do processo de desenvolvimento e educação. De forma que, a acção educativa alimenta a relação educativa e vice-versa, gerando, conseqüentemente, um ciclo de funcionamento que, podemos dizer, é uma espiral porque, à medida que os intervenientes se vão alimentando mutuamente, vão evoluindo e vão se transformando (Alarcão e Tavares em Alves, 2004).

Delamont (1987:39-61) salienta que a relação entre professor e aluno deve ser vista como uma actuação conjunta, uma relação que funciona como um “dar e receber” diário entre professor e aluno; como refere a autora, “os estudos quantitativos na sala de aula mostram que os professores podem estar envolvidos, por dia, num milhar de trocas interpessoais”. Funciona como um processo de negociação, constantemente definidas e redefinidas e que vai avançando mediante a realidade diária e o domínio por parte do professor da boa gestão de impressões e de atribuições. Neste sentido Gomes (em Jesus, 1997:16) afirma que “a aquisição ou manutenção duma identidade positiva não pressupõe nem a consistência, nem a maximização da positividade, antes implica uma gestão contingencial e estratégica de impressões (...) uma ‘boa’ gestão de impressões, paradoxalmente, pode consistir em saber gerir ‘más impressões’. A flexibilidade relacional do professor é imprescindível para gerir adequadamente os diferentes contextos situacionais com que se confronta”.

Como salienta Delamont (1987), diremos que ao entrar em sala de aula, professores e alunos, o fazem com posições negociais muito diferentes, sendo que, a maior parte do tempo, é ocupado pelo professor nos seus vários “papéis”, ainda referindo Postic (2007:147) “na

⁸ Esta “padronização” condiz com a teoria de Bourdieu e Passeron segundo a qual “o sucesso escolar dos estudantes mais favorecidos socialmente encontra a sua razão de ser nas afinidades culturais sentidas e nas vantagens decorrentes da detenção e uso do capital cultural herdado” (Seabra, 2008:34).

interacção existe uma certa interdependência de papéis” ou seja, a interacção é a interdependência de papéis.

O professor no desempenho dos vários “papéis” revela seus princípios ideossincrásicos que, directa e indirectamente, influenciam na interacção com os alunos, nomeadamente: i) a capacidade de sentir-se responsável por si mesmo e pelos outros (Faccin, 2004:61); ii) ser exemplo (atitudes, linguagem, comportamento) por ser alvo de imitação (Dottrens, 1974:18); iii) a capacidade de dar um sentido ao próprio destino para que esteja apto a viver em consonância e harmonia com suas convicções (Dottrens, 1974:35); iv) saber adaptar-se, com possibilidade de planeamento (Delamont, 1987:83) e sucesso profissional, sobretudo, o grau de contentamento (Dottrens, 1974:38); v) o comportamento relacional (mensagens verbais e não verbais) que realiza através de específicas qualidades comunicativas que tornam operativo o interagir transparente, autêntico, congruente (Faccin, 2004:61); vi) a compreensão e a amizade (Santos, 1985:79); “a forma pela qual vê e concebe o mundo que o rodeia (...) todos os seres humanos possuem uma personalidade própria e são reflexivos, isto é, interagem consigo próprios”, não fazemos nada por acaso, a forma pela qual vemos ou concebemos o mundo que nos rodeia é fundamental, mesmo determinante de como agimos no mundo (Delamont, 1987:37-43); vii) “a representação que tem dos seus alunos, o que pensa deles, pode funcionar como um filtro que o levará a interpretar, valorizar, reagir de uma ou de outra maneira, poderá levá-lo a modificar o comportamento real dos alunos na direcção das expectativas associadas a tal representação” (Delamont, 1990:267 em Alves 2004:51).

Na comunicação dialógica, percebe-se o vínculo entre o diálogo e o factor afectivo que norteará a virtude primordial do diálogo, o respeito aos alunos não somente como receptores, mas como indivíduos (Freire em Vasconcelos et al., 2005); no plano educativo, parece ser necessário valorizar ao máximo a motivação intrínseca do aluno (Lieuury e Fenouillet, 1997); a afectividade, pois demonstrar afecto inclui, principalmente, conhecer, ouvir, dialogar, admirar, dar atenção, consideração, respeito, acolhimento (Faccin, 2004:79-86) e Wallon (em Almeida, 1999:50) acredita que entre a afectividade e a inteligência existe uma integração que as permitem conviver concomitantemente, ambas evoluem ao longo do desenvolvimento e, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afectivas se tornam cognitivas; Lahire (em Faccin, 2004:80) refere a “disposição afectiva” e Almeida (1999:53) afirma que “as emoções estabelecem as bases da inteligência”.

No domínio da relação pedagógica, “o processo como o professor exerce influência sobre os alunos, levando-os a um maior envolvimento na aprendizagem e, assim, a obter

melhores resultados escolares, ocupa o coração do processo de ensino” (Ribeiro e Campos, 1987:45).

Segundo Delamont (1987:268) é fundamental para compreender todo esse processo de selecção e categorização de informação por parte do professor e também do aluno a “concepção que cada um deles tem do seu próprio papel e do papel do outro”.

Outros estudos revelam que, na realidade, ainda há muito a ser feito no processo de interacção professor-aluno, como referem os autores: Coll (1985) refere “a interacção professor-aluno só é dialéctica em poucas ou nenhuma das ocasiões” e Galton, Simon e Croll (1980:60-61) afirmam que “enquanto o professor está a interagir com os alunos durante a maior parte da aula, cada aluno interage com o professor apenas durante uma pequena parte desse tempo” (em Alves 2004:40).

Segundo Durkheim a prática pedagógica-relacional do professor tenderia para um maior comprometimento, “pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos actos que realizamos, formamos de uma maneira contínua o espírito das nossas crianças” (2007:71), considerando-se, igualmente, que um processo pedagógico se realiza com maior ou menor êxito, na relação que se estabelece entre professor e aluno, quando se tem presente a influência que exercem as dimensões psicológicas de ambos. Significa dizer que, para o sucesso da relação pedagógica, é importante o empenho das partes em interacção para uma plataforma comum, favorável ao processo educativo; entendendo-se interacção educativa como procura da eficiência pedagógica dos processos interpessoais activados para a concretização do comportamento educativo nos aspectos relacional-social. Ainda, como refere Faccin (2004:93), “os estudos sobre o agir do professor, leva-nos a acreditar que a atenção à dimensão relacional e a estruturação atenta da situação da aprendizagem, constituem importantes factores pró-activos para o sucesso integral do aluno”.

Entendemos o processo educativo como essencialmente interactivo e como refere Coll e Sole (em Vasconcelos et al., 2005:9) ancoram-se, por um lado, no conhecimento construído pelos alunos no decorrer das actividades do ensino-aprendizagem e, por outro lado, os alunos constroem “realmente” significados a propósito destes conteúdos, sobretudo, graças à interacção estabelecida com o professor. Gomes aponta para a “influência que a escola e os professores, através da interacção na sala de aula, têm na produção do insucesso escolar em geral e, muito especialmente, no que afecta com particular intensidade, jovens provenientes de certos meios sociais” (1987:37).

1.2.2. Expectativas do professor – Efeito Pigmalião

A clássica introdução ao tema das expectativas dos professores sobre os desempenhos escolares passa por ser relacionada, directamente, ao trabalho “Pygmalion in the Classroom” de Rosenthal e Jacobson em 1968, embora a análise dos efeitos das expectativas nas relações interpessoais, o efeito das “profecias auto-confirmatórias”, a apresentar resultados em contexto escolar tenha sido, inicialmente, desenvolvido por Merton em 1948 (em Ferreira, 1996:35; em Crothers, 1994:154).

Na sequência dos resultados obtidos por essas investigações e dada a importância que esses estudos apresentam na compreensão do processo educativo, especialmente para o (in)sucesso escolar dos alunos, referimos alguns estudos significativos tendo, contudo, a noção de que o assunto não se esgotará.

A investigação relativamente extensa sobre os efeitos das expectativas dos professores nos desempenhos escolares dos alunos, tem vindo a estabelecer uma controvérsia entre os autores no que diz respeito à magnitude e significado desses efeitos (Babad et al., 1989; Meyer, 1985 em Ferreira, 1996:48). Ferreira salienta a existência de duas correntes: a dos que consideram que as expectativas têm efeitos significativos nos alunos e daqueles que minimizam a importância das expectativas dos professores por defenderem que estas reflectem as diferenças reais evidenciadas pelos alunos no desempenho escolar.

Os estudos de Rosenthal e Jacobson vão no sentido de que as expectativas dos professores afectam significativamente os desempenhos escolares dos alunos. A investigação realizada pelos referidos autores incidiu numa escola primária de Oak School, nos Estados Unidos, onde a maior parte das crianças eram de meios populares. As classes estavam distribuídas em três secções – superior, média, inferior - conforme as aptidões das crianças, particularmente para a leitura. No ano anterior ao início da investigação, foi aplicado a todos os alunos um teste de inteligência (T.O.G.A.) - com dois subtestes: verbal e de raciocínio, de Flanagan (1960), onde 20% dos alunos foram apresentados aos professores, no início do ano escolar, como tendo uma maior capacidade de “desabrochamento” (*blooming – épanouissement*) ou de arranque (*spurting – démarrage*) ao longo do ano, quando na realidade foram escolhidos ao acaso. No fim do primeiro semestre e no final do ano lectivo foram testados de novo. Os autores controlaram o QI, o rendimento escolar e ainda o comportamento do aluno. Os resultados principais podem sintetizar-se deste modo: quanto ao aumento no QI, foram as classes dos mais novos (1^a e 2^a) que mais proveito tiraram das expectativas positivas dos professores - na 1^a classe o aumento foi de 15,2 pontos sobre o

grupo de controlo (o resto dos alunos) e na 2ª de 9,5 – o que era de esperar, sendo os mais novos mais susceptíveis de influenciar. De referir, ainda, que os autores analisaram, de uma forma particular, doze casos, aos quais concluíram que mais vantagem tiraram das expectativas induzidas, quanto ao QI, os alunos que pertenciam a famílias onde os pais mais se interessavam pelo progresso escolar dos filhos, tratando-se ainda de crianças mais atraentes fisicamente. As expectativas favoráveis traduzem-se não apenas no aumento de QI, correlacionados aos resultados escolares, como também na apreciação do comportamento dos alunos por parte dos professores (em Oliveira, 1992:18-22).

Conforme refere Benavente (1976:55-56) “quantas vezes ouvimos dizer a um bom aluno que comete um erro grave: ‘vê lá, enganaste-te, não estavas com atenção’ e a outro classificado como ‘mau aluno’, nas mesmas circunstâncias ‘o que me admiraria era que tu não errasses’. Estas palavras aparentemente inofensivas têm, no entanto, consequências graves”.

A autora, ao referir-se aos estudos de Rosenthal e Jacobson, refere que os autores explicam esta influência do preconceito do professor cuja “profecia” se realiza, dizendo que os professores vigiam provavelmente de mais perto as crianças assinaladas, e, esta atenção particular, pôde conduzir a um reforço das respostas certas e, como consequência, a uma melhor aprendizagem dos alunos. Os professores podem também ter reflectido mais profundamente quando se tratava de avaliar as possibilidades intelectuais dessas crianças. Esta reflexão suplementar dos professores pôde conduzir os alunos em experiência a reflectirem mais eles próprios e esta mudança no modo cognitivo teria favorecido os resultados das aptidões não verbais requeridas pelo teste de Q.I. utilizado. Para resumir, digamos que, graças ao que diz, como e quando o diz, pelas expressões do seu rosto, pelos gestos e talvez pelo contacto, o professor pôde comunicar às crianças do grupo experimental que esperava uma melhoria dos seus resultados intelectuais. Uma tal comunicação, de par com uma possível modificação das técnicas pedagógicas pode ter contribuído para a aprendizagem da criança, modificando a concepção que ela tinha de si própria, a confiança nas suas possibilidades, as suas motivações, a sua maneira de aprender e as suas aptidões”.

Segundo Becker, “a diversidade sociocultural que caracteriza a população escolar arrasta consigo sérios problemas de adaptação ou ajustamento para os profissionais do ensino já que se vêem envolvidos numa situação em que são obrigados a interagir com uma clientela escolar que, em certos casos, se afasta ostensivamente, dos seus padrões e ideais (...) os professores tendem a classificar os clientes (os estudantes) em termos do grau em que eles se afastam desse ideal” (em Gomes, 1987:37-38).

Na análise de Gomes (1987:39), a ideia do “aluno ideal” concebida pelos professores, com base num modelo social, segue os seguintes aspectos: “primeiro, o de que para a professora envolvida na investigação é mais fácil e gratificante ensinar alunos cujas características e hábitos culturais se ajustem ao tipo ideal de estudante. Segundo, que a metodologia pedagógica (incluindo técnicas e trabalhos na sala de aula) é concebida em função do ‘estudante-ideal’. Terceiro, e este é um aspecto muito importante, os alunos incluídos pela professora, no conceito de ‘cliente-ideal’, pertencem aos escalões superiores da estrutura social”, ou seja, “alunos que correspondem à sua própria definição de sucesso (...) No fundo, tratar-se-ia de expectativas antecipadamente construídas pelos professores de acordo com os seus próprios ‘grupos de referência’, isto é, os sectores da sociedade com os quais o professorado, globalmente considerado, se identifica”. Gomes (1987:45) refere a investigação realizada por Ray C. Rist com base num conjunto de informações sobre os alunos em sala de aula, à qual “a professora não só estava em condições de estabelecer uma relação entre o seu próprio conceito de ‘cliente-ideal’ e as informações disponíveis sobre o *status* social e o ‘perfil’ académico das crianças, como tinha, em função da avaliação realizada, organizado a interacção na sala de aula com base num deliberado modelo de estratificação social”.

Os estudos de Seaver (em Jesus, 1997:11) mostram que a expectativa do professor se repete associando aos irmãos os resultados obtidos pelo irmão mais velho. Verifica que, quando os irmãos mais velhos obtinham melhores resultados escolares, sendo classificados como “bons alunos” pelos professores, também os mais novos alcançavam melhores resultados, comparativamente àqueles cujos irmãos mais velhos haviam sido rotulados de “maus alunos”. Isso ocorria quando o professor era o mesmo para os dois irmãos (grupo experimental), mas já não ocorria quando o professor era diferente (grupo de controle).

Good (1970) observou a interacção de professores com alunos fracos, médios e bons, no ensino primário. Concluiu que todos os professores tiveram mais interacções com os bons alunos do que com médios e que 10 dos 11 professores tiveram mais interacções com os bons alunos comparativamente aos maus. Os resultados indicaram que as interacções dos professores com bons alunos foram mais positivas e facilitadoras comparativamente aos maus alunos (em Flores, 2003:23).

Atendendo a que, segundo alguns autores, as expectativas são estabelecidas num processo de *mão dupla*, ou seja, entre professor-aluno e aluno-professor, Feldman e Prohasca referem que “logo no primeiro encontro com um novo professor, os alunos desenvolvem expectativas a partir do aspecto físico, do sexo, da raça, da idiossincrasia comportamental do

professor. Estas expectativas são captadas de qualquer forma pelo professor que é levado a agir conseqüentemente” (em Oliveira, 1992:56).

Ferreira sintetiza deste modo os resultados dos estudos realizados sobre o efeito das expectativas professor-aluno: Rosenthal e Harris (1986) demonstram que os efeitos das expectativas existem de facto e têm implicações práticas importantes nas relações interpessoais e intergrupais; Levesque e Lowe (1992) afirmam que as expectativas “tendem a influenciar a relação afectiva com os alunos, os desempenhos futuros e os próprios comportamentos na interacção desenvolvida na sala de aula”; Cooper et al., (1975), Baron et al., (1985), Wiley e Eskilson, (1978), Tom e Cooper, (1986) apontam para a tendência dos professores em terem baixas expectativas em relação ao desempenho escolar dos alunos negros e alunos brancos de classes sociais desfavorecidas, bem como em atribuírem mais frequentemente o sucesso escolar a causas internas aos alunos brancos da classe média, do que aos alunos de grupos minoritários; Babad et al., (1982), Cooper, (1979; 1985), Good et al., (1973) referem que a existência de diferentes expectativas em relação aos alunos influencia os comportamentos na situação de interacção na sala de aula (em Ferreira, 1996:36-44).

Os estudos de Peterson e Berger (1985) consideram três factores fundamentais que afectam a atribuição dos professores sobre o (in)sucesso escolar: a) o desempenho escolar passado, b) as categorias de pertença dos alunos – a raça, o género, classe social e c) os efeitos do papel de “actor” que os professores assumem na interacção com os alunos (em Ferreira (1996:41).

O estudo experimental de Babad et al. (1989) “também se centra na relação entre as expectativas dos professores e os seus comportamentos, os quais reflectem e acabam por comunicar aos alunos as suas expectativas”; Jussin (1989; et al., 1996) desenvolve “uma abordagem crítica à teoria das *‘profecias auto-confirmatórias’* considerada como enviesamento fundamental na compreensão das expectativas”; Meyer (1985) “ao reflectir sobre as diferentes abordagens das expectativas dos professores, refere que elas têm vindo a confirmar, não só a existência de diferenças nessas expectativas em relação aos alunos, mas, também, a sua *exactidão* face aos desempenhos reais dos alunos”; Bar-Tal et al. (1989) “aborda a questão dos estereótipos dos professores acerca dos alunos, no sentido de perceber a sua influência nas atribuições e expectativas sobre os desempenhos escolares, comparativamente à influência de outras fontes de informação sobre os alunos”; Monteiro et al. (1993) refere que os resultados do (in)sucesso escolar são atribuídos pelos professores “em termos do *locus* de causalidade: ao sucesso escolar atribuem a causas internas como as

capacidades cognitivas, a motivação, o esforço e as características emocionais; o insucesso atribuem, em igual medida, a causas internas e externas (cooperação da família, assiduidade)” (em Ferreira, 1996:47-49:54:59).

Ainda segundo Ferreira (1996:45) referimos alguns estudos feitos pelos autores Brophy e Good que são significativos: Brophy (1985) refere que “na interacção, os professores não transmitem todos, da mesma forma, as suas expectativas aos alunos. Os efeitos são mediados não só pelos comportamentos, mas também pelas reacções dos alunos a esses comportamentos”.

Os autores Brophy e Good (1985) referem “outro tipo de variáveis que constituem mediadores dos efeitos das expectativas” e analisam o “nível de flexibilidade das expectativas, são definidas em três categorias de professores *pró-activos*, *reactivos* e *ultra-reactivos*, sendo que os *pró-activos* são os que mais facilmente modificam as expectativas, ao contrário dos *ultra-reactivos* cujas expectativas estereotípicas dificilmente se alteram. A maioria poderá ser classificada na categoria *reactiva*, ou seja, capaz de alguma adaptabilidade das expectativas face às situações observadas”.

Brophy (1985) debruça-se sobre os efeitos das expectativas dos professores, apresentando um modelo que tem como objectivo identificar as várias fases da interacção professor-aluno. O autor refere que no início do ano escolar, os professores formam diferentes expectativas sobre os desempenhos dos alunos, às quais estão inerentes diferentes comportamentos em relação a cada aluno, através desses comportamentos, os professores transmitem aos alunos aquilo que esperam deles em termos de desempenho escolar e comportamentos. O tipo de relação que se estabelece a partir desses comportamentos, se for consistente no tempo, afecta a conduta dos alunos na sua interacção com o professor, bem como os seus níveis de aspiração e motivação. Estes efeitos nos alunos tendem a reforçar as expectativas dos professores, ou seja, os desempenhos e comportamentos que os alunos desenvolvem tendem a ser consistentes com essas expectativas.

Em suma, as expectativas dos professores funcionam como “profecias auto-confirmatórias”, ou seja, como reais preditores dos desempenhos dos alunos; e, finalmente, em Brophy e Good (1974; Cooper, 1979 em Brophy 1985) o *nível de visibilidade dos alunos* no contexto de sala de aula condiciona as expectativas e comportamentos dos professores com os alunos que tenham comportamentos disruptivos, os professores tenderão a estabelecer uma relação mais virada para a avaliação das condutas do que para o estímulo dos desempenhos escolares. Os alunos com comportamentos menos “visíveis” poderão levar os professores a estabelecer expectativas incorrectas (em Ferreira, 1996:44-46).

Os estudos realizados por Amado (em Alves, 2004:47) demonstram que o “momento do primeiro encontro” de professores e alunos na sala de aula constitui uma fase exploratória de interacções, digna de ser observada e compreendida, pois dele emergem padrões de comportamento e de interacções mais ou menos estabelecidos para o futuro.

Em carácter reflexivo, Santos (1985:23) refere que “o professor detém poderes de um quase Pigmalião”: pode ajudar a desenvolver nas crianças, seus alunos, a confiança em si mesmo e nos outros, o deslumbramento perante a vida e a aprendizagem, a vontade de deixar um testemunho benéfico ao mundo; como pode contribuir para destruir a chama da curiosidade de aprender, da vontade de viver, da confiança em si e nas suas possibilidades de crescer e de se aperfeiçoar.

Como também para Rosenthal e Jacobson (em Oliveira, 1992:10) “o professor pode fazer maravilhas, apesar das circunstâncias adversas em que tantas vezes se processa o ensino e a aprendizagem. Por isso, é sobre ele que se deve concentrar a investigação. Ele é o caminho mais económico e eficaz para atingir uma melhoria substancial na educação escolar”. Na mesma linha afirma Oliveira (1992:11) “o professor, qual Pigmalião na sala de aula, apaixonando-se pela obra que vai criando - os alunos – dar-lhes-á vida: isto é, apreciando a sua missão e alimentando expectativas positivas quanto aos alunos, fá-los-á render intelectualmente”.

Do quanto fica dito, parece que podemos inferir que, para além dos aspectos cognitivos da aprendizagem, é imprescindível sublinhar a importância dos aspectos socio-afectivos no processo educativo e, mais concretamente, na relação educativa escolar (Pinho, 1991:96). Cabe à análise sociológica, designada como ‘micro-sociologia’, afirmar que “na sala de aula está tudo, ou seja, na relação entre professor e alunos, activada em múltiplos contextos sociais e culturais, estão presentes muito mais que desafios e questões de ordem pedagógica e didáctica, a sala de aula é um jogo complexo, muito mais complexo do que à primeira vista pode parecer” (Gomes, 2008:2).

Capítulo 2 - Método de Investigação

Nesta investigação, o processo de recolha de dados integra-se na metodologia de investigação qualitativa interpretativa⁹, pelo método e pelas técnicas utilizadas. Trata-se de uma estratégia metodológica que possibilita o estudo de casos¹⁰ aprofundados, atendendo que o tema de estudo incide, principalmente, no carácter relacional¹¹ dos agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem. A investigação tem uma forte componente descritiva, recorrendo para o conseguir à transcrição de excertos das entrevistas, documentos, conversas informais e a interpretação dos dados. Assim, “os dados recolhidos são em forma de palavras e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994:48).

A estrutura metodológica desta investigação articula-se segundo o modelo de De Bruyne et al. (1975), em volta de quatro pólos metodológicos, cuja interacção constitui o aspecto dinâmico da investigação. O pólo epistemológico com a função de assegurar a construção do objecto de conhecimento na sua dimensão discursiva numa linguagem científica, seguindo os critérios de cientificidade, isto é, objectividade, fidelidade e validade. O pólo teórico proposto pelas teorias do (in)sucesso escolar na interpretação dos factos, de especificação e de definição das soluções provisoriamente dadas às problemáticas. O pólo morfológico que se relaciona com a estruturação do objecto científico, através de três características: exposição do objecto de conhecimento através dos resultados, reporta-se a um espaço de *causação* (a “explicação” remete para um tipo de causalidade “externa” e a “compreensão” origina um tipo de causalidade “interna”) e, por último, por permitir uma *objectivação* dos resultados da investigação. O pólo técnico passa pela recolha das informações sobre os estudos de caso (dois alunos) por meio de entrevistas, documentos, conversas informais, questionário, convertidas em dados pertinentes face à problemática da investigação (em Lessard-Hébert, 2008:16-27).

O procedimento metodológico para a identificação de cada caso de estudo, caminhou no sentido de encontrar uma escola do Ensino Básico inserida num bairro popular com alunos provenientes das classes desfavorecidas que tivessem casos de alunos com um percurso escolar de insucesso revertido para o sucesso escolar.

⁹ As teorias interpretativas “são avaliadas em função da sua capacidade de ‘atribuição de significados, (de) elucidação do sentido em resposta a interrogações existenciais” (Van der Maren em Lessard- Hébert, 2008:89).

¹⁰ Que segundo Merriam (1988 em Bogdan e Biklen, 1994:89) consiste na observação detalhada de um contexto, um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”.

¹¹ Ao qual segundo Lahire (2004:349-350) refere que “a consciência de qualquer ser social só se forma e adquire existência através das múltiplas relações que ele estabelece, no mundo, com o outro” (...) como “seres sociais constituídos *na e pela* interdependência”.

Referimos como um ponto positivo a possibilidade de desenvolver a investigação em dois países de língua portuguesa: Portugal e Brasil. O trabalho de campo nos dois contextos decorreu entre Fevereiro de 2009 a Maio de 2009.

O estudo consiste na reconstrução da história da vida de dois alunos, centrado na sua vida escolar, um em Portugal e outro no Brasil. O facto da investigação ter sido realizada nos dois países deu-se por duas razões principais: enriquecimento do trabalho ao estudar o tema da investigação em culturas diferentes e pela oportunidade de estar no Brasil durante parte do tempo destinado ao trabalho de campo.

Este estudo multicaseos¹² (Lessard-Hébert, 2008:169) realizado em universos geograficamente distantes, impressiona, por um lado, pela singularidade de cada caso e, por outro, pela sua similitude, tanto no que concerne aos procedimentos, crenças e pedagogia dos respectivos professores como, também, e, principalmente, pelos factores que impeliram esses alunos detentores de baixa auto-estima, desinteresse, desmotivação e revolta, a transpor a “fronteira” do fracasso escolar e a transformar suas vidas. Revelam que, mais do que vontade de aprender, adquiriram uma nova perspectiva de vida tanto para eles como para as suas famílias.

As entrevistas foram realizadas como estratégia dominante por se tratar de histórias de vida contadas pelos *sujeitos*, caracterizadas pela representação própria de suas trajetórias de vida pessoal e escolar, com o objectivo de recolher “dados descritivos na linguagem do próprio *sujeito*, permitindo desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os *sujeitos* interpretam aspectos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994:134).

Tendo em conta o facto das entrevistas consistirem numa situação provocada e não casual, aliado às contingências de tempo disponível, tanto dos entrevistados como também da própria investigação em curso, cuidámos que estas decorressem num clima agradável, de à vontade e assertividade, de forma para que os entrevistados pudessem partilhar as suas histórias de vida.

As entrevistas aos adultos foram feitas através de perguntas abertas, no sentido de enfocar os pontos relevantes ao estudo para que os *sujeitos* discorressem sobre suas vidas num discurso espontâneo e claro, “revivido” com emoção, permitindo, assim, uma leitura factual diacrónica e sincrónica das situações.

¹² Bogdan e Biklen (1982), como antes Glaser e Strauss (1967), propõem a utilização deste modo de investigação quando o objectivo de uma investigação qualitativa é o de formular teorias “enraizadas” (Lessard-Hébert, 2008:170)

No caso das entrevistas com as crianças (alunos) houve maior necessidade de recorrer sistematicamente às perguntas do guião, como também de interpor uma conversa informal para facilitar o discurso e contribuir para um “reflexionamento (porter sur) primeiro sobre os factos não-observáveis (do passado), através de coordenações das acções (abstracção reflexionante) e, em segundo, por reflexão” (Piaget em Becker, 2000:90) do seu percurso de vida, feita pelo próprio. Preocupámo-nos em contornar as respostas monossilábicas (do tipo: “é”, “sim”, “não”) recorrendo a uma conversa descontraída e de interesse do *sujeito* girando em torno do assunto pretendido, num “movimento heurístico de ‘ida e volta’ da biografia para o sistema social, do sistema social para a biografia” (Ferrarotti em Conde, 1991:173).

Em se tratando do emprego da metodologia qualitativa, a recolha de dados implica no relacionamento entre os *sujeitos* da acção, ligados directa ou indirectamente ao processo educativo, factor esse que envolve situações de estar em “presença de”, conseguir aproveitar a oportunidade, muitas vezes única, e dela tirar o máximo proveito.

Referimos como um ponto menos positivo o facto das entrevistas com os alunos não terem beneficiado de mais tempo para se estabelecer uma relação mais próxima entre entrevistador/entrevistado, na eventualidade, de ultrapassarem melhor as características próprias do *sujeito* (timidez, dificuldade de linguagem, evocação de acontecimentos passados).

Como pontos vantajosos referimos o acesso privilegiado às fontes de investigação (lugares, pessoas, documentos) e às condições de logística de campo, que advieram do conhecimento pré-existente das entidades legítimas de poder (Secretaria da Educação Municipal - Brasil e Conselho Executivo do Agrupamento - Portugal). Estes apoios revelaram-se fundamentais na medida em que facilitaram o trabalho de investigação e a reciprocidade entre os intervenientes da pesquisa pelo interesse e vontade de colaborar no estudo do tema.

A investigação teve como ideia central o conhecimento do trajecto de vida escolar dos alunos, o mais aprofundado possível, pela reunião diversificada de fontes: Entrevista ao aluno, à sua mãe, a professoras e à psicóloga. Documentos Oficiais recolhidos nas escolas (Registos Biográficos do Aluno, Registos de Avaliação, Fichas de Avaliação, Planos de Recuperação, Avaliação dos Planos de Recuperação, Auto-Avaliação, Avaliação das Actividades de Enriquecimento Curricular, Avaliação Apoio Sócioeducativo, Relatório Psicológico, Lista de Provas Aferidas, Questionário do Aluno, Faltas do Aluno, Relatório para a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, Histórico Escolar do Aluno, Projecto Político

Pedagógico, Plano de Trabalho Anual Escolar, Quadro Geral de Formação das Classes (2008) ver anexo, Notas de Trabalho de Campo e Conversas Informais.

As entrevistas com os alunos para além de um guião mais elaborado de perguntas, primou pela conversação e pela utilização de estratégias lúdicas *como se de um jogo se tratasse*; com o João foram utilizadas as propostas “se tivesses o poder de” e “outro dia, um menino disse-me que estudar era para ele como se fosse a *chave* para o futuro, para ter um futuro feliz”. Ele gostou da ideia e discorreu sobre os assuntos com espontaneidade. Concluimos ter sido um ponto positivo na entrevista. Recorremos, também, à utilização de um esquema desenhado no papel (linha do tempo) com dados referentes à trajectória escolar no sentido de dar referencial cronológico/factual.

Na entrevista com o Regis as propostas foram “se tivesses uma varinha mágica, o que farias com ela?”, “agora vamos entrar na terra do faz de conta, se hoje o Regis fosse o director de uma escola, o que farias?”, esse tipo de recurso revelou-se vantajoso, atendendo à dificuldade de verbalização do entrevistado.

Na entrevista foi autorizado pelos entrevistados a utilização de gravador áudio e máquina fotográfica, notas de campo e a participação dos entrevistados na escrita de textos e/ou desenhos e apresentação de trabalhos de artesanato (no caso do Regis).

Foram escritas notas de trabalho de campo referentes a situações, factos, datas, documentos, registos biográficos, conteúdos etnográficos, dados sobre as escolas, entre outras referências significativas para a investigação. Toda a multiplicidade (quantitativa e qualitativa) das fontes foram codificadas de modo a tornar mais fácil a sua identificação (ver Anexos – 1.).

O caso do João

Em Portugal o estudo de caso teve início num Agrupamento de Escolas do Concelho de Cascais, que integra dois Jardins de Infância e cinco escolas de 1º Ciclo do Ensino Básico.

A escolha deste Agrupamento deveu-se ao facto de ter conhecimento que esta escola recebe alunos provenientes de classes desfavorecidas, principalmente de uma das suas escolas de 1º Ciclo que carrega consigo um “estigma”, de um lado, por estar inserida no centro de um bairro social reconhecido como problemático, por outro, pela instabilidade dos professores, o que levou essa escola, durante alguns anos, a ser considerada Escola de Intervenção Prioritária.

Os primeiros contactos com o aluno foram estabelecidos no Agrupamento, por estar a frequentar o 5º Ano de escolaridade, nos horários de intervalo e de saída do aluno. Nesta abordagem, ao ter mencionado o nome da professora do último 4º Ano de escolaridade, o aluno mostrou-se disponível e entusiasmado em colaborar, tendo ele próprio optado por conversar com a mãe. Ainda referimos, como ponto positivo a considerar, o facto da mãe do aluno ter demonstrado o máximo interesse em falar sobre a história de vida do filho e dela própria, tanto mais que, nesse período, estava a fazer um curso pós-laboral de oficial de cabeleireiro, em Lisboa. Ela mesma, por telefone, marcou a entrevista, em sua casa, no seu dia de folga no trabalho. A sua participação na investigação deixou transparecer o reconhecimento e agradecimento que nutre pela professora do último 4º Ano do filho.

Pelo tempo dispendido na entrevista com o João, optámos por marcar outros encontros para a escrita de um texto significativo da vida escolar e um desenho que ilustrasse a sua relação com a professora. Em carácter informal, saímos para lanchar no café, dando oportunidade a que o João narrasse outros factos da sua vida actual: como a sua relação com o padrasto, visita a casa da avó no Alentejo, entre outros.

A pesquisa documental referente ao João foi realizada através do acesso ao Processo Individual do Aluno que continha o Registo Biográfico, Registos de Avaliação, Resultado da Prova Aferida do último 4º Ano de Escolaridade, Relatório da Psicóloga (segundo 4º Ano), Planos de Recuperação, Avaliação do Apoio Socioeducativo (4º Ano) e outros documentos¹³.

O caso do Regis

O segundo estudo de caso, decorreu num bairro periférico popular do município de Atibaia, Estado de São Paulo, Brasil. A cidade dista 60 quilómetros de São Paulo, que ainda permanece com características de uma cidade de interior.

Foi por intermédio da Secretaria da Educação da Prefeitura da Estância de Atibaia, na pessoa da Supervisora de Ensino Claudia Lessi, que ao ter conhecimento do tema de estudo passou a investigar e a fazer o levantamento de casos de insucesso para sucesso escolar em todas as escolas do município, chegando assim à Escola Padre Pedro Tamassia situada num bairro popular na periferia da cidade.

Nessa Unidade Escolar (UE) encontrámos a professora Lira (nome fictício), reconhecida pelo Departamento de Educação, por ter revertido casos de insucesso em sucesso

¹³ Os documentos constam dos anexos.

escolar nas suas turmas, tendo sido homenageada por uma Entidade Filosófica da cidade e, também, referenciada pela Directora da Escola.

No primeiro encontro, a Directora e a Professora disponibilizaram-se a fazer um levantamento histórico-factual do aluno Regis, documentação, registos fotográficos e relatórios da professora (da turma e do aluno).

O papel da professora foi decisivo: ela revela total disponibilidade sacrificando inclusive o seu horário de almoço, dos intervalos e das horas de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Colectivo) e foi ela que contactou com o aluno, actualmente a frequentar o 7º ano em outro Estabelecimento de Ensino.

Em concordância com a Directora da Escola, optámos por ir à casa do aluno Regis para fazer a entrevista com ele. Tivemos uma conversa informal com a mãe do aluno, à porta de sua casa. Verificámos pouco à vontade em que a entrevista fosse realizada em sua casa, possivelmente pela precariedade das condições da habitação. De imediato sugerimos que a entrevista fosse feita nas instalações da escola, ao que o aluno aceitou. A entrevista decorreu na sala dos professores (em privado) e teve a duração aproximada de uma hora. Com a anuência do Regis a entrevista foi gravada e foram tiradas algumas fotografias.

Com a expectativa de conhecer o artesanato do Regis, por ter sido um elemento importante para a **transformação** do aluno, tal como refere Morin “o humano que é um ser complexo, pois concentra fenómenos distintos e diversos capazes de influir em suas acções e transformar-se sempre” (em Petraglia, 2005:47), não medimos esforços para ver o mostruário do artesanato que realizava. Os dados recolhidos deste encontro foram: conversa informal com a irmã, fotos, filmagem e aquisição de algumas peças de artesanato.

Pela análise dos dados podemos inferir que na relação tempo/dados recolhidos, a investigação atingiu seus objectivos.

Capítulo 3 - Duas histórias de vida no tempo da escola

3.1. História de vida (escolar) do João

No 1º Ciclo, o João frequentou três escolas:

Escola A frequentou durante dois anos, (1º e 2º Anos), tendo reprovado no 2º Ano

Escola B frequentou durante o ‘segundo’ 2º Ano, o 3º e o 4º Anos (foi reprovado no 4º Ano)

Escola C frequentou um ano (4º Ano) e conclui o 1º ciclo

Quadro 1 - Percurso escolar do João

FASE A					FASE B	
1º Ano 1ª Vez	2º Ano 2ª Vez	2º Ano 3ª Vez	3º Ano 4ª Vez	4º Ano 5ª Vez	4º Ano 6ª Vez	5º Ano
Escola A	Escola A	Escola B	Escola B	Escola B	Escola C	Escola D
Professor A	Professor A	Professor B	Professor B	Professor C	Professor D	Diversos
Satisfaz a)	Fraco Não Satisfaz	Satisfaz Pouco Satisfaz	Satisfaz Pouco Satisfaz	Não Satisfaz Prova de Aferição E/E c)	Satisfaz/Bom Prova de Aferição A/C c)	Satisfaz (com sucesso)
			Plano Recuperação	Plano Recuperação	Plano Recuperação	
Transita b)	Reprova	Transita	Transita	Reprova	Transita	Transita

- a) Esta linha corresponde à apreciação global do respectivo(a) professor(a) ao longo dos 3 períodos de avaliação.
 b) Esta linha corresponde ao resultado no final do ano lectivo.
 c) Critério de avaliação (Matemática/Língua Portuguesa): A, B, C – positivo e D, E – negativo.

Como fica visível no Quadro 1, a inversão do percurso escolar do João acontece quando este frequenta a escola pelo 6º ano e ainda não conclui o 1º ciclo: nesse momento verifica-se uma mudança de escola. Assim, podemos distinguir duas fases no seu percurso escolar: fase A em que ocorre o insucesso escolar e fase B em que o aluno adquiriu as competências para transitar para o 2º Ciclo com sucesso escolar.

Vamos confrontar a sua vivência familiar e escolar nestas duas fases.

3.1.1. Contexto familiar

O agregado familiar actual do João é constituído pela mãe, 35 anos, cabeleireira, 12º Ano de Escolaridade (tirado em horário pós-laboral já a viver em Cascais), assalariada; o padrasto, 29 anos, 12º Ano de Escolaridade (segundo a mãe, ele frequentou três anos de Direito no Brasil), motorista de camião, assalariado; a irmã mais velha, 15 anos, 10º Ano de Escolaridade; a irmã-gémea com 13 anos, 6º Ano de Escolaridade (pela 2ª vez) e a meia-irmã de 1 ano de idade. O pai tem 40 anos, GNR, 9º Ano de Escolaridade, tem pouco contacto com o João.

FASE A

Até aos sete anos de idade (2º Ano de Escolaridade) a família do João caracterizava-se por ser uma família tradicional (pai, mãe, três filhos), organizada e estável. A família vivia em casa própria. Segundo a mãe, o João “ia fins-de-semana ou, às vezes, até durante a semana, de vez em quando, para os avós paternos ou vice-versa para os avós maternos, vivíamos na mesma localidade e era bastante próximo” (EMJ:1). A convivência com os avós maternos, principalmente com a avó “Maria”, marca a vida do João. Na sua opinião, a avó é uma pessoa “feliz”¹⁴. Segundo a psicóloga, essa predisposição da avó, aproxima-os, por estar em consonância com a sua forma de estar na vida (real ou imaginária) (EJ:8-9). Por influência da vivência com os avós revela familiaridade com os valores do meio rural. Fala do seu gosto pela natureza, animais e plantas.

No final do 2º Ano de Escolaridade ocorre a separação dos pais passando a família a ter uma configuração monoparental, ou seja, mãe e três filhos, apresentando uma situação financeira precária.

Ainda nesta fase, já em Cascais, a mãe convive com o namorado maritalmente durante uns meses, para em seguida contrair um segundo casamento.

Segundo a psicóloga, na análise às provas projectivas, o João revelou, além do que está escrito no relatório¹⁵, na parte emocional, sinais de insegurança que, eventualmente, podem estar relacionados com a sua história familiar. Refere ainda que “o pai abandonou-o, o pai não quer saber dele, e daí surgirem esses sinais de insegurança e a não abordagem das relações familiares... quer dizer que poderá haver ali algum traumatismo. Dessa forma, a situação

¹⁴ Ver o desenho da família, facultado a esta investigação pela psicóloga da Junta de Freguesia a prestar serviços à escola e que acompanhou o João durante o ano lectivo de 2007/2008.

¹⁵ Ver o Relatório da Psicóloga RPSI4a em anexos.

familiar marcou a vida dele e portanto é uma questão defensiva. No desenho da figura humana, há uma identificação inconsciente com a mãe, o que significa que ela realmente deve ser muito importante. Há alguma agressividade contida nele, que ele de vez em quando, por qualquer motivo, pode transbordar e pode transparecer. Ele tem alguma dificuldade em funcionar segundo o princípio da realidade, isto pode estar relacionado pelo facto dele ter uma realidade familiar um bocadinho complicada. Portanto, isso faz com que ele funcione muito no princípio do prazer, ou seja, ele sonha muito, faz muitas coisas que ele imagina, para se defender daquilo que, se calhar, o traumatiza e que ele quer esquecer, ao fim e ao cabo” (EPSIJ:1-2).

Uso de escrita na família

Segundo a mãe, a família gosta de ler “até mesmo o pai, todos nós”. Lahire afirma que o capital cultural não basta, é necessário “tempo” e a presença de “disposições harmoniosas a todo instante, de maneira sistemática, regular e duradoura” (2004:338-340).

A mãe prossegue dizendo “a respeito disso, teve uma altura que o João gostava de ler aqueles livrinhos de contos, e ele até mesmo nisso estava desmotivado, comprámos-lhe uma vez um livro que ele gosta muito que era ‘as galinhas não sei o quê’ tinha qualquer coisa assim, acerca de animais que já nem me lembra bem qual era o assunto, e ele disse ‘**para quê essa porcaria, mãe, a professora diz mesmo que eu nunca hei-de ser ninguém, que eu sou burro**’ e acabou”.

Expectativas de futuro

Em relação às expectativas de futuro, a mãe afirma que “na altura pensava muito que o futuro não ia ser o melhor, não é? Achava que ia complicar a minha vida e a vida dele em muitas situações, que ele não havia de ter grande evolução, e mesmo a minha, como mãe, que me ia sentir magoada de não conseguir ver meu filho bem, porque acho que qualquer mãe quer ver um filho bem. Já estava até tentando procurar através de médicos, qualquer sugestão, que me aconselhassem que estivesse ao meu alcance, no meu ponto de vista, para levar a situação para a frente”.

FASE B

A mãe fica grávida (gravidez de risco) com graves problemas de saúde que se reflecte em maior responsabilidade do filho para com a família. No parecer da Psicóloga “há um elo de ligação entre todos os elementos da família, isso é bastante notório. Associado a um sentido de responsabilidade, por parte do João, muito grande (...) e, portanto, ele esforça-se muito para que aquela família não se desfaça, como aconteceu há uns anos atrás”.

O João ainda está em fase de adaptação a essa nova estrutura familiar constituída pelo padrasto, mãe, duas irmãs e uma meia-irmã (EMJ). Segundo Lahire, o rendimento escolar “depende muito das configurações familiares de conjunto” (2004:338).

Em Cascais, a mãe passa a trabalhar como funcionária num salão de cabeleireiro e tira o 12º Ano em horário pós-laboral (EMJ).

Uso de escrita na família

Segundo a mãe, neste ano lectivo o João “gosta de livros e como pode ver no quarto dele, ele tem livros. Gosta de ler e não é livros com desenhinhos, ele gosta de ler histórias e de saber”.

Expectativa de Futuro

A mudança para o sucesso escolar implicou na mudança das expectativas registadas nas seguintes afirmações. Segundo as expectativas da mãe “são positivas (com ênfase na voz). Cheguei a chorar muitas vezes em casa que via a minha filha mais velha evoluindo, tá no décimo ano com quinze anos e ele não (...) hoje, penso que ele, se não houver nada desconstratempo pelo meio, que ele consiga alguma coisa da vidinha dele”. Na opinião da Psicóloga, “vai ter sucesso (...) e eu acredito que vai ter mesmo, porque isso é meio caminho andado, porque ele está motivado para isso. (...) Porque agora ele acredita nele, que era coisa que não acontecia, que é aquilo que ele não teve”.

A explicação do João passa por esta analogia, a escola é “como fosse um desafio e no fim desse desafio dão-te a chave para o próximo desafio, até chegar o último desafio e com uma chave maior, pronto, vai abrir as portas pro sítio que tu queres, para aquele emprego, para aquele outro emprego, é assim. (...) Vai depender também dos professores, como

ensinam os professores, a forma como eu trabalho também. Numa relação entre as ‘duas chaves’, aluno e professor” (João).

3.1.2. Contexto Escolar

Faremos uma breve referência às primeiras escolas. Entretanto, é na última escola (onde o aluno passa do insucesso para o sucesso escolar) que centrámos a investigação e, conseqüentemente, recolhemos uma maior quantidade de dados.

FASE A

A fase de alfabetização (1º e 2º Anos) o João frequentou em Campo Maior, Alto Alentejo, distrito de Portalegre. A escola está inserida num meio socioeconómico desfavorecido, por estar localizada na parte mais antiga da vila. As famílias apresentam fracos recursos económico e culturais¹⁶.

A segunda escola (segundo 2º/3º/4º Anos) fica situada em São João do Estoril, em Cascais. Dadas as informações, é uma escola situada num local que, embora integrado numa zona habitacional urbanizada e com população de estratos sociais médio e médio alto, confina com um meio suburbano ainda caracterizado por precárias ou modestas condições de sobrevivência e habitabilidade.

FASE B

A terceira escola, (segundo 4º Ano) fica situada no Bairro da Cruz Vermelha em Alcabideche. Funciona num edifício inacabado com condições precárias de conservação e de segurança (NTCJ).

A escola possui uma população discente instável, que varia entre 98 a 128 alunos, devido a mudanças de residência dos alunos, imigração dos Palop's, idas e vindas dos familiares e alunos para trabalhar em países europeus (PCT).

Torna-se importante atentar para o facto do João não viver no bairro, quando veio para esta escola estava a morar em Cascais, deslocava-se diariamente de transporte público. Vir para uma escola, situada num bairro mal afamado, trazendo consigo uma história de insucesso constituía, por si só, um quadro de sucesso improvável.

¹⁶ Os dados foram obtidos pela Internet (características da escola).

3.1.3. Experiência Escolar

FASE A

O João frequentou o Jardim de Infância dos três aos seis anos de idade. (EPSIJ:2). Verificámos que, nessa primeira fase de mudança de ambiente doméstico para o escolar, houve dificuldades de adaptação com consequências advindas do fórum emocional que se traduziu em problemas de saúde. Teve necessidade de um tempo próprio, com a ajuda da mãe, para que pudesse ultrapassar essa fase. O facto da irmã-gémea estar na mesma turma, “ao seu lado”, representava alguma segurança.

A mãe refere que “era muito complicado a gente deixá-lo lá. Houve uma vez até, que aconteceu dele desfalecer, a perder os sentidos, como se fosse desmaiado (...) e a irmã talvez como se fosse uma protecção dele, sempre muito perto dela e se ele tinha necessidade de ir na casa de banho ou se tinha fome, não era a professora que ele procurava era a irmã”.

Nesse ano lectivo a relação educadora-aluno passa sem nota de referência. O João estabelece a “ponte de ligação” com a educadora através da irmã-gémea, recorre sistematicamente a ela, sempre que necessita de satisfazer as suas necessidades.

Começa a frequentar o 1º ano de escolaridade juntamente com a irmã. Apresenta dificuldade de enfrentar a mudança de escola, de professora e de colegas. Segundo a mãe “ia um bocado assim deprimido, muito retraído, até integrar-se novamente noutra sociedade diferente”.

O João recorda “no primeiro dia, ia um bocado envergonhado, quando cheguei não conhecia nada, tinha tocado, a Sofia cheia de vergonha (...) sim, nós tínhamos mesmo vergonha. Entrámos e sentámos um ao lado do outro. Mas, quando nós entrámos na escola vimos que tínhamos lá amigos da pré-primária, então... pronto, lá estivemos com eles assim, depois fomos aos animais”.

As referências que faz à relação com a professora do 1º e 2º Anos de Escolaridade resume-se ao facto de não saber quem seria até aquele primeiro dia (EJ:17). Refere que a professora era “ainda minha prima”, esse parentesco não foi mencionado pela mãe (CIJ). Embora o João não tenha referido ter tido dificuldades, a mãe diz que “o primeiro ano de escola, a professora disse que notava que ele era fraquinho em termos de aprendizagem mais que a irmã, o qual ele começou a sentir-se inferiorizado e começou a não querer ter vontade sequer de ir para a escola”.

O João descreve: “foi assim, fiquei com um bocado de vergonha dela, depois fiquei nervoso, depois aquela parte de dizer o nome [risos] não conseguia falar meu nome, estava nervoso. No primeiro e segundo dia me senti nervoso, no terceiro e quarto já fui me habituando, foram só naqueles dois dias”. A lembrança que ficou é “que tinha corrido tudo bem (...) no primeiro dia tivemos umas coisas...”. Menciona que perguntava quando tinha dúvidas e que a receptividade da professora era “boa, ela aceitava bem. Pronto, ela explicava, eu entendia, ia pro lugar e depois ela fazia no quadro”. O comportamento em sala de aula, cita que “era mais calado, a Sofia que era ‘língua que estica’, ela fala muito ainda” [risos].

No 2º Ano de Escolaridade o João frequenta a mesma escola com a mesma professora do 1º ano. O estado emocional do João, devido aos problemas familiares, reflecte-se na vida escolar, segundo ele, passa por deixar de ter “paciência assim, não tinha paciência para nada, sem paciência (...) a S (irmã-gémea) ainda conseguiu ‘dar a volta’ mas eu fiquei triste e muito abalado” (EJ:14-15).

À pergunta de como fazia na sala de aula quando sentia dificuldades, respondeu: “oh, quando tinha, eu pedia a minha irmã Sofia ao meu lado e ela me ajudava sempre” (EJ:15).

Ao falar sobre o facto de ter reprovado, responde “sim, quando chumbei no 2º Ano a mãe só vinha mais à noite e as minhas irmãs também tinham os trabalhos delas” (EJ:20).

A retenção nesse ano foi sentida como um acontecimento triste na sua vida ao referir “a primeira vez que reprovei fiquei triste” (EJ:6). A ideia da reprovação passa por estar associada aos problemas familiares “isso por causa das discussões do meu pai com a minha mãe me abalava, por causa disso eu chumbei no 2º Ano, fui-me abaixo (...) no 1º Ano estava tudo bem, no 2º Ano eles começaram a discutir e depois, a partir daí, no meio do segundo período, ‘eles começaram a ir para a sala discutir’, daí eu fiquei triste e eu oh’ [bateu as mãos e inclinou uma delas para o chão]... a abaixar” (EJ:19).

No ano seguinte passa a frequentar pela segunda vez o 2º Ano de Escolaridade em outra escola, em outra localidade, com outra professora e a ter que fazer novas amizades. A irmã encontra-se a frequentar a mesma escola, porém, pela primeira vez noutra turma. A mãe refere que “ele aí também se ressentiu porque ele sentia falta dela porque estava habituado a ‘estar juntos’, e só se procuravam nos intervalos e às vezes não dava certo (...) era como se sentisse desprotegido, ele não se sentia bem, queria a irmã ali do lado”.

Segundo a mãe, a relação com a professora do segundo 2º Ano de Escolaridade, “quando entrou na escola de SJE, a primeira professora que ele teve, ele sentia-se apoiado, acarinhado até que, mais ou menos, começou a encaminhar”.

A relação com a professora é referida pelo João como “também era uma boa professora, era assim um bocado ‘rija’ (...) sim, um bocado dura sim, era mais ralar com os alunos, sim era mais isso, era mais o comportamento dos alunos, era mais na sala de aula”.

No 3º Ano lectivo, o João continua na mesma escola e também com a mesma professora do ano anterior. Há pouca informação sobre este ano escolar, não constam referências significativas.

O João menciona todos os professores que teve (incluindo os professores do horário de Enriquecimento Curricular) e a professora do Apoio Socioeducativo. Refere “no terceiro período eu tinha uns ‘tantos’ (os professores do Enriquecimento Curricular) (...) eram duas professoras, uma professora normal e uma professora que estava ajudando na aula, andava no 3º Ano passei para o 4º Ano, foi assim (...) em vez de dar aula, fazia exercícios, igual à turma, a professora (do apoio) dava sempre uma **ajuda**”.

Relaciona a **ajuda** da professora do Apoio Socioeducativo ao facto de ter conseguido transitar de ano. Na sua opinião o Apoio constitui um recurso importante para passar de ano.

Em relação ao apoio familiar, o João refere que “a minha mãe às vezes ajudava, outras vezes não, por motivo de trabalho, ela chega muito tarde, às oito, ela ajuda pouco”.

O João refere-se a este ano de escolaridade como “fui passando... assim...”, quando questionado se tinha a ideia que passava sem ter aprendido o que deveria, diz sem hesitação que “sim”. E acrescenta que tem consciência das suas dificuldades, “a leitura era por causa dos nervos, o nervosismo não deixava (...) e na escrita porque dava muitos erros”.

Passa a ter um Plano de Recuperação. No final do ano lectivo, de acordo com o registo de avaliação final, o aluno transita para o 4º Ano de Escolaridade, tendo atingido as competências mínimas do seu Plano de Recuperação (RA3). A Avaliação do Plano de Recuperação regista que o aluno continua a revelar algumas dificuldades no entanto conseguiu acompanhar a maior parte das competências estabelecidas no seu plano de recuperação (APR3).

No 4º Ano de Escolaridade o João permanece na mesma escola e passa a ter outra professora. Definitivamente é neste ano que a trajectória escolar do aluno fica marcada pelo insucesso escolar¹⁷ (EJ/EMJ/EPSIJ).

A relação professora-aluno revela sérios constrangimentos evidenciados pelos depoimentos como sendo a relação “mais difícil mesmo” (EMJ:15). Segundo refere a mãe, foi “com essa professora que **ele se sentia um pouco inferiorizado** porque, muitas vezes, **falava**

¹⁷ Ver os documentos RA4, PR4, APR4, AASE4 nos Anexos.

para ele com um ponto de discriminação a certos níveis, ‘não trazes lanche, provavelmente a miséria lá em casa é muita’ e ele uma vez respondeu: trago lanche sim, só o que eu não tenho é apetite e sinto-me desgostoso porque sinto a falta do meu pai. Aí, vinha para casa e dizia: mãe, a professora diz que eu isto, que sou assim, **que eu sou inferior aos outros meninos**, que eu estou sempre a olhar na janela, que eu não tomo atenção à aula, eu estou escutando ela, só que estou pensando noutras coisas que me está a preocupar”.

No texto significativo da vida escolar, o João escreve “no primeiro quarto ano não sentia vontade de ir à escola, a professora não me auxiliava muito mas auxiliava os alunos que tinham menos dúvidas. Como a professora não me auxiliava o suficiente para eu perceber a matéria os trabalhos de casa que eu sentia dificuldades para realizar nem sentia vontade para os fazer”. O João afirma que “a professora dava mais atenção àqueles que eram os melhores alunos (...) àqueles que tinham menos dificuldades”. Achas que isso te prejudicou? Ele responde, “sim, tinha na sala de aula aqueles que tinham menos dúvidas e menos alunos que tinham mais dúvidas (...) ela dava mais atenção aos que tinham menos dúvidas”.

Quando questionado se perguntava à professora acerca do que não entendia, explicou: “com a professora do primeiro 4º Ano, ela mandava perguntar aos outros alunos e quando explicava para mim, explicava o que era mais simples que eu já sabia. Ela explicava e, às vezes, eu entendia e outras eu não entendia a explicação que a professora estava a dar...”.

Ao facto de ter reprovado no 4º Ano, o João alude nestes termos, “não liguei”. Sendo-lhe perguntado se ele já estava à espera, disse: “pois”. O João fica pensativo e em seguida responde “acho que era mais... também a escrita... dava muitos erros”.

A atenção e a ajuda dada pelos professores é um aspecto central na avaliação que o João faz de um professor.

- Concordavas como as professoras tratavam os alunos?
- “Sim, menos a do primeiro 4º Ano, ela podia mudar alguns aspectos”.
- Em que aspectos?
- “Como explicar as coisas, dar mais atenção aos alunos”.
- Se tivesses o poder de escolher os professores, o que era mais importante que um professor deveria ter?
- “Muita calma, conhecer os alunos, **ajudar** os alunos”.
- O que apreciavas nas tuas professoras?
- “A **ajuda** que davam” [responde o João com firmeza].

A mãe do João identifica a professora como a principal agente do insucesso escolar do João. **“Para poder ter sucesso nessa escola só se ele tivesse mudado de professora.** Era só a única solução que eu via ali, de outra forma ele não, não era a escola em questão ou os amigos em questão que estavam mal, mesmo o que ele se expressava... não era isso, **era mesmo a professora”** (mãe do João).

Nas Actividades de Enriquecimento Curricular¹⁸ o aproveitamento não condiz com os resultados das aprendizagens em sala de aula (AAEC4). Nos Registos de Avaliação das Áreas Curriculares Disciplinares e Não Disciplinares referente a cada um dos três períodos, a professora escreve as mesmas palavras nos três períodos: revela dificuldades em todas as áreas disciplinares. No 2º Período passou a ter um Plano de Recuperação.

Na entrevista o João demonstrou estar confuso, sem perceber como conseguia obter boas notas nas disciplinas do Enriquecimento Curricular e não nas disciplinas curriculares. Inconformado, repete mais do que uma vez o discurso: “no 4º Ano chumbei, os professores - havia a minha professora - e depois havia o prolongamento¹⁹ e no prolongamento tinha boa nota, nunca tirei lá má nota, na aula é que tinha”²⁰.

A análise dos três relatórios do Apoio Socioeducativo²¹ referentes a cada período do ano lectivo (sendo o último o relatório final) mencionam as mesmas dificuldades que constam do Registo de Avaliação da professora da turma e corrobora no veredicto de que o João não adquiriu as competências essenciais propostas para o 4º Ano de Escolaridade.

Um dado importante verificável é o elevado número de faltas dadas pelo João, inclusivé faltas injustificadas, como comprovam os documentos escritos pela professora e pelo Conselho Executivo do Agrupamento (FA4). A sinalização do aluno à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ4) feita pela professora advém das faltas dadas pelo aluno e aos conflitos da professora com a mãe do aluno (EMJ:2-3).

Como vemos a desvinculação do João à escola fazia com ele saísse de casa e, mais tarde, sem a presença da mãe em casa, voltasse.

¹⁸ As actividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) são aulas extra-curriculares (apoio ao estudo, inglês, música, educação física e outras disciplinas conforme escolha de cada agrupamento) fora do horário lectivo (dentro ou fora das instalações da escola).

¹⁹ Refere-se às actividades de Enriquecimento Curricular.

²⁰ A Auto-Avaliação feita pelo João durante este ano, revela que ele executa esta actividade limitando-se a colocar um x em alguns ítems e em outras partes deixa simplesmente em branco (AAA4).

²¹ Os alunos com dificuldades de aprendizagem sinalizados pelo professor no final do ano lectivo beneficiam de apoio Socioeducativo, no ano seguinte, ministrado por um professor colocado na escola (sem turma) para apoiar esses alunos no horário das aulas. Um professor apoia todos os alunos com dificuldades de aprendizagem de uma ou de duas escolas podendo, ainda, substituir professores que faltam.

Relação da Professora-Mãe

A professora responsabiliza a mãe pelas faltas do filho. Esta defendeu-se ao referir: “se eu entrava às nove, o João é que descia para a escola quando eu pensava que ele ia e ele voltava para casa porque não queria ir”, como também, culpabiliza-a pelos problemas do filho, “a professora disse que eu estava mal perante o meu filho e se eu não dava apoio e não sei quê, era porque eu não sabia dar a volta” aos problemas familiares (EMJ:2).

A incompatibilidade relacional é agravada em ofensas directas observadas pelo João. Como refere a mãe “a professora disse que a própria mãe era mentirosa, na frente dele, a mãe era mentirosa (...) fui ‘enxovalhada’, a um ponto muito feio!”

Segundo a mãe, “o ano finalizou e ela sempre o discriminou, qualquer falta que o João desse, às vezes, nem queria aceitar a justificação, não aceitava, uma vez até, trouxe uma justificação do médico, ela jurou a pés juntos não aceitar aquela justificação e não aceitou mesmo”. O caso foi comunicado à Directora da Escola (...) porque ela dizia que eu tinha injuriado e (...) ela estava a me desrespeitar e a desconsiderar-me conforme ela disse ‘você é uma miúda não tem capacidades nem para nenhuma coisa’ (...) É assim (...) faltava um pouco de atenção e amor, faltava, mas eu não era Deus Nosso Senhor para estar em todo o lado, era impossível estar lá. Parecendo que não, o João, a respeito disso sentiu-se que disse ‘mãe não vale a pena eu ir porque a professora já não acredita nem em mim nem em ti’ e já não queria ir. E pronto... o João não passou. Eu mesma disse ‘não vale a pena passar o meu filho, eu sei que ele não está preparado e enquanto ele continuar consigo ele não vai levantar’.

FASE B

Quadro 2- Síntese das características psicológicas do João

FASE A	FASE B
Frágil ²² , muito sensível, inseguro, falta de autonomia, dificuldade de adaptação, tímido, irresponsável, deprimido, retraído, baixa auto-estima, revoltado, desinteressado, distraído, triste, desmotivado, assustado, sem paciência, nervoso (RA/EJ/EMJ)	Meigo, educado, simpático, muito responsável, com sentido de humor, pouco tímido, atento às aulas, esforçado, comunicativo, procura a professora para “falar de si”, participa com gosto nas actividades, muito motivado e interessado pelas aprendizagens escolares (EPSIJ/RP4a); dedicação, vontade de aprender, muita força de vontade, convicção, responsabilidade (RA4a)

²² Segundo a mãe, “desde bebé foi uma criança mais melindrosa, que requeria mais carinho porque teve também problemas de sopro cardíaco, a partir daí se ele apanhasse um desgosto ou uma coisa qualquer ele ficava como que ficasse desfalecido, tinha que ser reanimado”.

As características que o João apresenta através do seu historial de vida, apontam para uma criança, tendencialmente, centrada na parte emocional. As relações constituem o eixo central de conduta que regulam seu comportamento.

A relação da professora com o João caracteriza-se por ser uma “relação afectiva” (EPS4J:3). Nos primeiros dias do ano lectivo, a professora percebeu que o João revelava dificuldades. Procurou perceber se havia problemas de visão. Mudou-o para a primeira fila. Soube que precisava de óculos e “diariamente fazia pressão para que ele trouxesse, tinha-me disposto, se necessário, comprar-lhe os óculos” (EPS4J:2). Suspeitando existirem outros problemas de aprendizagem, recorreu à intervenção da psicóloga. A professora refere: “foi fundamental a confiança e a aposta nessa parceria mãe-professora-psicóloga. Estabeleceu-se uma “rede” de apoio e acompanhamento ao João. Foi um processo de conquistas diárias, mostrar-lhe que tinha capacidades e acreditar nisso. A cada dia ficávamos mais próximos. Absorvia tudo com a máxima atenção. A cada conquista, vibrava de contentamento. Fez um percurso muito positivo, sempre evoluindo”. Acrescenta ainda, a importância de “trabalhar diariamente com a criança, estar atenta, estar preocupada, além do mundo da escola, da sala de aula, perceber porque a criança traz os problemas para a sala de aula, o porque de não conseguir fazer as coisas, as suas tristezas, tentar, à partida resolver isto, criar um certo à vontade, amizade entre professor-aluno, ao mesmo tempo, essencialmente a confiança e o gostar um do outro, é importante para o desenvolvimento de qualquer criança. (...) E depois tudo que se possa dar à escola é ouro!”.

A psicóloga refere que “a partir do momento em que ele encontra uma pessoa que lhe faz ver que afinal não é assim, que até não é burro (...) ele começa aos poucos a desbloquear, porque quando uma pessoa bloqueia as capacidades ficam lá, é como se fosse em *stand-by*”. E acrescenta que “quando ele constata que simpatizou com a professora e que a professora se interessou por ele e que até houve uma empatia, coisa que não houve até aquela data, isso fez com que ele **mudasse** completamente de postura (...) houve uma **mudança**, tudo relacionado com o aspecto da relação professor-aluno que, ao **mudar**, começa a ver a realidade de outra forma”.

A mãe refere que “**mudou** mesmo, no primeiro dia que ele foi para escola, (no segundo porque no primeiro ele não foi). Fui deixá-lo no autocarro soluçando, chorando de medo ‘para onde é que vou, como é que vai ser...’ porque a escola também se localiza num sítio não muito favorável e, no entanto, dois dias depois, o João estava todo feliz da vida e foi ganhando, ganhando, ganhando e pronto ‘mãe, **eu gosto da professora**; mãe, a professora é como fosse uma mãe que eu tenho ali, ela escuta-me, ela não me diz que esses problemas não

são para aqui para a aula' e foi motivando-o além do que acho que fortaleceu ali um bocadinho de tudo". E acrescenta: "como é que um miúdo não me sabe escrever praticamente nada, nada, que era mesmo nada. Estava mais próprio de ir para uma segunda classe do que uma terceira classe e depois um miúdo que hoje você vai ver que os erros ortográficos tem muito menos do que a própria irmã. Teve que haver, acho que teve que haver, ali uma base muito boa e muito forte para o levantar. Como ele estava fraquinho... olha vai ficando... não, fortaleceu-o de certa forma, deu-lhe umas bases, deu atenção de vida (...) aquilo que está visto hoje, não tem, não tem... como hei-de dizer, está provado, pronto está provado que fortalecesse, se não fortalecesse ele não continuaria gratificante".

O João atribui a superação das suas dificuldades num só ano lectivo, à ajuda da professora.

"A professora deu mais ajuda, deu mais...para ajudar... fazia coisas mais fáceis para aprendermos melhor, começava do mais fácil para o mais difícil, foi buscar desde o começo e foi ajudando e aprendi a matéria toda" (EJ:35). Descreve a relação com a professora como "uma como os fios, tem assim uma coisa quando se liga, engatou e funcionou muito bem" e acrescenta que "deu boas bases, abriu a porta e agora estou noutra desafio" (EJ:35).

A mãe refere que "o comportamento mudou muito, está mais calminho. Não reage, como reagia, por exemplo, se eu ralhasse com ele, ele reagia numa forma tipo de alguém que não está bem com a vida, pontapé nisto, naquilo, no outro, isto e aquilo. Isso nem precisava de bater, bastava só repreender e ele dizia que estava farto disto, daquilo, do outro **e agora não, completamente diferente, uma criança mais calminha**".

Segundo a Psicóloga do segundo 4º Ano, "o sucesso dele deve-se ao facto de que alguém acreditou nele, que a mãe também sentiu que esse alguém acreditava no filho e também acreditava nela, que estavam a ser solidários e a caminhar todos para o mesmo sentido e que proporcionou nele um desbloqueio emocional".

As análises dos dados deste segundo 4º ano revelam que o aluno se sente: "feliz com novos conhecimentos, mais alegre, com novos valores de vida. Refere que tem uma professora amiga, simpática, alegre, divertida, explica as coisas que nós não sabemos, a professora **ajuda** quando tenho dificuldades" (QA4a).

No final do segundo 4º Ano de Escolaridade todos os documentos convergem num só sentido: a evolução escolar do aluno. Verifica-se através do Registo de Avaliação (RA4a), Plano de Recuperação (PR4a), Avaliações das Actividades de Enriquecimento Curricular onde obteve Suficiente e Bom (AAEC4a), Avaliação do Apoio Socioeducativo (beneficiou de poucas aulas) (AASE4a), Provas de Aferição Nacional tendo obtido notas positivas (nota

máxima “A” em Matemática e um “C” em Língua Portuguesa) (PA4a) e na Auto-Avaliação demonstra ter sido feita com atenção e senso crítico (AA4a).

Relação Professora-Mãe

A professora solicitou a colaboração da mãe. Segundo a mãe, a relação da professora com o filho e com ela traduzem-se pelas palavras, “o João [suspirou] e a mãe foi ouvida, o João acho que teve toda a atenção, atenção melhor do que podia ter tido, tanto que o João, logo no primeiro período, eu vi que não era mais o meu filho que eu estava vendo anterior, que parecia que não... não entrava em nada do que era escola”.

Na opinião da Psicóloga, a interacção da professora com a mãe foi “importantíssima” para o sucesso escolar do João. Refere “esta mãe, se calhar, pela primeira vez, ela sentiu que o filho estava bem, estava mais motivado, estava a ter sucesso (...) a professora é boa para o meu filho também vai ser boa para mim (...) na entrevista que tive com ela, ela deixava transparecer muito que **o insucesso também se associa muito ao professor** e nesta altura sentiu que a professora estava a apostar nele e que o filho estava feliz (...) vinha com uma postura de ajuda”.

Síntese

Podemos concluir que o insucesso escolar do João foi deflagrado logo no início da escolaridade com a retenção no 2º Ano. O efeito da relação professor-aluno e as expectativas da professora são sentidas no depoimento da mãe quando refere que “ele começou a sentir-se inferiorizado e começou a não querer ter vontade sequer de ir para a escola”. Associaram-se outros factores que permanecem durante a vida escolar do João: problemas familiares, as características pessoais, a falta de apoio familiar, separação da irmã-gémea (na primeira retenção).

Os registos dos dois anos seguintes são referidos como o “ir passando” mesmo sem ter adquirido as competências para o ano seguinte.

O primeiro 4º Ano de Escolaridade apresenta-se como o culminar de todo um percurso de insucesso. As expectativas negativas da professora e a relação conflituosa entre o trinómio professora-aluno-mãe consolidam o fracasso escolar do aluno.

No segundo 4º Ano há registo da **inversão da trajectória do aluno** do insucesso para sucesso escolar. As expectativas positivas da professora e a interacção estabelecida com o

aluno, a mãe e a psicóloga estabelecem uma rede de interdependência que contribui para a mudança de vida escolar do João.

Desde o primeiro dia de aulas se estabeleceu uma relação profícua entre professora-aluno. O prazer do poder heurístico está presente no trabalho diário. Os valores axiológicos da professora alimentam a relação: acreditar, ouvir, respeitar, ajudar, a afectividade, a confiança, gostar um do outro. Para o João, as palavras carinho e ajuda permeiam todo o seu discurso e definem a diferença para o sucesso escolar.

É preciso salientar que a escola do segundo 4º Ano do João (Fase B) é uma escola de Intervenção Prioritária com alunos que apresentam graves problemas sociais, familiares e pessoais. A orgânica social deficitária do bairro gera conflitos relacionais entre a população multiétnica que se estende para a escola (sala de aula).

Cabe recordar, também, que a vida familiar do João não se alterou significativamente na passagem da Fase A para a Fase B.

3.2. História de vida (escolar) do Regis

O Regis frequentou uma escola no 1º Ciclo do Ensino Fundamental (Brasil), (o aluno nunca ficou retido²³, apesar de ter tido um aproveitamento insatisfatório, pois no Sistema Educativo do Estado de São Paulo a retenção só pode ter lugar no 4º Ano de Escolaridade, altura em que o percurso se inverteu do insucesso para o sucesso escolar) e actualmente frequenta o 6º Ano de Escolaridade com sucesso em outro estabelecimento de ensino da rede pública.

²³ O aluno transitou de ano (1º, 2º e 3º), dado não haver retenção (a não ser por mais de 50% de faltas injustificadas) no Sistema Educativo do Estado de S.Paulo (Resolução 183/96 da SEE/SP).

Quadro 3 – Percurso escolar do Regis

FASE A			FASE B		
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano
Escola A	Escola A	Escola A	Escola A	Escola B	Escola B
Professor A	Professor A	Professor A	Professor B	Professor Diversos	Professor Diversos
AO Satisfaz	AP Insatisfaz	AP Insatisfaz	AO Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz (a frequentar com sucesso)
			Transita	Transita	Em curso

Legenda

- A – atingiu plenamente todos os objectivos(bom)
- AO – atingiu os objectivos essenciais(satisfaz)
- AP – atingiu parcialmente os objectivos.....(insatisfaz)
- NA – não atingiu os objectivos.....(insatisfaz)

3.2.1. Contexto Familiar

O agregado familiar actual do Regis é constituído pelo pai, idade avançada, trabalhador independente (dono de uma pequena oficina de bate-chapas), sem escolaridade; a mãe, idade avançada, doméstica, sem escolaridade; três irmãos mais velhos de 21, 18 e 15 anos de idade. Os dois irmãos mais novos (18 e 15 anos) continuam a estudar.

FASE A

Segundo a Directora, “o Regis é uma criança carente (com dificuldades económicas), aquela ‘raspinha de tacho’ (o último filho que nasceu tardiamente), a mãe já tem um monte de filhos grandes e nasceu o Regis, então ele é assim até meio mimado”.

As dificuldades económicas estão na base dos problemas da família do Regis (EPDR:21). Família muito simples, pobre e numerosa. É o nono filho de pais com idade avançada. Os irmãos mais velhos desistiram de estudar. Seis deles constituíram família muito jovens.

A precariedade de recursos financeiros e consequentemente das condições de ter os filhos a estudar demonstraram ter sido um dos factores de abandono dos estudos dos irmãos mais velhos. Apenas ele e os dois irmãos (18 e 15 anos) estão a ter a oportunidade de estudar. O Regis refere que ele e os irmãos gostam de estudar (ER).

A mãe demonstra ter um vocabulário restrito e alguma dificuldade de expressar o que pensa. Fala pouco, muito tímida à frente das pessoas (CIMR).

Segundo Lahire, “a escola é um universo de cultura escrita, e podemos nos perguntar se os meios populares não se distinguem entre si do ponto de vista de sua relação com a escrita (...). Para que uma cultura escrita familiar, ou para que uma moral da perseverança e do esforço possam constituir-se, desenvolver-se e ser transmitidas, é preciso certamente condições económicas de existência específicas” (2004:20-24).

FASE B

A mãe reconhece a mudança do filho, afirmando para a professora “olha, o Regis **mudou muito, até em casa!**” (EPDR:24). Ele mesmo confirma que “mudou tudo assim, respeito mais a mãe, o pai (...) cada vez iam perguntando como é que eu ia na escola, comecei a falar que tinha aprendido a ler e a escrever, eles ficaram felizes” (ER:3).

O facto de ter aprendido artesanato com a professora Lira, aproximou o Regis de uma das irmãs mais velhas. São sócios na produção das peças. O produto da renda auferida é revertido em ajuda financeira às duas famílias: dele e da irmã (ER/EPDR).

Os pais não tiveram oportunidade de estudar, mas têm gosto que o filho estude. Ele não faltava um dia e a mãe não faltava a uma reunião e segundo a professora Lira “é motivado a estudar” (EPDR:20-24). Segundo o Regis, os pais “dão valor à escola e também aos professores”. Quando tira boas notas, “eles ficam alegres”, se a nota não for boa “daí tem cobrança, tem que melhorar mais, prestar atenção nas aulas”. A relação com os pais é de “respeito, dou carinho para eles, como eles dão e deram para mim”.

O Regis refere que passou a solicitar a ajuda dos irmãos que estão a estudar para fazer os trabalhos de casa.

Expectativas de Futuro

As expectativas de futuro consistem num projecto conjunto (com a irmã) de ter uma loja de artesanato. A irmã afirma que “esse sonho vai realizar-se”. Ele demonstra estar de acordo

ao sorrir e balançar a cabeça afirmativamente. Ela assegura que, logo que o irmão fizer dezoito anos, constituirão oficialmente uma sociedade e que terão sucesso (CI). O Regis define que o artesanato representa “uma lembrança da professora Lira. Gosto muito dela (...) dá prazer de estar fazendo o artesanato, cada vez mais”.

As expectativas da família mudaram em relação ao futuro do filho (palavras da mãe). Assegura a directora, “a meu ver sim, com certeza. Porque o Regis vinha apresentando tantos problemas e agora já ter o dinheirinho dele trabalhando (...) a gente tira de conclusão é que mudou e muito!”.

3.2.2. Contexto Escolar

A escola localiza-se no Bairro Jardim Cerejeiras, próximo do núcleo das Casas Populares, onde há predominância de migrantes de outros estados.

A escola tem uma população discente de 504 alunos em 2008²⁴, de 1º a 4ª Série (Ano de Escolaridade), distribuídos em dezasseis turmas, com um número elevado de alunos, de 28 a 38 alunos por turma (QGFC8). O Quadro de Professores é composto por uma directora, dezassete professores - dos quais doze são licenciados (PTAE).

A escola desenvolve actividades internas (nas instalações da escola) de combate ao Insucesso Escolar e à Inserção Social dos Alunos com aulas de esgrima e de artesanato e, também, actividades externas (no Pavilhão da ABB) promovidas em parceria com a ABB/Escola/PEA de Natação, Ginástica Olímpica e Artística (NTC).

O procedimento da escola para atender os casos de insucesso escolar passa por reunir parcerias com as entidades do terreno (Secretaria da Educação Municipal, Conselho Tutelar e outras) para definir uma estratégia adequada e viável a cada situação. No 4º Ano do Regis, a escola promoveu um Projecto de Artesanato e Desporto que ajudou a reverter o insucesso de onze alunos (todos repetentes) que estavam prescritos como casos improváveis de sucesso escolar. A Professora Lira ficou responsável pelo Artesanato e por desenvolver os princípios e valores de cidadania. O sucesso do Projecto (no caso do Regis foi decisivo para mudar a sua vida) teve repercussão em todas as escolas do município (EPDR:26).

²⁴ Conforme Quadro Geral de Formação das Classes/2008

3.2.3. Experiência Escolar

FASE A

Na primeira fase, o aluno era descrito pelos professores como desmotivado, provocador, mal educado, violento (agressão verbal e física aos colegas e aos professores), agitado (RPR), indisciplinado e “bagunceiro” (ER:7). Segundo descrição da professora, ele “era rebelde na rua, batia em todo o mundo, ele usava de violência”.

Nas aprendizagens apresentava muitas dificuldades em todas as áreas, não fazia as actividades propostas, conversava muito, andava o tempo todo pela sala de aula, jogava papéis e atrapalhava o rendimento da turma (RPT).

O Regis fala muito pouco dessa fase. Menciona que o primeiro dia na escola “eu fiquei envergonhado porque não conhecia quase ninguém. Aí, fui passando de série [ano], fui passando”. Ao ser inquirido se não tinha curiosidade de querer aprender quando não entendia a matéria, respondeu: “Não. Perguntava, às vezes, sim, mas não ficava a prestar atenção na aula, ficava mais fazendo bagunça”.

Como refere a Professora Lira “ele não fazia nada nas outras séries [anos], ele não abria nem o caderno, tanto que quando ele veio comigo, ele não o tirava da mochila. Não sabia ler, nem escrever”²⁵.

Durante essa fase (três anos) evidenciava graves problemas de comportamento em sala de aula. Tinha atitudes de agressividade verbal e física. A opinião dos professores está retratado nas seguintes afirmações, “ele fala palavrões, ele chinga [ofensas verbais], ele já me chutou [dar pontapés] na sala de aula (...) ele já me mandou para aquele lugar” (EPDR:16).

Em relação aos colegas, o próprio Regis refere que não tinha amigos e que passava o tempo a “bagunçar, brigando às vezes”.

O Regis refere que desconhece quais eram as opiniões dos professores. Com excepção da professora da 3ª série [ano] que falava e pensava que ele era “mal comportado e bagunceiro” e que isso lhe fazia mal, ficava envergonhado e não se sentia bem. Alega que tentou mudar mas não adiantou, “porque antes eu não sabia assim das coisas que fui aprendendo, aí eu e os outros só sabiam fazer bagunça” e a professora parou de dar-lhes importância.

À pergunta:

²⁵ Ver o Quadro de Aproveitamento Escolar e o Histórico Escolar do Aluno (HE) em anexos.

– **se tivesses uma varinha mágica, o que farias com ela?** O Regis responde: “**Mudava assim o pensamento dela** [a professora anterior], **para ela dar mais valor aos alunos, não ficasse dando chingos** [ofensas verbais] **e ensinasse**”.

O Regis não gostava dos professores pela atitude que tinham quando ele perturbava: “era o jeito que eles falavam, quando ficava fazendo bagunça, eles falavam um monte assim... envergonhavam”.

Quando foi questionado sobre o que faria, se fosse director de uma escola, para mudar a vida das crianças com problemas como ele tinha, salientou a importância da atitude e comportamento dos professores: “**Escolheria um professor com carinho, para ensinar os alunos a não ficar discutindo**”.

Relação Professora-mãe

A mãe era chamada constantemente pela professora e a directora [anterior] para que a família tomasse alguma atitude. A família era culpabilizada pelos problemas do filho na escola (EPDR:20).

FASE B

Na segunda fase (4º Ano de Escolaridade), o aluno passa a ser descrito como “uma criança linda”, motivada, interessada, atenta, organizada, assídua, cumpridora dos seus deveres, responsável, disciplinada, auto-didacta, cooperativa e exemplar. A Professora Lira refere-se a ele, carinhosamente, como o “meu chaveirinho” porque era “pequeninho”.

A relação com o grupo de colegas mudou. O Regis explica que “depois de conhecer ela [a professora Lira], fui tendo amizade cada vez mais”. Quando os antigos colegas o procuram, o Regis esclarece que se afasta deles.

A professora Lira afirma que o Regis “**mudou, se transformou**. Um menino quietíssimo, quietíssimo! Não levantava do lugar, não responde nunca, nunca ouvi falar um palavrão (...) de indisciplina também não posso falar porque ele não teve (...) é aí que a gente fala que nada é impossível, que quando **a gente trabalha com amor** [emocionada, fica sem voz e chora] com carinho, a gente consegue e a gente acredita! Na aprendizagem ele não “passou a ser um aluno de A mas já lia, escrevia (...) ele se esforçava e tentava fazer, não deixava de fazer nada (...) e saíu fazendo porque até hoje ele estuda”.

No discurso do Regis verificámos a importância da professora Lira no processo de **transformação** do aluno. Ele afirma “até que cheguei na 4ª série (ano). Aí eu conheci a Lira. (...) Não sabia ler, escrever, aí quando sabia quase tudo, ela começou a ensinar artesanato para nós, nós começamos a fazer e foi aí que aprendi a fazer tudo isso daí que eu sei. Ela foi-me ensinando tudo e eu fui aprendendo. **Comecei a gostar dela** (...) eu fui aprendendo cada vez mais assim que ela me ensinava. **Fiquei sabendo que ela era mais importante na minha vida** para me ensinar as coisas para mim... aí fui passando... fui para a outra escola (5º Ano), aí fiquei com a maior saudade dela, eu vim aqui ver ela e ela ia falando assim das coisas... que eu aprendi cada vez mais, cada vez que passava de série ficava com saudades dela”.

O Regis confirma que adquiriu gosto e interesse pelos estudos com a professora Lira, “depois que conheci ela, fui melhorando cada vez mais. Perguntava e ela tirava as minhas dúvidas e me ensinava”.

Reconhece que teve sorte em conhecer a professora Lira, que é difícil encontrar uma professora assim, que não teria mudado “estava bagunçando até hoje”, que não teria sucesso, que deve isso a ela, tem consciência disso. À pergunta “Você tenta retribuir para ela? Responde: “Sim... falo com carinho com ela, do jeito que ela falou comigo”.

Segundo a professora Lira, o diálogo e o elogio foram mudando o Regis, que passou a ter uma nova auto-estima. “Fui conversando, eu uso muito o **diálogo** (...) **respeitar** e através da **‘psicologia do amor’** que eu uso muito, gosto do Paulo Freire, a gente foi trabalhando”. O **elogio** “você é muito lindo, um menino maravilhoso! Nossa! Aí ele começou a se arrumar, arrumar o cabelinho, pôr gel, vinha bonitinho [com a voz a dar muito ênfase] é o meu ajudante! Me ajudava em tudo. (...) Agora você vai olhar os amiguinhos. Eu! [voz de admiração] Ele falou: Nossa! Mas como quem fala... eu?! Eu sou o pior! Eu vou olhar o quê? (...) mas eu precisava e eu fingia, porque não gosto de sair da sala, mas fingia que saía para pegar alguma coisa somente para ele olhar mesmo. Ele começou a sentir-se muito importante. Não fazia uma lição, não abria o caderno. E eu: - Nossa! O melhor da sala. **E, sozinho, ele despertou**. Ele começou a copiar as lições, organizar. ‘Que letra linda!’. Então eu elogio muito. Eu parto assim do princípio que a criança precisa muito de elogio”. **Sem gritar** passou a ser querida pelos alunos. As aulas de Artes e Religião davam condições de trabalhar os valores humanos: amizade, respeito, amor, justiça e outros.

Na opinião do Regis, o papel do professor na vida do aluno deve seguir o que a professora Lira fez com ele: “**ter carinho pelos alunos**, ensinar cada vez mais, dar lição, antes eu ficava na rua, não ia para a escola, aí eu fui indo para a escola”, **respeito, elogio, justiça e os valores do “amor e do carinho”**. Deixa registado que na relação professor-aluno

é fundamental o **carinho**. Para ele, o carinho é a chave do sucesso na escola. E podemos ver que igualmente importante foi a atenção: “**Ela me dava atenção**, cada dificuldade eu ficava com vergonha, ela vinha, eu chamava ela na carteira e ela me ensinava, foi assim, ela sempre foi legal com todos os alunos, até comigo assim... não era igual à outra professora”.

- O que a professora tem que os outros não tinham? Ele responde, **carinho**.

Em relação à mudança do Regis, a professora fala com convicção que “foi um despertar, quando ele achou (...) a escola é importante para mim”. A Directora da Escola entende que foi decisivo o papel da professora na mudança do Regis. Afirma: “ela não vai dizer, mas eu vou dizer... é lógico que teve (a ver com a professora), ela é uma óptima profissional como professora, ele encontrou uma pessoa que desse essa motivação, que empurrasse ele para cima e acho que era o que faltava para ele no momento e ele foi e desandou, assim no bom sentido, melhorou... tem a ver sim com o profissional, tem a ver com a Lira como pessoa”.

Relação professora-mãe

A mãe vinha às reuniões para fazer elogios à professora (EPDR:20). Segundo a professora Lira, a mãe falava “ah! professora, como o meu filho mudou. Não vai mais nem na rua, ficava para rua, porque ficava jogando bola no campinho” e agora “conforme ele tem que trabalhar, porque é um trabalho para ele, aí ele não vai mais na rua”.

Síntese

Verificámos que a professora Lira desenvolve um trabalho pedagógico com os alunos com base no diálogo, afecto²⁶, elogio, confiança, admiração, imputar responsabilidades, elevar a auto-estima, acreditar na capacidade do aluno (mesmo que ainda não estejam manifestadas essas qualidades). Trabalha os valores humanos: amizade, respeito, amor, justiça e outros através de histórias de vida real próximas à realidade dos alunos (da sua própria experiência de vida). Trajectórias de vida que, embora tivessem tudo para o fracasso,

²⁶ “Na fala de Freire, percebe-se o vínculo entre o diálogo e o factor afectivo que norteará a virtude primordial do diálogo, o respeito aos educandos não somente como receptores, mas enquanto indivíduos. As relações afectivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são grande valor na educação, pois a afectividade constitui a base de todas as reacções da pessoa diante da vida. Sabendo que as dificuldades afectivas provocam desadaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afectiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual” (Vasconcelos et al., 2005:3).

revertem-se em sucesso (exemplos de vida). A professora Lira dá ênfase à importância de uma escola democrática.

Até o 4º Ano, o Regis vinha de uma trajetória escolar comprometida, por um lado, pela indisciplina²⁷, insucesso escolar e por outro pela influência das profecias auto-confirmatórias criadas por todos os professores anteriores. A professora Lira convicta de valores axiológicos e idiossincrásicos²⁸ promove a transformação do aluno. A interação professora-aluno e as **expectativas positivas** invertem o processo de fracasso escolar em sucesso escolar. O efeito Pigmalião confirma-se revelando resultados positivos de acordo com os expectáveis pela professora.

²⁷ Segundo Lahire “de facto, a autonomia é questionada pelos alunos que não fizeram suas (*auto*) leis (*nomos*) escolares enquanto maneira de se comportar e de pensar. Para efectuar sozinho certas actividades é preciso ter interiorizado esquemas mentais e comportamentais sob a orientação do adulto. Como diz o psicólogo russo L.S. Vygotski, a ajuda que a criança recebe em sua aprendizagem (o ‘elemento de colaboração’) torna-se ‘invisivelmente presente e implicada na resolução aparentemente autónoma do problema da criança’. Qualquer competência aparece duas vezes ao longo da experiência de um indivíduo (...) Isto implica, para um bom método, que o pesquisador (professor) deva se esforçar para reconstruir as condições de interdependência que estão no princípio da produção das competências, saberes, disposições de um indivíduo determinado” (2004:64).

²⁸ Ver os documentos Relatos da Professora da Turma (RPT) e Relato da Professora do Regis (RPR) em anexos.

Considerações finais

Ao longo destas considerações finais procurar-se-á fazer algumas reflexões sobre os dados desta investigação, não esquecendo que sabemos ter contribuído “com uma gota no oceano” num tema de tamanha complexidade epistemológica. Deixamos o tema em aberto para a prossecução de futuros trabalhos.

Tratar do (in)sucesso escolar já é, por si só, um tema por demais complexo, quanto mais ao falarmos de alunos que, embora estivessem “fadados” ao insucesso, conseguiram inverter o processo para sucesso escolar.

Este estudo abrangeu um vasto conjunto de variáveis centradas, sobretudo, na experiência familiar e escolar do aluno.

Os resultados indiciam que no momento da viragem, embora um conjunto de variáveis prováveis de manutenção do insucesso estivessem presentes (contexto familiar, contexto escolar a actuar em campo, no caso do João até mesmo o facto de ter ido para uma escola problemática num bairro distante de sua residência) e a dislexia comprovada, nenhum destes factores foram impeditivos dos alunos corresponderem às expectativas positivas do professor através da ligação afectiva estabelecida na interacção professor-aluno.

Constata-se que o João, no primeiro 4º Ano de Escolaridade, sente-se solitário²⁹, discriminado, sem vontade de ir para a escola e impotente para mudar a situação que estava a viver. Ao passo que, no segundo 4º Ano através da interacção professora-aluno estabelece-se uma rede de interdependência³⁰ (professora-mãe-psicóloga) que oferece condições de suporte ao aluno.

A história do Regis apresenta semelhanças processuais, a professora estabelece uma rede de interdependência a partir da interacção professora-aluno, directora da escola e mãe. Através do Projecto de Artesanato, a directora participa activamente na arrecadação de fundos para a compra dos materiais, venda das peças incentivando-o a desenvolver suas capacidades. A mãe do aluno corresponde às solicitações da escola dando apoio para a aquisição do

²⁹ Lahire refere que “só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares da criança se reconstruirmos a rede de interdependências familiares (...) e a maneira pela qual estes esquemas podem ‘reagir’ quando ‘funcionam’ em formas escolares de relações sociais. De certo modo, podemos dizer que os casos de ‘fracassos escolares’ são casos de solidão dos alunos no universo escolar” (2004:19).

³⁰ Segundo Lahire, “o homem é social de parte a parte, do princípio e por constituição: porque é um ser em relação e um ser com linguagem. (...) E é verdade que todas as metáforas que podem ser utilizadas para evocar a interdependência dos seres sociais continuam sempre impotentes para criar a imagem de seres sociais constituídos na e *pela* interdependência” (2004:350). Mais informações sobre uma antropologia da interdependência humana (Lahire, 2004:39-40).

material (caixa de material, mostruário) estreitando relações com a professora e a directora da escola.

Postic afirma que “a relação educativa é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que têm características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história” (2007:27).

Pela análise dos dados recolhidos nas duas histórias de vida (João e Regis) pudemos verificar que, na opinião dos alunos, a relação professor-aluno e as expectativas do professor estão associadas ao (in)sucesso escolar. Vejamos a similitude das respostas dadas pelos alunos:

Insucesso escolar (expectativas negativas)

João: sentimento de vergonha, nervosismo, falta de à vontade, discriminação, inferiorização (chamar de burro), tristeza, falta de respeito à mãe (“mentirosa”, ”uma miúda”), ajudar mais os alunos que sabem mais (elitismo), pouca atenção (pedir para os colegas ajudarem), falta de afectividade (carinho), gritar e ralhar muito.

Regis: sentimento de vergonha, ser envergonhado à frente dos outros, ofensas verbais (“chingos”), gritos, falta de ajuda, pouca atenção, falta de apoio, não se sentia bem, não dar valor ao aluno.

Sucesso escolar (expectativas positivas)

João: atenção, **afecto (carinho), muita ajuda**, saber ouvir, respeitar, elogiar, acreditar no aluno, “ensinar” para que o aluno aprenda, motivar, alegria, deixar à vontade, partir das coisas fáceis para as difíceis, dar bases, retroceder aos conteúdos anteriores que não foram aprendidos, dar apoio a todos os alunos, igualdade.

Regis: atenção, **afecto (carinho), muita ajuda**, elogio, respeitar, acreditar no aluno, dar valor, ensinar não só a matéria mas as coisas da vida, dar apoio, motivar, gosto pelo estudo, desenvolver habilidades, admiração, confiança.

A afectividade e a ajuda constituíram a base da transformação³¹ dos alunos. Verifica-se que as duas professoras, à partida, desprezam completamente o quadro de insucesso escolar obtido até aquela data como também as expectativas negativas dos professores anteriores e actuam de modo inverso, ou seja, passam a ter expectativas positivas, a visualizar a capacidade dos alunos em inverter o processo de insucesso para sucesso escolar.

Cabe referir, à luz da interpretação dos dados desta investigação, que a interacção professor-aluno e as expectativas das professoras do João e do Regis se evidenciam devido aos seus valores axiológicos. Segundo Boudon, “muitas correntes importantes das ciências humanas tentaram dissolver o fenómeno da moralidade³² (...) contra estas influentes tradições, Wilson propõe que se reacredite a noção de natureza humana e se reconheça que o sentido moral representa um seu componente essencial” (Boudon, 1995:323).

Boudon resume a tese de Wilson com uma das suas fórmulas “o coração do nosso eu não é exclusivamente produto da cultura³³ (...) ‘o coração do eu’ que escapa à determinação cultural comporta um certo número de componentes bem identificáveis: a simpatia, o sentido de equidade (“*fairness*”), o controle de si e o sentido do dever. Eles constituem dados da natureza humana, sobre os quais assentam as variações culturais” (1995:324-325).

Segundo Boudon, na componente simpatia, “aquilo que tem valor aos seus próprios olhos são as razões que inspiram a sua acção, e não as consequências que ela terá para si” (1995:326). O sentido da equidade, “não pode de forma alguma, reduzir-se à procura de vantagens, quer imediatas quer diferidas” (Boudon, 1995:327-328).

A valorização do controlo de si “é a necessidade de arbitragem entre desejos variados, e não um constrangimento exterior, que explica que o sujeito cultive o controlo de si” (Boudon, 1995:328).

Finalmente refere o sentido do dever, que Wilson prefere “ver aí o facto de que a noção do dever é constitutiva do eu. São os valores que subscreve que fazem com que o sujeito se sinta dotado de uma identidade, de um valor pessoal, que sinta que a sua vida é dotada de sentido. (...) Em suma, há que reconhecer a existência desse homem que, segundo Adam Smith, habita o peito de cada um (“*the man in the breast*”): o “foro interno” (Boudon:1995:329).

³¹ Postic refere que “qualquer opção educativa é um acto de fé em valores e, por isso, desperta o desejo de transformar os outros” (2007:26).

³² Como explica Wilson (J.Q.), *The Moral Sense*, Nova Iorque, Macmillan/The Free Press, 1993 em Boudon 1995:323.

³³ “We have a core self, not wholly the product of culture”: Wilson (J.Q.), *The Moral Sense*, op. cit., p.11, em Boudon, 1995:324.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Verifica-se que a actuação das duas professoras tornou possível aos alunos e às famílias³⁴ terem condições de ultrapassarem as “mil léguas” de distância do insucesso para o sucesso escolar. Em ambos os casos, o facto das professoras *tomarem para si* a responsabilidade do sucesso da turma viabilizou as condições para a transformação dos alunos. Assim, corroboramos a afirmação de Lahire quando afirma que “as situações de sucesso escolar no curso primário estão longe de ser improváveis em meios populares” (2004:51).

³⁴ Lahire afirma que “existem casos em que as rupturas são tão numerosas e as condições de vida familiar, económica tão difíceis que, ou o tempo que os pais podem dedicar aos filhos é absolutamente limitado, ou as disposições sociais e as condições familiares estão a mil léguas das disposições e das condições necessárias para ajudar as crianças a ‘ter êxito’ na escola” (2004.335).

Referências bibliográficas

- Almeida, A. R. (1999), *A emoção em sala de aula*, Campinas – SP, Papyrus.
- Alves, M. A. (2004), *Interacção Verbal Professor/Aluno em Salas de Aula Multiétnicas*, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Tese de Mestrado).
- Becker, F. (2000), *Ciência e Construção do Conhecimento*, Rio Grande do Sul, Congresso da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária (EMBRAPA).
- Benavente, A. (1976), *A Escola na Sociedade de Classes - O Professor Primário e o Insucesso Escolar*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Benavente, A. (1990), “Insucesso escolar no contexto português – abordagens, concepções e políticas”, Lisboa, *Cadernos de Pesquisa e de Intervenção*, 1, pp. 1-40.
- Benavente, A. (1990), “Insucesso escolar no contexto português – abordagens, concepções e políticas”, Lisboa, *Análise Social*, vol. XXV, pp. 715-733.
- Benavente, A. e A. P. Correia (1981), *Obstáculos ao Sucesso na Escola Primária*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Bernstein, B. (1982), *A Educação não pode compensar a sociedade*, em S. Grácio, & S. Stoer, *Sociologia da Educação II - A Construção Social das Práticas Educativas* (pp. 24-30), Lisboa, Livros Horizonte.
- Bogdan, R. e Sari Biklen (1994), *A Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto, Porto Editora.
- Boudon, R. (1995), *O Justo e o Verdadeiro – Estudos Sobre a Objectividade dos Valores e do Conhecimento*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Chateau, J. (1956), *Os Grandes Pedagogos*, Lisboa, Livros do Brasil.
- Coelho, A. M. (2000), *Causas do Sucesso e Insucesso Escolar: Estudo Comparativo de dois grupos de Adolescentes*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Tese de Mestrado).
- Conde, Idalina (1991), “Sobre a Autonomia do Método Biográfico”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 9, pp. 171-177.
- Crothers, C. (1994), *Robert K. Merton*, Oeiras, Celta Editora.
- Delamont, S. (1987), *Interacção na Sala de Aula*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Domingos, A.M., et al. (1986), *A Teoria de Bernstein Em Sociologia da Educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dottrens, R. (1974), *Educar e Instruir*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Durkheim, É. (2007), *Educação e Sociologia*, Lisboa, Edições 70.

Faccin, N. (2004), *Escola - Relações Prazer e Desconforto - Função Pedagógica do Afecto nas Relações Educativas*, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Tese de Mestrado).

Fernandes, M. M. (1986), *Processo de Atribuição Causal do Sucesso e Insucesso Escolar - Estudo realizado numa coorte real*, Universidade do Minho (Tese de Mestrado).

Ferreira, M. T. (1996), *Alunos Ideais e Alunos Reais - A Formação das Expectativas dos Professores do 1º Ciclo*, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Tese de Mestrado).

Flores, H. M. (2003), *Efeito de Pigmaleão no Ensino da Educação Física*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa (Tese de Mestrado).

Formosinho, J. (1992), *Contributos para uma outra prática educativa*, Porto, Edições ASA.

Gilly, M. (1981), *Bom Aluno, Mau Aluno*, Lisboa, Morais Editores.

Gomes, C. A. (1987), “A Interação Selectiva na Escola de Massas”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 3, pp. 35-48.

Gomes, C. A. (2008), “Configurações Interactivas na Sala de Aula – Conflito versus Cooperação”, *Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, nº 13-14 pp. 107-116.

Guerra, M. S. (2006), *Arqueologia dos Sentimentos – Estratégias para uma educação de afectos*, Porto, Edições Asa.

Isambert-Jamati, A., e M. F. Gropiron (1982), “Tipos de Pedagogia e Diferenças de Aproveitamento Segundo a Origem Social no Final do Secundário”, em S. Grácio, & S. Stoer, *Sociologia da Educação II - A Construção Social das Práticas Educativas*, Lisboa, Livros Horizonte.

Jesus, S. N. (1997), *Influência do Professor sobre os Alunos*, Porto, Edições ASA.

Lahire, B. (2004), *Sucesso Escolar nos Meios Populares – As razões do improvável*, São Paulo, Editora Ática.

Lahire, B. (2005), “Patrimónios Individuais de Disposições - Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 49, pp. 11-42.

Lessard-Hébert, M., G. Goyette e G. Boutin (2008), *Investigação Qualitativa*, Lisboa, Instituto Piaget.

Lieury, A., e F. Fenouillet (1997), *Motivação e Sucesso Escolar.*, Lisboa, Editorial Presença.

Oliveira, Elisabete (1980), ”Entrevista com Basil Bernstein - Socialização e Códigos Linguísticos”, *O Professor*, nº 25 pp. 19-23.

Oliveira, J. H. (1992), *Professores e Alunos Pigmalhões*, Coimbra, Livraria Almedina.

Perrenoud, P. (2007), *A Pedagogia na Escola das Diferenças*, São Paulo, Artemed.

Petraglia, I. C. (2005), *Edgar Morin – A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber*, Petrópolis, Editora Vozes.

Pinho, Luís Ventura de (1991), “Comunicação Afectiva e Relacional Professor-Aluno Empatia na Relação Educativa Escolar”, *Revista Portuguesa de Educação*, 4, pp. 83-97.

Postic, M. (2007), *A Relação Pedagógica*, Lisboa, Padrões Culturais Editora.

Ribeiro, J., B. Campos (1987), “Características dos professores e percepção da sua competência social pelos alunos”, *Cadernos de Consulta Psicológica* 3, pp. 45-54.

Santos, B. (1985), *Os Aprendizizes de Pigmalião: ensaio sobre a formação de professores e alunos em democracia*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Seabra, T. (2008), *Desempenho Escolar, Desigualdades Sociais e Etnicidade - Os descendentes de imigrantes Indianos e Cabo-Verdianos no Ensino Básico em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Tese de Doutoramento).

Sebastião, J. (2006), *Democratização do Ensino, Desigualdades Sociais e Trajectórias Escolares*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Tese de Doutoramento).

Vasconcelos et al. (2005), “A Presença do Diálogo na Relação Professor-Aluno”, Recife, *V Colóquio Internacional Paulo Freire*. <http://www.paulofreire.org.br/asp/Index.asp> data de acesso: 07-04-2009.

<http://www.eb1-n3-campo-maior.rcts.pt/caracterizacao.htm> data de acesso: 13-08-2009 (dados da escola EB1 da Fonte Nova – Campo Maior).

ANEXOS

Índice

1. Documentos do João e do Regis por ano escolar, escolas e respectivos códigos	59
2. Código das Entrevistas.....	60
3. Código das Conversas Informais	60
4. Código dos Documentos das Escolas	60
5. Siglas – Portugal	60
6. Siglas – Brasil.....	60
7. Tópicos dos Guiões de Entrevista	61
8. Documentos Oficiais	72
9. Notas de Trabalho de Campo	146

Índice de figuras e ilustrações

Índice de figuras

Figura 1 - Acontecimentos psicossociais significativos	123
Figura 2 – Síntese das Fichas de Avaliação (FA) - João	124
Figura 3 – Síntese dos Registos de Avaliação (RA) (anual/períodos) – João	125
Figura 4 – Trajectória escolar do João.....	126

Índice de ilustrações

Ilustração 1 - Escola N° 3 de Alcoitão.....	146
Ilustração 2 - Área Envolvente à Escola N° 3 de Alcoitão	146
Ilustração 3 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Armando Tamassia ...	147
Ilustração 4 - Rua da Escola Padre Armando Tamassia	148
Ilustração 5 - Meio envolvente à Escola Padre Armando Tamassia	148
Ilustração 6 - Casa do Regis e Oficina do Pai	149
Ilustração 7 - Amostra do Artesanato do Regis.....	151

1. Documentos do João e do Regis por ano escolar, escolas e respectivos códigos

	João	Regis
1º Ano	(Alentejo) Registo Biográfico do Aluno (RBA) Registos de Avaliação (RA1) Fichas de Avaliação (FA1)	(Atibaia- S.P.- Brasil) Ficha Individual (FI1)
2º Ano	(Alentejo) Registos de Avaliação (RA2) Fichas de Avaliação (FA2)	(Atibaia- S.P.- Brasil) Ficha Individual (FI2)
2º Ano	(São João do Estoril) Registo de Avaliação (RA2a) Fichas de Avaliação (FA2a)	
3º Ano	(São João do Estoril) Registo de Avaliação (RA3) Fichas de Avaliação (FA3) Plano de Recuperação (PR3) Avaliação do Plano de Recuperação (APR3)	(Atibaia- S.P.- Brasil) Ficha Individual (FI3)
4º Ano	(São João do Estoril) Registo de Avaliação (RA4) Fichas de Avaliação (FA4) Plano de Recuperação (PR4) Avaliação do Plano de Recuperação (APR4) Auto-Avaliação (AA4) Avaliação das Actividades Enriquecimento Curricular (AAEC4) Avaliação Apoio Socio-educativo (AASE4) Faltas do Aluno (FA4)	(Atibaia- S.P.- Brasil) Ficha Individual (FI4) Histórico Escolar do Aluno (HE)
4º Ano	(Alcoitão) Registo de Avaliação (RA4a) Fichas de Avaliação (FA4a) Plano de Recuperação (PR4a) Relatório Psicológico (RPSI4a) Auto-Avaliação (AA4a) Avaliações das Actividades Enriquecimento Curricular (AAEC4a) Avaliação Apoio Socio-educativo (AASE4a) Lista de Provas Aferidas (LPA4a) Questionário do Aluno (QA4a) Faltas do Aluno (FA4a) Relatório para a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (RCPCJ4a)	Relato da Professora da Turma (RPT) Relato da Professora do Regis (RPR) Relatório Final Professora de Turma (RFPT)
5º Ano	(Alcabideche) Registo Biográfico do Aluno (RBA5) Conversas Informais (CIJ) (35)	Conversas Informais (CIR) (13)
Outros	Notas do Trabalho de Campo (NTCJ)	Notas do Trabalho de Campo (NTCR) (12)

2. Código das Entrevistas

2.1. Portugal

Entrevista com o João (EJ)

Entrevista com a Mãe do João (EMJ)

Entrevista com a Psicóloga do segundo 4º Ano do João (EPSIJ)

Entrevista com a Professora do segundo 4º Ano do João (EP4J)

2.2. Brasil

Entrevista com o Regis (ER)

Entrevista com a Professora Lira (4º Ano) e Directora do Regis (EPDR)

3. Código das Conversas Informais

3.1. Portugal

Conversa Informal com o João – (CIJ)

Conversa Informal com a Mãe do João – (CIMJ)

3.2. Brasil

Conversa Informal com a Mãe do Regis - (CIMR)

Conversa Informal com a Irmã do Regis – (CIIR)

4. Código dos Documentos das Escolas

4.1. Portugal

Projecto Curricular de Turma (PCT)

4.2. Brasil

Plano de Trabalho Anual Escolar (PTAE)

Quadro Geral de Formação das Classes – 2008 (QGFC8)

5. Siglas – Portugal

QE - Quadro de Escola

QZP - Quadro de Zona Pedagógica

6. Siglas – Brasil

EMEF - Escola Municipal Ensino Fundamental

UE - Unidade Escolar

APM - Associação de Pais e Mestres

HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Colectivo

PEA - Prefeitura da Estância de Atibaia (Câmara Municipal)

CAADE - Centro de Atendimento e Apoio ao Desenvolvimento Educativo

ABB - Associação Banco do Brasil

7. Tópicos dos Guiões de Entrevista

7.1. João

7.1.1. Entrevista ao João

Escola

- a) Como tem corrido a escola?
- b) Problemas, dificuldades e soluções
- c) Reprovações? Negativas este ano?
- d) Problemas de indisciplina? (contigo, envolvido com colegas, turma...)
- e) A palavra escola faz-te lembrar o quê?
- f) Qual é a melhor coisa que tem a tua escola actual?
- g) Qual era a melhor coisa nas escolas anteriores?
- h) Diz a pior coisa que te aconteceu na escola.
- i) Se te dessem uma “varinha mágica” o que mudavas na tua escola?
- j) Quando estás na escola o que sentes com mais frequência? (alegria, raiva, medo, tristeza, aborrecimento, vergonha)
- k) Nas escolas anteriores, o que sentias com mais frequência?
- l) Sentes falta de ir à escola nas férias?
- m) Se tivesses que contratar as funcionárias da escola, quais as qualidades que darias preferência?

Reconstituição do Percorso Escolar

- a) Antes de ir para a escola (com quem, onde, porque?)
- b) Preparação para a entrada na escola (por quem? Como foi?)
- c) Quantas escolas frequentaste? Se mais do que uma, qual o motivo da(s) mudança(s)?
- d) Como te sentiste? Tiveste dificuldades em adaptar-te?

No 1º Ano

- a) Recordações do primeiro dia de escola (de aula)
Para o 1º/2º/3º/4º Anos
- b) No 1º Ciclo – Nº de professores
- c) Nas Actividades de Enriquecimento Curricular (problemas, apoios...)
- d) Como era o (a) teu (tua) professor(a)?
- e) Ajudava-te quando tinhas dificuldades?
- f) O que gostavas mais no(a) teu (tua) professor(a)?
- g) Que defeitos tinha?
- h) Que qualidades tinha?
- i) Sentias-te à vontade para falar com ele(a)?
- j) Concordas como o(a) teu (tua) professor(a) tratava os alunos?
- k) E se pudesses escolher os professores o que acharias mais importante que eles tivessem para dar aulas?
- l) Se davas um resposta errada, o que é que o(a) professor(a) costumava fazer?
- m) Quando não percebias bem uma matéria o que costumavas fazer?

Com os colegas

- a) O que sentes pelos teus colegas?
- b) Se pudesses o que mudarias neles?
- c) São parecidos contigo?
- d) São diferentes?
- e) Já alguma vez te zangaste com eles? Porque?
- f) Já te gozaram? Porque?
- g) Dá exemplos de situações concretas vividas com os teus colegas.
- h) O que sentes pelos teus amigos?
- i) Como se conheceram?
- j) O que fazes mais com eles?

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

- k) O que já fizeste pelos teus amigos?
- l) Os teus amigos são diferentes de ti? Em que?
- m) Os teus amigos são parecidos contigo? Em que?

Eixo família-escola-aluno

- a) Alguém da tua família costuma ir às reuniões na escola?
- b) Foi sempre assim em todas as escolas?
- c) Se não, porque?
- d) Como a tua família costuma se referir ao falar dos teus professores?
- e) O que pensam dos professores?
- f) Em casa costumam falar sobre a escola?
- g) O que falam mais? (Sobre as notas, disciplina, aprendizagem...)
- h) Quem te ajuda quando tens dificuldades?
- i) Podes contar sempre com ajuda?
- j) A tua família quer que estudes até quando?
- k) Se quisesses desistir o que fazem?
- l) Quando tens uma boa nota como reage a tua família?
- m) O que dizem/fazem quando tens uma má nota?
- n) Quais as expectativas (o que esperam/desejam) da tua família para o teu futuro?
- o) A relação da tua família vai mudando com a escola e com o professor? Como?
- p) Já tiveste que ir ao Conselho de Turma por teres tido mau comportamento, porque?
- q) Tua família pergunta pelos T.P.C.? Com que frequência?
- r) Tens acompanhamento nos T.P.C.? De quem?
- s) Que profissão queres ter?
- t) Que profissão a tua família quer que tenhas?
- u) O que pensas para o futuro?

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Recursos de apoio:

Usar exemplos fictícios “por acaso já tive um menino que me disse...”

Lançar mão do “faz de conta”

Partir do simples/complexo; concreto/abstrato

Desenho ilustrativo a marcar as fases do percurso escolar

Escreve um texto que seja significativo da tua vida escolar, podes fazê-lo como bem entenderes, utilizando a representação icónica (o desenho) como suporte ilustrativo.

7.1.2. Entrevista à Mãe do João

- a) Falar tudo o que for importante no percurso de vida familiar e escolar do João.
- b) Auto-estima durante o percurso escolar (Fase A e Fase B).
- c) As expectativas que a família tem em relação ao futuro (Fase A e Fase B).
- d) Possíveis causas das reprovações.
- e) Relação com as irmãs (falta da irmã-gémea).
- f) Problemas familiares/escolares.
- g) Relação com os colegas.
- h) Apoio familiar (Fase A e Fase B).
- i) Relação do João com o padrasto.
- j) A reacção do João com o nascimento da irmã.
- k) Vontade de estudar (Fase A e Fase B).
- l) Ao que atribui a mudança de comportamento do João.
- m) Relação com as professoras (Fase A e Fase B).
- n) Referência a estar sinalizado na Comissão de Protecção de Jovens e Crianças de Cascais.
- o) Relação da professora-mãe-psicóloga (Fase B).
- p) A relação da família com a escrita.
- q) Escolaridade dos pais, padrasto, irmãs
- r) Idade dos pais, padrasto e irmãs
- s) Profissão dos pais e padrasto
- t) A mudança do insucesso para o sucesso escolar modificou a vida do João? Como?
- u) Houve mudança em relação a forma como ele encara o futuro?
- v) Descreva como era a relação dele com as professoras do primeiro e do segundo 4º Ano de Escolaridade.
- w) Fale o que pensa sobre a relação professora-mãe-aluno.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

- x) Que mensagem daria às mães que estão a sofrer com o problema do insucesso escolar dos seus filhos.
- y) O que pensa que aconteceria se ele não tivesse mudado de escola e que continuasse com a mesma professora do primeiro 4º Ano?

Muito Obrigada pela atenção, carinho e disponibilidade.

7.1.3. Entrevista à Professora do João do segundo 4º Ano de Escolaridade

- a) Experiência profissional em meios sociais desfavorecidos
- b) A que atribui as causas do (in)sucesso escolar dos alunos
- c) A que atribui a mudança que o João fez de um percurso escolar de insucesso para o sucesso escolar?
- d) Relação professor-aluno
- e) Expectativas da professora em relação ao aluno
- f) História de vida do João
- g) Relação professora-mãe
- h) Rede de apoio (professora-mãe-psicóloga)
- i) Actuação da professora (crenças, procedimentos, ideais)
- j) Projecto de vida do João

Muito Obrigada pela colaboração.

7.1.4. Entrevista à Psicóloga do João do segundo 4º Ano de Escolaridade

- a) Fale o que conhece da história de vida pessoal, familiar e escolar do João
- b) Relação Professora-aluno
- c) Expectativas da Professora
- d) Características pessoais do João (Fase A e Fase B)
- e) Problemas familiares/escolares
- f) Como descreve a relação professora-mãe
- g) Relação professora-mãe-psicóloga
- h) Qual a contribuição dessa relação professora-mãe para o (in)sucesso escolar?
- i) A que atribui a mudança do insucesso para o sucesso escolar do João?
- j) Expectativa escolar do aluno (Fase A e Fase B)
- k) Auto-estima do João (Fase A e Fase B)
- l) A importância que o João dá às palavras ajuda e carinho no processo de aprendizagem
- m) Sucesso escolar sustentável no 5º Ano
- n) Expectativa de futuro

Muito Obrigada pela colaboração.

7.2. Regis

7.2.1. Entrevista ao Regis

Escola

- a) Como foi o primeiro dia de escola (de aulas)
- b) Quando estavas nos anos anteriores, (Fase A) sentias vontade de estudar?
- c) Conseguias ler e escrever?
- d) Gostavas de vir à escola?
- e) Não aprendias, porque?
- f) Relação professora-aluno (Fase A e Fase B)
- g) Expectativa dos professores (Fase A e Fase B)
- h) Sentimentos no dia a dia (Fase A e Fase B)
- i) O que mudou na tua vida escolar? (Fase A e Fase B)
- j) O que fez mudar o comportamento de um aluno indisciplinado (Fase A) para um aluno disciplinado (Fase B)?
- k) Se tivesses uma “varinha mágica” o que farias com ela?
- l) Na terra do “faz de conta”, se hoje fosses director de uma escola, o que farias para mudar a vida das crianças com insucesso escolar?
- m) Nessa terra do “faz de conta”, como seriam os professores que escolherias para trabalhar na tua escola?
- n) Até hoje como é a tua relação com a professora Lira?
- o) Como estão as tuas notas no 7º Ano?
- p) Colegas
- q) Relação com os colegas (Fase A e Fase B)
- r) Continuas a fazer amizades na escola que frequentas agora? Como são os teus amigos?

Eixo família-escola

- a) Na tua vida familiar o que mudou desde que passaste a ter sucesso escolar?

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

- b) Qual foi a reacção dos teus pais?
- c) Expectativa de futuro (do Regis e familiar)
- d) O que o artesanato representa na tua vida?
- e) O que fazes? Como posso ver o teu artesanato?
- f) Apoio familiar
- g) Comportamento com os pais (Fase A e Fase B)
- h) Constituição familiar
- i) Valorização dos estudos
- j) Capital cultural dos pais

Nota: O Regis refere a palavra carinho e ajuda durante toda a entrevista.

Muito Obrigada pela colaboração.

7.2.2. Entrevista à Professora do 4º Ano e à Directora da Escola do Regis

- a) Fale sobre tudo o que conhece da história de vida do Regis
- b) Descreva o contexto familiar
- c) Escolaridade dos pais
- d) Nível socioeconómico
- e) A ajuda financeira que o Regis dá a família com o artesanato
- f) As expectativas da família em relação ao futuro do filho (Fase A e Fase B)
- g) Valorização da escola
- h) Em relação à aprendizagem (Fase A e Fase B)
- i) A que atribui as dificuldades de aprendizagem do Regis (Fase A)?
- j) A mudança (Fase A para a Fase B) deve-se a que?
- k) A relação professor-aluno (Fase A e Fase B)?
- l) Expectativas dos professores (Fase A e Fase B)
- m) Projectos de Artesanato e de Valores
- n) Crenças do professor no (in)sucesso escolar do aluno
- o) Experiência anterior da professora em meios sociais desfavorecidos

Nota: A professora Lira relatou outros casos de insucesso para o sucesso escolar de alunos.

Muito Obrigada pela colaboração.

8. Documentos Oficiais

João

Registo Biográfico do Aluno (RBA) – 1º Ciclo

(JOÃO) DOC. 1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO		REGISTO BIOGRÁFICO DO ALUNO		ENSINO BÁSICO (RBA) 1.º ciclo	
IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO					
Processo n.º		Nome completo	_____		
		Portador d. B.I. / Cédula n.º	_____ natural de <u>Fres Lourenço</u> , concelho de <u>Pontevedra</u>		
		nascido em <u>04/11/06</u> , filho de _____ e de _____			
		residente n.º _____			
		Localidade <u>Campo Leão</u> Código Postal <u>43110</u> <u>Campo Leão</u> Telefone _____			
IDENTIFICAÇÃO DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO					
Nome completo		_____ grau de parentesco <u>Pai</u>			
residente n.º _____		Número ou lote <u>23-B</u> Andar _____ Localidade <u>Campo Leão</u>			
Código Postal <u>43110</u> Telefone _____		Telefone _____			
MATRICULA E FREQUÊNCIA					
1.º ANO	Ano Escolar	Data	Estabelecimento de Ensino	O Professor	Número de Falhas Dadas
	<u>2008/03</u>	<u>11</u>	<u>Escola EB 1.º Ciclo Campo Leão</u>	_____	<u>2</u>
FREQUÊNCIA					
Ano de Escolaridade	Ano Escolar	Data	Estabelecimento de Ensino	O Professor	Número de Falhas Dadas
2.º Ano	<u>2003/04</u>	<u>05/07/03</u>	<u>EB1 Fonte esvosa</u>	_____	<u>17</u>
2.º Ano	<u>2004/05</u>	<u>06/09/04</u>	<u>EB1 Fonte esvosa</u>	_____	<u>16</u>
2.º Ano	<u>2004/05</u>	<u>30/09/04</u>	<u>EB1 São João Estoril</u>	_____	<u>17</u>
3.º Ano	<u>2005/06</u>	<u>28/06/05</u>	<u>EB1 São João Estoril</u>	_____	<u>17</u>
4.º Ano	<u>2006/07</u>	<u>26/08/06</u>	<u>EB1 de São João Estoril</u>	_____	<u>17</u>
AValiação					
Ano de Escolaridade	Ano Escolar	Data	Resultado Final (a)	O Professor	O Coordenador de Núcleo / Director da Escola
			<u>17</u>	_____	_____
			<u>16</u>	_____	_____
			<u>17</u>	_____	_____
			<u>17</u>	_____	_____

Obs.: mediante observação do RB, o aluno foi transferido de escola no 2.º ano

DEB / 95

MOD. 0213 - Exclusivo da Editorial do Ministério da Educação

Registo Biográfico do Aluno (RBA) - verso



Ministério da
Educação

REGISTO BIOGRÁFICO DO ALUNO

ENSINO BÁSICO
1.º Ciclo

Escola/Agrupamento _____ Distrito _____

Freguesia _____ Concelho _____

IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Processo n.º _____

Nome completo _____, portador do B.I. n.º _____, nascido em OLIVEIRA,
 natural de S. LOURENÇO, concelho de RODRALVES, (Profissão) S. N. P.,
 filho de _____, (Profissão) _____, número ou lote _____ andar _____
 e de _____, (Profissão) _____, número ou lote _____ andar _____
 residente n.º _____ código postal _____ telefone _____
 localidade _____

IDENTIFICAÇÃO DO ENCAREGADO DE EDUCAÇÃO

Nome completo _____, (Profissão) _____ grau de parentesco _____
 residente n.º _____ número ou lote _____ andar _____ localidade _____
 código postal _____ telefone (Residência) _____ telefone (Emprego) _____

AValiação e Frequência

Ano Lectivo	Ano de Escolaridade	Data de Matricula ou de Renovação de Matricula	Turmas / N.º	Prof. Titular de Turma	N.º de Presenças	Faltas		Resultado Final (6)	Data
						Total	Injust.		
2007/2008	4.º Ano	26/06/07			0				
2007/2008	4.º Ano	19/09/2007	EB.n.º 3 Alentejo		151	13	-	TRANS ITOU	27/06/2008
2008/2009	4.º Ano PA 2	24/06/2008	EB.n.º 3 Alentejo						
	º Ano								
	º Ano								

TRANSIÇÃO PARA O 2.º CICLO

(6) Escola 2/3 de Alentejo Data 27/06/2008 (6)

(6) No final de cada Ano Escolar, regista-se "Transição" ou "Não Transição". No final de Ciclo, regista-se "Aprovado" ou "Não Aprovado".

(7) Nome do Estabelecimento de Ensino para onde foi enviado o processo do aluno.

N.º Catalogo 0213 — Exclusivo da Editorial do Ministério de Educação

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) – 1º Período

Doc. 2
(RA1)
JOÃO

REGISTO DE AVALIAÇÃO

Aluno _____	1º CICLO
do 1º Ano, Escola/Agrupamento <u>Fonte elvira</u>	Ano lectivo <u>2002/03</u> 1º Período

Assiduidade	Presenças <u>63</u>	Faltas <u>1</u>

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

Área de Projecto - participou nas actividades propostas - Educação para a Cidadania.
 Em Estudo Acompanhado abordou temas como pronunciar bem as palavras, responder a perguntas, saber pedir, dar e receber informação; saber ouvir e respeitar as opiniões diferentes; saber organizar o caderno diário; saber estar na aula. - Em Formação Cívica foi fomentada a autonomia e a responsabilidade individual. a descoberta, o conhecimento e aplicação dos valores da compreensão, tolerância e partilha. Identificaram alguns dos valores éticos como: a bondade, solidariedade, amizade, empatia, coragem, justiça, responsabilidade, etc.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Em Língua Portuguesa conhece as letras, formula perguntas e respostas; decora pequenas lengalengas e poesia; conta histórias e comunica oralmente descobertas.
 Em Estudo do Meio aprendeu os temas abordados: o corpo, a escola, os membros da família, segurança, o ciatal.
 Em Matemática estabelece relações de grandeza em três objectos; escreve e conhece os números dados, efectua contagens progressivas e regressivas. utiliza o símbolo < (menor que), > (maior que), = (igual a), utiliza o sinal + e -; compre e decompõe.
 Em Expressões Artísticas gosta de participar, procura ser limpo e correcto, mas é muito moroso.
 Gosta de participar activamente nas actividades de expressão físico-motora.

Educação Moral e Religiosa (a)

✓

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) – 1º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo

Participou na festa de recepção aos novos, no dia do Idoso, dia do Agosto, nas actividades no salão do geder e na festinha de Natal.
Frequenta as aulas de expressão Plástica (Prof. *Luís Silva*) e de Educação Cívica (Prof. *Luís Silva*).

Apreciação global

O *aluno* apresenta um aproveitamento satisfatório. Mas há que dedicar-se mais e estar com mais ateneção.

Observações

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data *19/12/02*

O Encarregado de Educação _____

Data *09/01/03*

(a)-Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) – 2º Período

2
JOÃO

REGISTO DE AVALIAÇÃO

Aluno _____ do 1º Ano, Escola/Agrupamento <u>EB1 Fonte esvora</u>	1º CICLO Ano lectivo <u>2021/23</u> 2º Período
----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------

Assiduidade	Presenças <u>61</u>	Faltas Injustificadas <u>0</u>
		Faltas Justificadas <u>1</u>

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

Área Projecto: Educação para a Cidadania
 Estudo Acompanhado: Incentivar o gosto pela organização pessoal; treinar o raciocínio desenvolver e aperfeiçoar técnicas de estudo
 Formação Cívica: Aprender a ser responsável; conhecer e respeitar as várias etnias; adquirir/manter hábitos de vida saudável

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Em Língua Portuguesa tem dificuldade na leitura e na escrita de palavras; já conhece as letras: a, e, i, o, u, p, t, l, m, d, e, r; conta histórias e descreve gravuras.
 Na área de Matemática aprendeu os números até (9) nove; lê e escreve-os por ordem crescente e decrescente; utiliza os sinais +, -, =, >, <; faz medições com o palmo, o pé e o passo.
 Em Estudo do Meio adquiriu os conhecimentos propostos pelo programa: os seres vivos do seu ambiente, ...

Educação Moral e Religiosa (a)

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) - 2º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo

Participou no Desfile de Carnaval, nas comemorações do Dia da Pátria, nas actividades do Dia Internacional do Livro Infantil e nas actividades propostas pelo Centro Comunitário.
Frequenta as aulas de Expressão Plástica (Prof. ...) e as actividades de Educação Física (Prof. ...)

Apreciação global

O aluno é um aluno com falta de autonomia, distrai-se com muita facilidade o que o leva a ser muito moroso na elaboração das suas tarefas escolares. Ele melhorou o aproveitamento, mas ainda não é suficiente. Ele quer trabalhar mais e esforçar-se, a fim de obter melhores resultados.

Observações

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data 15/04/03

O Encarregado de Educação _____

Data ____/____/____

(a) - Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) – 3º Período

(2)
JOÃO

REGISTO DE AVALIAÇÃO	
Aluno _____ do 1º Ano, Escola/Agrupamento <u>Fonte elva</u>	1º CICLO Ano lectivo <u>2021/2023</u> 3º Período
Assiduidade	Presenças <u>164</u>
	Faltas Injustificadas <u>0</u> Faltas Justificadas <u>2</u>
Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)	
<p>Área de Projecto - Educação para a cidadania. Estudo Acompanhado - Incentivar o gosto pela autonomia e organização pessoal. Formação Cívica - Cooperar com os outros de forma interessada, activa e responsável.</p>	
Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)	
<p>Em Língua Portuguesa aprendeu as letras todas do alfabeto, já as vai juntando e lê palavras, frases e pequenos textos conta histórias e descreve gravuras. Na área da matemática aprendeu os números até ao 20, lê e escreve os por ordem crescente e decrescente, utiliza os sinais +, -, =, >, <. Com o estudo do liceo adquiriu os conhecimentos propostos.</p>	
Educação Moral e Religiosa (a)	
<p>Apresentou de participar nestas actividades.</p>	

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA1) – 3º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo

Participou nas actividades do Centro Comunitária, do Dia Mundial da Criança, na Visita de Estudo ao Parque das Nações, e na Feira Escolar.
Frequentou as aulas de Expressão Plástica e Educação Física.

Apreciação global

O aluno melhorou o seu aproveitamento. Trabalhou mais durante este período, mas tem de persistir e continuar a esforçar-se a fim de obter melhores resultados.

Observações

Boas Férias

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data 03/07/03

O Encarregado de Educação _____

Data ____/____/____

(a)-Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) – 1º Período

REGISTO DE AVALIAÇÃO

JOÃO
DOC(4)
(RA2)

Aluno _____	1º CICLO
do 2.º Ano, Escola/Agrupamento <u>EB1 Fonte e Loba</u>	Ano lectivo <u>2003/2004</u> 1º Período

Assiduidade	Presenças <u>58</u>	Faltas Injustificadas <u>0</u>
		Faltas Justificadas <u>4</u>

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

O aluno acompanha as áreas curriculares não disciplinares. Relaciona-se bem e trabalha em cooperação com os companheiros; melhorou a apresentação dos trabalhos e é mais organizado.
No estudo acompanhado tem treinado a atenção e concentração; está a gostar mais de ler, gosta de participar em todas as actividades e com toda a comunidade, dentro e fora da sala.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Em Língua Portuguesa apresenta dificuldade na leitura, muito hesitante e solitário; grande dificuldade no reconhecimento dos valores (sons) da leitura; relata acontecimentos e situações; dialoga sobre assuntos do seu meio. formula perguntas; copia e fez pequenos textos ditados. Em matemática conta até 100, mas progressivamente e com muita dificuldade regressivamente faz operações: adições e subtrações; lê e escreve os ordinais até 20.; utiliza a simbologia $< =$. Em estudo do meio conhece o mundo das plantas e animais.
Em Expressões Artísticas e Físico-Motoras é assíduo e pinta regularmente.

Educação Moral e Religiosa (a)

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) - 1º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo

Participou activamente na recepção aos novos alunos; visitou e participou nas actividades dos ateliers no Centro Comunitário, no playground escolar, visitou o Centro Cultural e viu um filme pedagógico.

Participou na Festa de Natal.
Frequenta as aulas de Educação Física.

Apreciação global

O apresenta ainda, grande dificuldade na leitura; tem de ler muito. Em matemática fez e aprendeu melhor os números.

O seu aproveitamento, em geral, tem melhorado continua fraco.

Observações

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data 13/12/2003

O Encarregado de Educação _____

Data ____/____/____

(a)-Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) – 2º Período

JOÃO

REGISTO DE AVALIAÇÃO

Aluno _____	1º CICLO
do 2.º Ano, Escola/Agrupamento [B1 Fonte Verde]	Ano lectivo 2003/04
	2º Período

Assiduidade	Presenças 52	Faltas Injustificadas 0
		Faltas Justificadas 8

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

O aluno continua a acompanhar bem todas as áreas curriculares não disciplinares. Relaciona-se bem com os colegas. Trabalha em cooperação com os companheiros. Tem falta de auto-dominio e confiança. Precisa de apoio individual pois apresenta dificuldade na aprendizagem. Esforça-se para participar nas propostas em grupo.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Em Língua Portuguesa melhorou a leitura, já conhece mais valores, mas continua com uma leitura muito solitária e hesitante; a caligrafia é regular; dá erros ortográficos, escreve pequenas frases.
Em Matemática faz contagens progressivas até 100, mas tem dificuldade na contagem regressiva. Faz pequenas adições e subtrações. Resolve algumas situações problemáticas. Em Estudo do Meio adquiriu alguns dos conhecimentos dados.

Educação Moral e Religiosa (a)

O aluno participou nas aulas.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) - 2º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo

Participou com interesse nas actividades do período: as janelas, as visitas ao Centro Comunitário, a comemoração do Dia Mundial da Pírua; a visita à fábrica e ao Museu da Delta.

Apreciação global

O aluno melhorou um pouco a leitura, mas continua com dificuldade, tem de ler muito. Tem algum aproveitamento em todas as áreas, mas continua fraco em relação aos níveis programáticos propostos.

Observações

AValiação FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data 06/04/04

O Encarregado de Educação _____

Data 22/04/04

(a)-Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) – 3º Período

JOÃO

REGISTO DE AVALIAÇÃO

Aluno	1º CICLO
do 2º Ano, Escola/Agrupamento EB1 Fonte elvira	Ano lectivo 2003/04
	3º Período

Assiduidade	Presenças 39	Faltas Injustificadas 0
		Faltas Justificadas 5

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

Área Projecto: Educação para a cidadania.
Estudo Acompanhado: Incentivar o gosto pela leitura e pela escrita; incentivar o gosto pela organização pessoal.
Formação Cívica: reconhecer que há bens que são de todos, distinguir o bom do mau uso dos bens; utilizar as coisas, pensando também nos outros; dar valor aos gestos de gratidão e partilha.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Na área de Língua Portuguesa acabou os casos de leitura, mas está continua muito hesitante; na escrita escreve palavras e pequenas frases, completa lacunas e faz palavras cruzadas; texto livre é muito fraco. Bom matemática, sabe contar até 100, mas tem dificuldade na compreensão e decomposição de números. Orações problemáticas e muito simples.

Educação Moral e Religiosa (a)

Participou nos temas abordados.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2) – 3º Período - verso

Actividades de enriquecimento do currículo
Aulas de Educação Física (Prof. Luís Leão).
Visita de estudos ao Jardim Zoológico.
Actividades no Centro Comunitário.
Ida ao Centro Cultural assistir à peça de teatro "O Papão e o Tonho".
Visita à escola Delta; visita à Delta Cafés-Lápis.
Feira Escolar do Agrupamento. Jardim

Apreciação global
O aluno apresentou ao longo do período de dificuldade na aprendizagem com falta de concentração e maturidade. A leitura é muito hesitante e solitária (alguns casos de leitura não os sabe ler). Apresenta um aproveitamento que não satisfaz para poder transitar de ano. João Farias

Observações
O aluno é um aluno muito infantil e com falta de autonomia. Não revela problemas a nível de aprendizagem; denota muita distração e falta de maturidade.

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO	
O Professor _____ Data 28/06/04	O Encarregado de Educação _____ Data ____/____/____

(a)-Especificar a confissão religiosa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 1º Período

Escola E. B. 1 São João do Estoril

JOÃO
DOC. 6
(RA2a)

Registo de Avaliação	
Aluno: <u>João Duarte Gomes</u>	Ano Lectivo 2004/2005
Ano de Escolaridade: <u>2º Ano</u>	1º Período
Assiduidade: <u>É assíduo e pontual</u>	Presenças: <u>50</u> Faltas: <u>3</u>

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares	
Língua Portuguesa	Satisfaz
Estudo do Meio	Satisfaz
Matemática	Satisfaz
Expressões Artísticas	Satisfaz Bem
Físico-Motoras	Satisfaz

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
Projecto de Escola	X	
Animação Cultural		

P – Participa; NP – Não Participa

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 1º Período – verso

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho		X	
	Capacidade de iniciativa		X	
	Participação no trabalho de grupo		X	
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Organização e método de estudo		X	
	Procura e utiliza diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala	X		
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade		X	
	Assume regras de convivência		X	

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O satisfaz em todas as áreas mas em língua Portuguesa precisa de treinar a escrita de frases e pequenos textos, na Matemática a concentração.
 É um aluno que se distrai com muita facilidade. Tem de estar mais atento no que gere que o seu trabalho não seja prejudicado.

Medidas de Apoio Educativo

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

O Professor

O Encarregado de Educação

Data 21/12/04

Data 11/07/05

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 2º Período


 Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1 nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

JOÃO

Escola E. B. 1 São João do Estoril

Registo de Avaliação	
Aluno: _____	Ano Lectivo
Ano de Escolaridade: <u>2º</u> Ano	<u>2º</u> Período
Assiduidade: <u>É pouco assíduo</u>	Presenças: <u>94</u> Faltas: <u>10</u>

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares	
Língua Portuguesa	Satisfaz Pouco
Estudo do Meio	Satisfaz Bem
Matemática	Satisfaz
Expressões Artísticas	Plástica Satisfaz Bem
	Dramática Satisfaz Bem
	Musical Satisfaz Bem
Físico-Motoras	Satisfaz

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
Projecto de Escola	X	

P – Participa; NP – Não Participa

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza Agrupamento de Escolas de São João do Estoril Telef.: 214688396/ 214670862
 Rua Viltono Nemésio, 222Galiza E-mail: ae23galiza@netcabo.pt Fax: 214675448
 2765-362 Estoril

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 2º Período – verso



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1 nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo		X	
	Partilha de conhecimentos adquiridos		X	
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação		X	
Formação Cívica	Participação na vida da sala		X	
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência			X

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O aluno é um aluno que consegue acompanhar a turma embora se tenha revelado muito fraco a todo o nível.

Medidas de Apoio Educativo

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

O Professor 	O Encarregado de Educação
Data 22/03/05	Data 11/07/05

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
Rua Vitorino Narmesio, 222Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
2765-362 Estoril

Telef.: 214688396/ 214670862
Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 3º Período


 Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI de Galiza * EB1 nº3 de Galiza * EB1 de São João do Estoril

JOÃO

Escola E. B. 1 São João do Estoril

Registo de Avaliação	
Aluno: _____	Ano Lectivo _____
Ano de Escolaridade: <u>2º</u> Ano	<u>3º</u> Período
Assiduidade: <u>É assíduo e pontual</u>	Presenças: <u>145</u> Faltas: <u>16</u>

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares	
Língua Portuguesa	Satisfaz
Estudo do Meio	Satisfaz
Matemática	Satisfaz
Expressões Artísticas	Plástica Satisfaz
	Dramática Satisfaz
	Musical Em anexo
Físico-Motoras	Satisfaz Bem

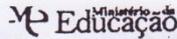
Enriquecimento do Currículo	P	NP
Projectos de Escola	X	

P – Participa; NP – Não Participa

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza Agrupamento de Escolas de São João do Estoril Telef.: 214688396/ 214670862
 Rua Vitorino Nemésio, 222 Galiza E-mail: eb23galiza@netcabo.pt Fax: 214675448
 2765-382 Estoril

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA2a) – 3º Período - verso



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1 nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não-Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa		X	
	Participação no trabalho de grupo		X	
	Partilha de conhecimentos adquiridos		X	
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala		X	
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência			X

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O aluno precisa de trabalhar mais a área de Língua Portuguesa (ler e escrever muito) e exercitar as operações a tabuada e as situações problemáticas na Matemática.
O aluno atingiu as competências estabelecidas para o 2º ano de escolaridade. Transita ao 3º ano.

Medidas de Apoio Educativo

Avaliação Final de Ano / Ciclo

Transita

O Professor	O Encarregado de Educação
Data 1 / 07 / 05	Data 11 / 07 / 05

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
Rua Vitorino Nemésio, 222Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
2765-382 Estoril

Telef.: 214688396/ 214670862
Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 1º Período

DOC. (B)
 (RA3)
 JOAO

Ministério da Educação
 Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/JI da Galiza * EB1 n.º3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Escola E. B. 1 São João do Estoril

Registo de Avaliação	
Aluno: _____	Ano Lectivo: 2007/2008
Ano de Escolaridade: 3º Ano	1º Período
Assiduidade: <u>É pouco assíduo</u>	Presenças: <u>60</u> Faltas: <u>5</u>

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares	
Língua Portuguesa	Satisfaz Pouco
Estudo do Meio	Não atingiu as competências exigidas para este período. Não Satisfaz
Matemática	Satisfaz Pouco
Expressões Artísticas	Plástica: Satisfaz
	Dramática: Satisfaz
	Musical: Em anexo
Físico-Motoras	Satisfaz

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
"O Ambiente - A água"	x	

P – Participa; NP – Não Participa

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza Agrupamento de Escolas de São João do Estoril Telef.: 214688396/ 214670862
 Rua Vitorino Nemésio, 222 Galiza E-mail: eb23galiza@netcabo.pt Fax: 214675448
 2765-382 Estoril

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 1º Período - verso



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1 nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo		X	
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala		X	
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência			X

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O este período esteve muito desconcentrado o que prejudicou o seu desempenho escolar.
 No próximo período tem de estudar mais as matérias trabalhadas, na aula e sobretudo estar mais concentrado na execução dos trabalhos.
 Ao nível de língua Portuguesa deverá ter mais atenção aos erros ortográficos e recomeçar a participar a sua caligrafia.

Medidas de Apoio Educativo

Avaliação Final de Ano / Ciclo

O Professor	O Encarregado de Educação
_____	_____
Data <u>21/12/2011</u>	Data ___/___/___

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
Rua Vitorino Namésio, 222 Galiza

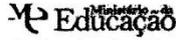
Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
2765-382 Estoril

Telef.: 214688396/ 214670862
Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 2º Período

JCAE



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
 EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/A de Galiza * EB1 n.º3 de Galiza * EB1 de São João do Estoril

Escola E. B. 1 São João do Estoril

Registo de Avaliação	
Aluno: <u>J. C.</u>	Ano Lectivo <u>2005/2006</u>
Ano de Escolaridade: <u>3º</u> Ano	<u>2º</u> Período
Assiduidade: <u>É assíduo nos poucos pontuais</u>	Presenças: <u>11</u> Faltas: <u>10</u>

Síntese Personalidade, Atitudes, Competências e Habilidades	
Língua Portuguesa	Não Satisfaz
Estudo do Meio	Satisfaz Pouco
Matemática	Satisfaz Pouco
Expressões Artísticas	Plástica Satisfaz
	Dramática Satisfaz
	Musical Em anexo
Físico-Motoras	Satisfaz

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
" O Ambiente - A água "	x	

P – Participa; NP – Não Participa

Escola Sede: Escola Básica 2.3 de Galiza
 Rua Vitorino Nemésio, 222Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
 E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
 2765-362 Estoril

Telef.: 214688398/ 214670862
 Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 2º Período - verso



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 n°1/II de Galiza * EB1n°3 de Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo		X	
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala		X	
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência			X

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

Durante este período o seu aproveitamento tem sido prejudicado pela falta de estudos, de ateneas, de interesse e pelo seu comportamento dentro da sala de aula.
Ao nível de língua Portuguesa deve de estar mais atento no sentido de melhorar a sua caligrafia e os erros ortográficos que continuam a dar trabalho durante este período.

Medidas de Apoio Educativo

O aluno usufrui de plano de Recuperação

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

O Professor <u>[Assinatura]</u>	O Encarregado de Educação _____
Data <u>4/04/2016</u>	Data ___/___/___

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
Rua Vitorino Nemésio, 222 Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
2706-382 Estoril

Telef.: 214688396/ 214670862
Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 3º Período



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
 EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1 nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

JOÃO

Escola E. B. 1 São João do Estoril

Registo de Avaliação	
Aluno: _____	Ano Lectivo 2007/2008
Ano de Escolaridade: 3º Ano	3º Período
Assiduidade: <u>É pouco assíduo e pouco pontual</u>	Presenças: 55 Faltas: 17

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares	
Língua Portuguesa	O aluno continua a revelar dificuldades, ao nível de ortografia, no entanto conseguiu alcançar alguns das competências estabelecidas no seu plano de recuperação.
Estudo do Meio	O aluno não atingiu todas as competências estabelecidas ao nível do Estudo do Meio.
Matemática	Este período continuou a revelar algumas dificuldades, no entanto conseguiu alcançar alguns das competências estabelecidas no seu plano de recuperação.
Expressões Artísticas	Plástica Satisfazer
	Dramática Satisfazer
	Musical Participe com interesse nas actividades propostas.
Físico-Motoras	Satisfazer

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
"O Ambiente - A água"	x	

P – Participa; NP – Não Participa

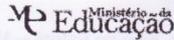
Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
 Rua Vitorino Nemésio, 222 Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
 E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
 2765-382 Estoril

Telef.: 214688396/ 214670862
 Fax: 214675448

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA3) – 3º Período - verso



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/JI da Galiza * EB1n.º3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	×		
	Capacidade de iniciativa		×	
	Participação no trabalho de grupo		×	
	Partilha de conhecimentos adquiridos		×	
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens		×	
	Organização e método de estudo	×		
	Recurso a diversas fontes de informação	×		
Formação Cívica	Participação na vida da sala		×	
	Autonomia		×	
	Sentido de responsabilidade	×		
	Aquisição de regras de convivência			×

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O aluno atingiu as competências mínimas estabelecidas para o 3º ano de escolaridade. Insucesso ao 4º ano de escolaridade.

Medidas de Apoio Educativo

O aluno usufrui de plano de recuperação.

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

Transita

O Professor	O Encarregado de Educação
Data 27/06/06	Data ___/___/___

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza
Rua Vitorino Nemésio, 222Galiza

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril
E-mail: eb23galiza@netcabo.pt
2765-362 Estoril

Telef.: 214685396/ 214670862
Fax: 214675448

Plano de Recuperação (PR3)

Aluno: [Redacted]

Ano de Escolaridade: 3º Ano

DOC. 10
(PR3)
JOÃO

RELATÓRIO

O aluno [Redacted] revela muitas dificuldades na área da Matemática ao nível do raciocínio, calculo mental e leitura, escrita, decomposição e ordenação numérica.

Relativamente à área da Língua Portuguesa o [Redacted] revela muitas dificuldades ao nível da ortografia e construção frásica.

Por apresentar as dificuldades acima referidas ser-lhe-á aplicado um plano de recuperação.

A professora Titular

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Plano de Recuperação (PR3) – (continuação)


Equipamento de Escolas de São João do Estoril - 17000
Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza - 341617
 EB 2.3 da Galiza ✦ EB 1 n.º1/JI da Galiza ✦ EB1 n.º3 da Galiza ✦ EB1 de São João do Estoril

5.7

PLANO DE RECUPERAÇÃO

ANO LECTIVO 2005/2006	ANO 3 ^o	TURMA	PERÍODO 2 ^o
-----------------------	--------------------	-------	------------------------

Aluno(a) _____ Nº _____

Ao abrigo do artigo 2º do Despacho Normativo nº. 50/2005, o Conselho de Turma, a partir dos resultados da Avaliação Sumativa, elabora, implementa, acompanha e avalia o seguinte Plano de Recuperação:

JOÃO

		Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio
PEDAGOGIA DIFERENCIADA	Acompanhamento individualizado	X	X	
	Maior participação na aula	X	X	
	Organização do material	X	X	
	Actividades diversificadas	X	X	
ACTIVIDADES DE COMPENSAÇÃO	Fichas de recuperação de conteúdos	X	X	
	Fichas de consolidação de conteúdos	X	X	
	Plano Individual de Trabalho – PIT			
AULAS DE RECUPERAÇÃO	Apoio Sócio educativo		X	
Outros				

Observações: O aluno detém benefício de apoio sócio-educativo nos de momentos não se encontra colocada nenhum docente desta área neste estabelecimento de ensino.

Data: 06/01/06

Professor Titular

Coordenador(a) de Conselho Docentes

Eu, Encarregado de Educação, tomei conhecimento e co-responsabilizo-me pela execução do Plano de Recuperação para o meu educando.

Data: 06/01/06

Assinatura do Encarregado de Educação

Pres. (ms. Exec)

12/1/06

Avaliação do Plano de Recuperação (APR3)



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

Escola Sede: Escola Básica 2.3 da Galiza – 341617

EB 2.3 da Galiza - EB 1 n.º 1/J1 da Galiza - EB1 n.º 3 da Galiza - EB1 de São João do Estoril

DOC (M)
(APR3)
JOÃO

Nome _____ Nº _____ ANO 3º TURMA _____ 3º PERÍODO _____

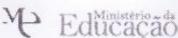
ANO LECTIVO 2005/2006

Áreas Curriculares	RELATÓRIO (Razões do Sucesso / Insucesso do Plano de Recuperação proposto)	-Recuperou	-Não Recuperou	Observações
Língua Portuguesa	O aluno continua a revelar algumas dificuldades no entanto conseguiu acompanhar a maior parte das competências estabelecidas no seu plano de recuperação.	X		
Matemática	O aluno continua a revelar algumas dificuldades no entanto conseguiu acompanhar a maior parte das competências estabelecidas no seu plano de recuperação.	X	*	
Estudo do Meio				

Assinalar com uma X a avaliação da progressão do(a) aluno(a) face à implementação do Plano de Recuperação. O Professor _____ 27/06/06

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4) – 1º Período



Ministério da Educação

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
 EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/JI da Galiza * EB1n.º3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Escola E. B. 1 de São João do Estoril

JOÃO
 DOC. 12
 (RA4)

Registo de Avaliação		
Aluno: JOÃO	Ano Lectivo 2006/2007	
Ano de Escolaridade: 4.º ano	1.º Período	
Assiduidade: é pouco assíduo.	Presenças: 51	Faltas: 12

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares		
Língua Portuguesa	<p>Compreensão e Oralidade: expressa-se oralmente com dificuldade e pouca clareza; tem dificuldade em compreender e utilizar vocabulário diversificado e adequado ao contexto.</p> <p>Compreensão escrita: nem sempre compreende os enunciados escritos; a sua caligrafia é quase ininteligível. Não sabe pontuar e escreve com muitos erros ortográficos. Leitura: revela algumas dificuldades na técnica da leitura.</p>	
Estudo do Meio	<p>Compreende os princípios elementares do Meio Físico/Social. Parece ter conhecimento da sua identidade, mas não tem conhecimento da realidade envolvente e do seu património histórico. Não é capaz de problematizar situações concretas existentes no seu meio. Não domina as técnicas simples de recolha e tratamento de dados.</p>	
Matemática	<p>Não é capaz de ler e representar números inteiros e decimais. Não domina as técnicas de cálculo simples, e tem dificuldade nas operações com números decimais. Não resolve situações de problemas do dia-a-dia. Revela muitas dificuldades nas grandezas e medidas.</p>	
Expressões Artísticas	Plástica	É com dificuldade que reproduz e/ou criar trabalhos diversos.
	Dramática	Tem dificuldade em criar personagens, histórias, jogos...
	Musical	Não tem conhecimento de músicas, rimas, lengalengas...
Físico-Motoras	Participa e conhece as regras elementares de jogo e de outras actividades desportivas.	

0%-19% Fraco; 20%-49% Não Satisfaz; 50%-69% Satisfaz; 70%-89% Satisfaz Bem; 90%-100% Satisfaz Muito Bem

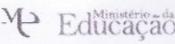
Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
Projecto Educativo "A Água"	X	

P – Participa; NP – Não Participa

EB1 de São João do Estoril
 Rua Trindade Coelho 2765-511 Estoril
 Tel./Fax: 214687792

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4) – 1º Período - verso


JOÃO

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI de Galiza * EB1nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo	X		
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens	X		
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala	X		
	Autonomia	X		
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência		X	

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

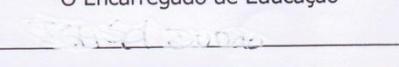
Apreciação Global / Comportamento

O aluno revela muitas dificuldades em todas as áreas.
 Precisa de aperfeiçoar a caligrafia, urgentemente!
 Ser-lhe-á aplicado um plano de recuperação a partir do 2.º período lectivo.
 Boas férias. Bom Natal!

Medidas de Apoio Educativo

Beneficia do apoio do IPAF e do sócio-educativo.

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

A Professora _____ Data <u>18 / 12 / 2006</u>	O Encarregado de Educação  _____ Data ___/___/___
-----------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

EB1 de São João do Estoril
 Rua Trindade Coelho 2765-511 Estoril
 Tel./Fax: 214687792

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4) – 2º Período - verso



Ministério da Educação

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo	X		
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens	X		
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala	X		
	Autonomia	X		
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência		X	

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O aluno fez poucos progressos na aprendizagem ao longo deste período, revelando muitas dificuldades em todas as áreas.

Precisa de estudar bastante e de continuar a aperfeiçoar a caligrafia!

Foi-lhe aplicado um plano de recuperação desde o início do 2.º período lectivo.

Feliz Páscoa!

Medidas de Apoio Educativo

Beneficia do apoio sócio-educativo.

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

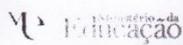
A Professora	O Encarregado de Educação
Data 27/03/2007	Data 11/04/2007

EB1 de São João do Estoril
Rua Trindade Coelho 2765-511 Estoril
Tel./Fax: 214687792

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4) – 3º Período





Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 nº1/JI da Galiza * EB1nº3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril
Escola E. B. 1 de São João do Estoril



Registo de Avaliação	
Aluno: <u>Algo de João</u>	Ano Lectivo 2006/2007
Ano de Escolaridade: 4.º ano	3.º Período
Assiduidade: este período foi assíduo.	Presenças: 119 Faltas: 29

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Disciplinares							
Língua Portuguesa	<p>Compreensão e Oralidade: expressa-se oralmente com dificuldade e pouca clareza; tem dificuldade em compreender e utilizar vocabulário diversificado e adequado ao contexto.</p> <p>Compreensão escrita: nem sempre compreende os enunciados escritos; a sua caligrafia é quase ininteligível. Não sabe pontuar e escreve com muitos erros ortográficos. Leitura: revela algumas dificuldades na técnica da leitura.</p>						
Estudo do Meio	<p>Compreende os princípios elementares do Meio Físico/Social. Parece ter conhecimento da sua identidade, mas não tem conhecimento da realidade envolvente e do seu património histórico, revelando falta de estudo. Não é capaz de problematizar situações concretas existentes no seu meio. Não domina as técnicas simples de recolha e tratamento de dados.</p>						
Matemática	<p>Não é capaz de ler e representar números inteiros e decimais. Não domina as técnicas de cálculo simples, e tem dificuldade nas operações com números decimais. Não resolve situações de problemas do dia-a-dia. Revela muitas dificuldades nas grandezas e medidas.</p>						
Expressões Artísticas	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 15%; text-align: center;">Plástica</td> <td>É com dificuldade que reproduz trabalhos diversos.</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Dramática</td> <td>Tem dificuldade em criar personagens, histórias, jogos...</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Musical</td> <td>Não tem conhecimento de músicas, rimas, lengalengas...</td> </tr> </table>	Plástica	É com dificuldade que reproduz trabalhos diversos.	Dramática	Tem dificuldade em criar personagens, histórias, jogos...	Musical	Não tem conhecimento de músicas, rimas, lengalengas...
Plástica	É com dificuldade que reproduz trabalhos diversos.						
Dramática	Tem dificuldade em criar personagens, histórias, jogos...						
Musical	Não tem conhecimento de músicas, rimas, lengalengas...						
Físico-Motoras	Participa e conhece as regras elementares de jogo e de outras actividades desportivas.						

0%-19% Fraco; 20%-49% Não Satisfaz; 50%-69% Satisfaz; 70%-89% Satisfaz Bem; 90%-100% Satisfaz Muito Bem

Actividades de Enriquecimento do Currículo	P	NP
Projecto Educativo "A Água"	X	

P – Participa; NP – Não Participa

EB1 de São João do Estoril
 Rua Trindade Coelho 2765-511 Estoril
 Tel./Fax: 214687792

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4) – 3º Período - verso



Ministério da Educação

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689
EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/JI da Galiza * EB1n.º3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

Síntese Descritiva das Áreas Curriculares Não Disciplinares		RP	R	RC
Área de Projecto	Organização no trabalho	X		
	Capacidade de iniciativa	X		
	Participação no trabalho de grupo	X		
	Partilha de conhecimentos adquiridos	X		
Estudo Acompanhado	Autonomia na realização das aprendizagens	X		
	Organização e método de estudo	X		
	Recurso a diversas fontes de informação	X		
Formação Cívica	Participação na vida da sala	X		
	Autonomia	X		
	Sentido de responsabilidade	X		
	Aquisição de regras de convivência		X	

RP – Revela Pouco; R – Revela; RC – Revela Claramente

Apreciação Global / Comportamento

O aluno não fez progressos na aprendizagem ao longo deste período, revelando muitas dificuldades em todas as áreas. Não atingiu os objectivos para o final do 4.º ano de escolaridade.

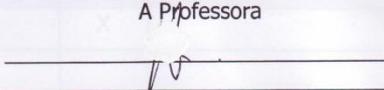
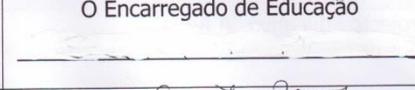
Precisa de estudar bastante e de continuar a aperfeiçoar a caligrafia!

Medidas de Apoio Educativo

Beneficiou do apoio sócio-educativo.

Avaliação Final de Ano / Ciclo:

Não aprovado.

A Professora  Data <u>26/06/2007</u>	O Encarregado de Educação  Data <u>9/7/2007</u>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

EB1 de São João do Estoril
 Rua Trindade Coelho 2765-511 Estoril
 Tel./Fax: 214687792

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Plano de Recuperação (PR4)



Ministério da Educação

Agrupamento de Escolas de São João do Estoril - 170689

EB2.3da Galiza * EB1 n.º1/JI da Galiza * EB1n.º3 da Galiza * EB1 de São João do Estoril

JOÃO
DOC. 14
(PR4)

PLANO DE RECUPERAÇÃO ANO LECTIVO 2006/2007

ANO	TURMA	PERÍODO
4.º	A	1.º

Aluno(a) _____ N.º 9

Ao abrigo do artigo 2.º do Despacho Normativo n.º 50/2005, o Conselho de Turma, a partir dos resultados da Avaliação Sumativa, elabora, implementa, acompanha e avalia o seguinte Plano de Recuperação:

		Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio
PEDAGOGIA DIFERENCIADA	Acompanhamento individualizado	X	X	
	Maior participação na aula	X	X	
	Organização do material	X	X	
	Actividades diversificadas	X	X	
ACTIVIDADES DE COMPENSAÇÃO	Fichas de recuperação dos conteúdos	X	X	
	Fichas de consolidação dos conteúdos	X	X	
	Plano Individual de Trabalho PIT			
AULAS DE RECUPERAÇÃO	Apoio Sócio-Educativo	X	X	
Outros				

Observações: - Revela ausência de pré-requisitos situados ao nível do 2.º ano de escolaridade;
- Dificuldade de comunicação escrita: não consegue ler o que escreve porque [desenha mal as letras].

Data: 28/11/2006

O professor titular

O(A) Coordenador(a) do Conselho de Docentes

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Plano de Recuperação (PR4) - verso

JOÃO

Áreas/Anos	Competências Essenciais por Áreas/Anos de Escolaridade	1.º P.	2.º P.	3.º P.
Língua Portuguesa 3.º Ano	Escrita legível.			
	Correcção ortográfica em palavras de uso corrente.			
	Utilização correcta dos sinais de pontuação.			
	Domínio das técnicas instrumentais da escrita.			
	Identificação dos elementos da frase.			
	Distinção de sinónimos.			
	Reconhecimento da ordem alfabética.			
	Retenção da informação oral/escrita.			
	Distinção do significado das variedades do português em contexto diversificado.			
	Conhecimento de vocabulário variado.			
	Construção correcta de frases.			
	Leitura silenciosa.			
	Aprensão do significado principal de um texto.			
Localização no texto da informação pretendida.				
Matemática 3.º Ano	Leitura, escrita, decomposição e ordenação numérica.			
	Identificação da numeração romana até 100.			
	Utilização dos algoritmos da adição, subtração, multiplicação e divisão.			
	Identificação de sólidos geométricos.			
	Distinção de sólidos geométricos e figuras geométricas.			
	Medições com unidades de medida, de escolha livre.			
Ordenação segundo um critério que envolva a noção de comprimento e massa.				
Língua Portuguesa 4.º Ano	Transformação de comunicação oral em escrita.	N.S.		
	Identificação de intervenientes e acções, referenciando-os no espaço e no tempo.	S.P.		
	Leitura expressiva.	S.P.		
	Descodificação da informação do texto.	S.P.		
	Escrita legível.	N.S.		
	Correcção ortográfica.	N.S.		
	Redacção de pequenos textos.	N.S.		
	Conhecimento e aplicação de regras de ortografia e pontuação.	N.S.		
	Distinção de diferentes tipos de texto.	N.S.		
	Distinção dos elementos de uma frase.	N.S.		
	Estabelecimento de relações entre as palavras (sinónimos e antónimos).	S.P.		
	Distinção de nomes próprios, comuns e colectivos.	S.P.		
	Classificação dos nomes quanto ao grau, género e número.	N.S.		
	Identificação de adjectivos.	N.S.		
Identificação dos determinantes num texto.	N.S.			
Identificação de verbos num texto.	N.S.			
Decomposição de palavras em sílabas.	S.P.			
Distinção de sílabas tónicas e sílabas átonas.	S.P.			
Matemática 4.º Ano	Leitura e escrita da milésima ao milhão.	N.S.		
	Estabelecimento de relações de ordem.	S.P.		
	Identificação de numerais ordinais.	S.P.		
	Domínio das técnicas das quatro operações.	N.S.		
	Resolução de situações problemáticas simples.	N.S.		
	Representação de números em rectas graduadas.	N.S.		
	Realização de estimativas.	N.S.		
	Reconhecimento dos sólidos e figuras geométricas.	S.P.		
	Identificação de ângulos.	—		
	Representação das figuras geométricas com régua.	—		
	Interpretação de plantas.	—		
	Identificação de medidas de comprimento, peso e capacidade.	N.S.		
	Cálculo de perímetros e áreas.	N.S.		
Consulta de instrumentos de tempo (horários e calendários).	S.P.			
Utilização, representação e comparação do Euro.	S.P.			

(NS – Não Satisfaz, SP – Satisfaz Pouco, S – Satisfaz, SB – Satisfaz Bem, SMB – Satisfaz Muito Bem)

Avaliação do Plano de Recuperação (APR4)



Agrupamento de Escolas de São João do Estoril – 170689

Escola Sede: Escola Básica 2,3 da Galiza – 341617

EB 2.3 da Galiza ✦ EB 1 n.º 1/JI da Galiza ✦ EB1 n.º 3 da Galiza ✦ EB1 de São João do Estoril

AValiação do Plano de Recuperação – 1.º Ciclo

ANO LECTIVO 2006/2007

Nome:

N.º 9 ANO: 4.º TURMA: A

3.º PERÍODO

JOÃO - 1
APR
1.º trimestre
anos
DOC. (15)
(APR4)

Áreas Curriculares	RELATÓRIO (Razões do Sucesso / Insucesso do Plano de Recuperação proposto)	-Recuperou	-Não Recuperou	Observações
Língua Portuguesa	O aluno mostra-se muito imaturo nas suas atitudes. É muito desorganizado e não possui hábitos de trabalho. Apresenta dificuldades na compreensão e interpretação de textos, na expressão escrita (caligrafia, ortografia, pontuação, vocabulário e sintaxe), na organização das ideias e na utilização das estruturas gramaticais.		X	Teve apoio Sócio-Educativo
Matemática	Apresenta muitas dificuldades no desenvolvimento do raciocínio e do cálculo mental, no domínio das quatro operações e na resolução de situações problemáticas simples, do dia-a-dia. Manifesta ausência de pré-requisitos e um ritmo de aprendizagem muito lento associado à falta de hábitos de trabalho.		X	O aluno deverá beneficiar do apoio Sócio-Educativo.
Estudo do Meio				

O Professor

Assinale com uma X a avaliação da progressão do(a) aluno(a) face à implementação do Plano de Recuperação.

Assinale com uma X a avaliação da progressão do(a) aluno(a) face à implementação do Plano de Recuperação.

26/06/07

Avaliação Apoio Sócio-Educativo (AASE4) – 1º Período

ESCOLA EB1 DE S. JOÃO DO ESTORIL

ANO LECTIVO: 2006/2007

1.º PERÍODO

DOC. (18)
(AASE4)

JOÃO-1

Relatório de Apoio Sócio-Educativo

Aluno: _____

Ano: 4.º

Turma: A

O _____ é um aluno assíduo, pouco participativo e revela pouco interesse pelas actividades lectivas. Revela falta de hábitos de trabalho e métodos de estudo; pouca autonomia e criatividade; falta de organização, atenção e concentração na realização das actividades escolares e insegurança na realização das mesmas. Apresenta ainda ausência de pré-requisitos; ritmo lento de aprendizagem e dificuldades de aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos e conteúdos.

Ao nível da Língua Portuguesa apresenta dificuldades na interpretação de textos orais e escritos; na expressão escrita (vocabulário, sintaxe, ortografia, pontuação e organização de ideias) e dificuldade na organização e interpretação da informação.

Na Matemática apresenta dificuldades no desenvolvimento do raciocínio e da comunicação; em efectuar cálculos mentalmente; no domínio das técnicas operatórias essenciais e no reconhecimento das operações necessárias à resolução de problemas.

Professora do Apoio Sócio-Educativo:

Professora Titular:

Data: (18 / 12 / 2006)

Data: (___ / ___ / ___)

Avaliação Apoio Sócio-Educativo (AASE4) – 2º Período

ESCOLA EB1 DE S. JOÃO DO ESTORIL

ANO LECTIVO: 2006/2007

2.º PERÍODO

JOÃO - 1

18

Relatório de Apoio Sócio-Educativo

Aluno: _____ **Ano:** 4.º **Turma:** A

O _____ foi um aluno assíduo ao longo do segundo período mas pouco participativo, pouco organizado e que revela pouco interesse pelas actividades lectivas. Ao longo do período não evidenciou progressos significativos, pois continua a revelar falta de atenção/concentração na realização das actividades escolares; falta de hábitos de trabalho e métodos de estudo; pouca autonomia e criatividade; dificuldades de aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos e conteúdos; ritmo lento de aprendizagem; pouca capacidade de memorização e ausência de pré-requisitos.

Ao nível da Língua Portuguesa apresenta dificuldades na interpretação de textos; na expressão escrita (ortografia, pontuação, vocabulário e sintaxe); na organização e interpretação da informação e na utilização da estrutura gramatical.

Na Matemática apresenta dificuldades no cálculo mental; no desenvolvimento do raciocínio; no domínio das técnicas operatórias essenciais e na resolução de problemas/situações problemáticas.

Professora do Apoio Sócio-Educativo:

Professora Titular:

Data: (27/03/07)

Encarregado de Educação:

Data: (11/4/2007)

Avaliação Apoio Sócio-Educativo (AASE4) – Final

ESCOLA EB1 DE S. JOÃO DO ESTORIL

ANO LECTIVO: 2006/2007

JOÃO

Relatório Final de Apoio Sócio-Educativo

Aluno:

Ano: 4.º

Turma: A

O [] apesar de todos os esforços efectuados ao longo do ano quer pela professora da turma, quer pela professora de apoio não conseguiu superar as suas dificuldades, não adquirindo assim as competências essenciais propostas para o 4.º ano.

É um aluno que revela imaturidade nas suas atitudes; falta de organização; falta de métodos de trabalho e hábitos de estudo; falta de atenção e concentração; falta de trabalho e empenhamento; pouca autonomia e criatividade; dificuldades de aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos e conteúdos; ritmo lento de aprendizagem; pouca capacidade de memorização e ausência de pré-requisitos.

Na Língua Portuguesa apresenta dificuldades na interpretação de textos, na expressão escrita (ortografia, pontuação, vocabulário e sintaxe), na organização e interpretação da informação e na utilização da estrutura gramatical.

Na Matemática apresenta dificuldades no desenvolvimento do raciocínio, no cálculo mental, no domínio das operações básicas, no reconhecimento das operações necessárias à resolução de problemas e na resolução de situações problemáticas.

No Próximo ano lectivo o [] deverá estar mais atento nas aulas, participar adequadamente, pedir ajuda ao professor sempre que não compreenda qualquer assunto, fazer sempre os trabalhos de casa e estudar diariamente as matérias dadas na aula. A escola deverá dar a possibilidade ao aluno de continuar a usufruir de Apoio Sócio-Educativo, de preferência mais individualizado e mais horas semanais.

Professora do Apoio Sócio-Educativo:

Professora Titular:

Encarregado de Educação:

Data: (26/11/07)

Data: (9/7/2007)

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4a) – 1º Período

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALCABIDECHE
EB1 n.º 3 de Alcoitão

JOÃO

DOC. (20)
(RA4a)

Aluno:	Ano: 4º Turma B Escola: EB1 n.º 3 de Alcoitão			1.º Ciclo
Assiduidade	Pontualidade			Ano Lectivo
Presenças: 56	Faltas: 04	É pontual: X	Não é pontual:	2007/ 2008
				1.º Período

		Síntese	I	S	B	MB
Áreas Curriculares Disciplinares	Língua Portuguesa	Expressa-se oralmente com progressiva autonomia e clareza.		X		
		Interpreta enunciados de natureza diversificada.		X		
		Apresenta um vocabulário rico e variado		X		
		Lê		X		
		Elabora frases com criatividade		X		
		Elabora frases com correcção ortográfica. (tem vindo a melhorar)		X		
		Escreve com letra legível. (tem vindo a melhorar)		X		
		Distingue diferentes tipos de texto.		X		
		Distingue formas e mobilidade de elementos da frase.		X		
		Distingue elementos fundamentais da frase e relações de significado entre palavras.		X		
		Domina noções gramaticais.		X		
		Aplica regras gramaticais básicas.		X		
	Matemática	Lê e escreve números.		X		
		Relaciona o número com a respectiva quantidade.		X		
		Ordena números segundo relações de grandeza.		X		
		Compõe e decompõe números.		X		
		Estabelece relações entre as diferentes unidades.		X		
		Resolve situações problemáticas.		X		
		Utiliza as operações de modo correcto. (dif. Por não colocar por ordens)		X		
		Faz uso corrente e correcto do cálculo mental.		X		
	Conhece noções práticas de geometria.		X			
	Estudo do Meio	Conhece a sua identidade. (básico)		X		
		Conhece a realidade envolvente (natural e social)		X		
		Conhece o seu património histórico (local e regional)		X		
		Capacidade de problematizar situações concretas existentes no meio		X		
		Domínio de técnicas simples de recolha e de tratamento de dados.		X		
	Expressões Artísticas	Compreende gestos, sons e ritmos.				
		Conhece músicas (canções, lengalengas e rimas)				
		Compreende jogos de comunicação verbal e não verbal.				
		Conhece diferentes papéis de exercícios de comunicação.				
		Compreende formas, cor e técnicas.				
		Conhece formas diversas de expressão.				
	Ed. Física	Produz e/ ou cria trabalhos diversos.				
		Conhece regras de jogo.				
		É capaz de praticar jogos e exercícios diversos.				
			Domina as exigências básicas de carácter técnico e de segurança.			

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4a) – 1º Período - verso

JOÃO

Áreas	Síntese	NP	RP	R	RC
Área de Projecto	Participa/ tem interesse/ é empenhado				X
	Faz pesquisa			X	
	Trabalha em grupo/ coopera				X
	Comunica oralmente				X
	Comunica por escrito			X	
	Relaciona e aplica conhecimentos			X	
Estudo Acompanhado	É criativo			X	
	Organização			X	
	Concentração/ atenção				X
	Observação				X
	Capacidade de análise		X		
	Capacidade de síntese		X		
Formação Cívica	Memorização		X		
	Intervém de forma oportuna				X
	Aceita/ cumpre regras				X
	É autónomo			X	
	É responsável (tem ainda dificuldade de lidar)			X	
	Tem auto-estima			X	
	Tem espírito crítico			X	
	Relaciona-se com os outros/ É sociável				X
	Respeita os outros				X
Revela capacidade para questionar valores e atitudes				X	

NR- Não revela RP- Revela pouco R- Revela RC- Revela Claramente

Apreciação Global: Aluno que revela dificuldades inerentes à falta de bases e de superação das suas "limitações" em relação a escrita e a compreensão. Não evidenciava ritmo e método de trabalho. Transferido da Escola de S. João do Estoril, com retenção no 2º e 4º anos, desde que chegou fez progressos significativos, não conseguia ler, nem se percebia uma palavra do que escrevia. A mãe foi convocada para uma reunião com a Dra. Ana e com a professora da turma, para que após conhecimento de dados relativos ao percurso escolar e da estrutura familiar, assinasse uma autorização para avaliação psicológica do filho. O aluno tem feito esforços para superar as suas dificuldades, com muito trabalho, dedicação e vontade de aprender. Com esforço próprio tenta criar um método de estudo e ser responsável.

Medidas de Apoio Educativo: É fundamental a avaliação psicológica, para depois de ser diagnosticado os seus reais problemas, haja um encaminhamento adequado (o que já deveria ter sido feito há mais tempo) O aluno beneficia de Apoio Educativo com a Profª *Mafalda*.

Avaliação Final de Ano	Transita	<input type="checkbox"/>	Avaliação Final de Ciclo	Aprovado	<input type="checkbox"/>
	Não Transita	<input type="checkbox"/>		Não Aprovado	<input type="checkbox"/>

O Professor Titular

O Professor de Apoio

O Enc. De Educação

Data: 17/12/2007

Data: 17/12/2007

Data: ___/___/___

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4a) – 3º Período

JOÃO
7

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALCABIDECHE
EB1 n.º 3 de Alcoitão

Aluno:			1.º Ciclo	
Ano: 4º Turma B	Escola: EB1 n.º 3 de Alcoitão		Ano Lectivo	
Assiduidade		Pontualidade		2007/ 2008
Presenças:151	Faltas: 13	É pontual: X	Não é pontual:	3º Período

		Síntese	I	S	B	MB
Áreas Curriculares Disciplinares	Língua Portuguesa	Expressa-se oralmente com progressiva autonomia e clareza. (discurso simples)		X		
		Interpreta enunciados de natureza diversificada. (com alguma insegurança)		X		
		Apresenta um vocabulário (simples, regional)		X		
		Lê com alguma dificuldade e insegurança		X		
		Elabora frases com criatividade		X		
		Elabora frases com correcção ortográfica. (tem vindo a melhorar)		X		
		Escreve com letra legível. (tem vindo a melhorar)		X		
		Distingue diferentes tipos de texto.		X		
		Distingue formas e mobilidade de elementos da frase.		X		
		Distingue elementos fundamentais da frase e relações de significado entre palavras.		X		
		Domina noções gramaticais.		X		
		Aplica regras gramaticais básicas.		X		
	Matemática	Lê e escreve números.			X	
		Relaciona o número com a respectiva quantidade.			X	
		Ordena números segundo relações de grandeza.			X	
		Compõe e decompõe números.		X		
		Estabelece relações entre as diferentes unidades.		X		
		Resolve situações problemáticas.		X		
		Utiliza as operações de modo correcto.		X		
		Faz uso corrente e correcto do cálculo mental.		X		
	Conhece noções práticas de geometria.		X			
	Estudo do Meio	Conhece a sua identidade. (básico)			X	
		Conhece a realidade envolvente (natural e social)			X	
		Conhece o seu património histórico (local e regional)			X	
		Capacidade de problematizar situações concretas existentes no meio		X		
		Domínio de técnicas simples de recolha e de tratamento de dados.		X		
	Expressões Artísticas	Compreende gestos, sons e ritmos.				
		Conhece músicas (canções, lengalengas e rimas)				
		Compreende jogos de comunicação verbal e não verbal.				
		Conhece diferentes papéis de exercícios de comunicação.				
		Compreende formas, cor e técnicas.				
		Conhece formas diversas de expressão.				
	Ed. Física	Produz e/ ou cria trabalhos diversos.				
		Conhece regras de jogo.				
		É capaz de praticar jogos e exercícios diversos.				
			Domina as exigências básicas de carácter técnico e de segurança.			

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Registo de Avaliação (RA4a) – 3º Período - verso

JOÃO

Áreas	Síntese	NP	RP	R	RC
Área de Projecto	Participa/ tem interesse/ é empenhado				X
	Faz pesquisa				X
	Trabalha em grupo/ coopera				X
	Comunica oralmente				X
	Comunica por escrito			X	
	Relaciona e aplica conhecimentos			X	
	É criativo			X	
Estudo Acompanhado	Organização			X	
	Concentração/ atenção				X
	Observação				X
	Capacidade de análise		X		
	Capacidade de síntese		X		
	Memorização		X		
Formação Cívica	Intervém de forma oportuna				X
	Aceita/ cumpre regras				X
	É autónomo			X	
	É responsável (tem ainda dificuldade de lidar)			X	
	Tem auto-estima			X	
	Tem espírito crítico			X	
	Relaciona-se com os outros/ É sociável				X
	Respeita os outros				X
	Revela capacidade para questionar valores e atitudes				X

NR- Não revela RP- Revela pouco R- Revela RC- Revela Claramente

Apreciação Global: O aluno fez progressos surpreendentes, atendendo às suas limitações de fórum linguístico (cf. relatório) a confirmar dislexia e disortografia. Com muita força de vontade, convicção, interesse e trabalho consegue ler com alguma ajuda nas palavras com algum grau de dificuldade. Escreve com menos erros ortográficos, embora ainda confunda alguns fonemas/grafemas, acrescente sílabas às palavras, troca de sílabas na palavra do tipo maquina/maniqueta, o/u, supressão de letra, m/n pós-vocálico, e/i, dígrafos e grupos consonantais. Necessita de apoio e atenção individualizada. Na Matemática, contanto que seja ajudado a interpretar e tenha mais tempo para executar o trabalho, atinge plenamente os objectivos.
*Foi encaminhado para uma turma de Percurso Alternativo de 5º Ano (cf. relatórios da professora e da psicóloga).

Medidas de Apoio Educativo: O aluno beneficiou de apoio sócio-educativo e psicológico. Tem relatório psicológico.

Avaliação Final de Ano	Transita	*	Avaliação Final de Ciclo	Aprovado	
	Não Transita			Não Aprovado	

O Professor Titular

O Professor de Apoio

O Enc. De Educação

Data: 27/06/2008

Data: 27/06/08

Data: 01/06/2008

Plano de Recuperação (PR4a)

PLANO DE RECUPERAÇÃO
DOC. 22 RAÇÃO PR
(PR4a)
ALCOITÃO
2º quarto
ano

1. Identificação do Aluno

Nome: _____
Data de Nascimento: 04/01/1996
Idade: 11 anos
Residência: Rua: Porto Alegre, lote 38 - 1ª D

Pai: _____
Idade: _____
Profissão: G.N.R.
Habilitações Académicas: 9º Ano

Mãe: _____
Idade: _____
Profissão: Cabelereira
Habilitações Académicas: 11º Ano

Irmãos:
N.º : 01 Idade: 12
Irmãos a frequentar a mesma escola: -

Outros dados relevantes sobre o agregado familiar:

Pais separados, o aluno está sob tutela da mãe/E.E., visita o pai pontualmente. Segundo depoimento da mãe, quando foi convocada pela Escola para falar com a psicóloga Dra. _____ o aluno passou por uma fase crítica de discussões, de agressões verbais e ameaças proferidas pelo pai antes da separação do casal. O aluno tem uma irmã gémea que frequenta o 6º Ano, tendo transitado regularmente de ano. Convivem com o aluno, a mãe, irmã e padrasto. A mãe está grávida, com problemas de saúde. O aluno passou por uma cirurgia nos olhos, não tinha óculos e por muita insistência da professora da turma, em Dezembro 2007, começou a usá-los diariamente. Tem muitas dificuldades de aprendizagem, segundo alegação da mãe, admite ter pouca disponibilidade de acompanhá-lo por trabalhar 12h por dia para suprir as necessidades da família. Nesta fase, encontra-se em repouso por ter uma gravidez de risco.

Relatório Psicológico (RPSI4a)



Junta de Freguesia de Alcabideche
CONCELHO DE CASCAIS

DOC. 23
(RP4a)

RELATÓRIO PSICOLÓGICO

Nome: [Redacted]
Data de Nascimento: 4/1/1996
Idade: 12A 1M

O [Redacted] é uma criança muito expressiva de aspecto físico normal, que frequenta o 4º ano na Escola EB1 N° 3 de Alcoitão.

Do ponto de vista afectivo, mostrou-se meigo, educado, simpático, responsável, com algum sentido de humor. Facilmente estabeleceu relação com a observadora. Como dados significativos recolhidos na anamnese com a mãe, salienta-se o facto de o [Redacted]: ter nascido com um “sopro cardíaco” o que o levou a ser seguido até ao um ano de idade, tendo sido dado posteriormente alta; ser filho de pais separados, e no período em que os pais ainda viviam juntos, ter presenciado “ muitas coisas”, não muito agradáveis, e hoje em dia ter pouco contacto com o pai; há cerca de um ano foi operado aos olhos devido a um problema de “estrbismo”.

No seu percurso escolar, há a referir: a frequência até à data de três escolas do 1º ciclo, e duas retenções, uma no 2º ano e outra no 4º ano.

A professora define-o como uma criança pouco tímida que é bem aceite pelos outros. Procura com alguma frequência a professora para poder “falar sobre si”.

Em relação à participação nas actividades escolares, salienta-se que habitualmente está atento ao que se passa na aula, participando com gosto nas várias actividades, mostrando-se ocasionalmente desorganizado e descuidado e necessitando de ajuda para poder completar as tarefas. A professora refere uma melhoria significativa desde o início do ano, estando muito motivado e interessado pelas aprendizagens escolares.

Em situação de avaliação psicológica revelou-se um pouco ansioso, principalmente no primeiro contacto. Colaborou na execução das tarefas com um ritmo normal, mas com uma postura incorrecta.

Nas provas grafomotoras, revelou boa coordenação motora e foram executadas com a mão direita. O tipo de lateralidade é destra, isto é mão, pé e olho direito, mas esta noção não se encontra totalmente interiorizada, confundiu ainda a direita com a esquerda. Também a noção temporal, não se encontra totalmente adquirida. Na discriminação auditiva não revelou problemas, enquanto que ao nível da discriminação visual e ritmo, apresentou dificuldades.

O [Redacted] de acordo com as provas realizadas obteve pontuações globais que situaram o seu nível de eficiência intelectual, na média esperada para a sua faixa etária. Mostrou homogeneidade nos resultados obtidos nas provas verbais e nas provas de realização.

A análise destas provas revelou dificuldades a nível da compreensão raciocínio abstractas, percepção visual e memória visual.

Relatório Psicológico (RPSI4a) - continuação



Junta de Freguesia de Alcabideche

CONCELHO DE CASCAIS

Após uma breve avaliação pedagógica verificou-se que ao nível da linguagem oral, relatou acontecimentos simples com erros no encadeamento lógico, a partir de um vocabulário pobre e limitado e da construção de frases com erros gramaticais frequentes, com uma articulação insuficiente. Leu textos com alguma dificuldade de forma hesitante/corrente e possuiu alguma dificuldade na reprodução de um texto lido. O índice de leitura que apresentou, foi de 10A 1M (idade inferior à da idade cronológica) e o coeficiente de leitura foi de 83. O tipo de erros que manifestou a este nível foi: acentuação, substituição, omissão adição e inversão. A este nível poderemos dizer, que manifestou de um modo geral valores abaixo dos esperados para a sua idade cronológica. Mas, é ao nível da escrita que ele evidenciou maiores dificuldades.

Escreveu com uma caligrafia legível, e deu muitos erros, estes foram do tipo: adição, subtração, omissão e escrita fonética.

Na matemática, associou número à quantidade. Referiu os conjuntos iguais e diferentes. Efectuou adições e subtracções com números decimais, e realizou multiplicações por dois algarismos e divisões por um algarismo.

Emocionalmente o aluno mostrou ter com a mãe e com os irmãos um relacionamento muito forte. Deixou transparecer por um lado, um sentido de responsabilidade muito grande a certos níveis, mas por outro lado, evidenciou insegurança, ansiedade e sinais depressivos. Todos estes factores pareceram estar relacionados com a situação familiar.

RESUMO:

O aluno parece-nos tratar-se de uma criança muito responsável, esforçada, que está muito motivado pelas aprendizagens escolares. Atendendo aos resultados das provas, já referenciadas ao longo deste relatório, e ao facto de possuir um Coeficiente Intelectual dentro da média, e especialmente às dificuldades por ele apresentadas ao nível da linguagem, pensamos estar perante uma "Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem" de carácter permanente e prolongado, pelo que deverá beneficiar de algumas medidas educativas do Decreto-lei N°3 de 2008, com o fim de não prejudicar o sucesso no seu percurso escolar.

Será igualmente importante a reeducação por parte de um técnico, das áreas deficitárias, que parecem limitar as aquisições escolares.

Alcabideche
4/4/2008

A Psicóloga

Avaliação Apoio Sócio-Educativo (AASE4a)

DOC. 26
(AASE4a)

JOÃO

Agrupamento de Escolas de Alcabideche
Apoio Sócio-Educativo

Aluno: _____	1º Ciclo
Ano: <u>4º</u> Escola: <u>E.B.1 n.º 3 de Alcabideche</u>	Ano Lectivo 2007/2008
	<u>3</u> º Período

AVALIAÇÃO

Língua Portuguesa	Leitura	
	Não lê nenhuma letra	<input type="checkbox"/>
	Lê as vogais	<input type="checkbox"/>
	Lê muitas consoantes	<input type="checkbox"/>
	Lê palavras soltas	<input type="checkbox"/>
	Lê frases simples	<input type="checkbox"/>
	Lê textos	<input checked="" type="checkbox"/>
	Progressão na leitura	Nenhuma <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Insuficiente <input type="checkbox"/> Muito Boa <input type="checkbox"/> Satisfatória <input checked="" type="checkbox"/>
	Escrita	
	Ainda não escreve	<input type="checkbox"/>
	Só escreve por cópia	<input type="checkbox"/>
	Escreve só sílabas soltas	<input type="checkbox"/>
	Escreve só palavras soltas	<input type="checkbox"/>
	Escreve frases simples mal organizadas	<input type="checkbox"/>
	Escreve com erros (e muitos)	<input checked="" type="checkbox"/>
Raramente escreve com erros	<input type="checkbox"/>	
Escreve sem erros	<input type="checkbox"/>	
Progressão na escrita	Nenhuma <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Insuficiente <input checked="" type="checkbox"/> Muito Boa <input type="checkbox"/> Satisfatória <input type="checkbox"/>	
Interpretação		
Interpreta textos	<input checked="" type="checkbox"/>	
Não interpreta textos	<input type="checkbox"/>	
Observações	O aluno é um aluno muito esforçado, no entanto verifica grandes dificuldades neste nível, sobretudo na área da escrita. Escreve com muitos erros de ortografia: fez trocas de letras, inverte a sua ordem, omite letras, etc. O aluno necessita de continuar a ser apoiado a este nível.	

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Avaliação Apoio Sócio-Educativo (AASE4a) - continuação

Matemática	Tem noções de espaço	<input type="checkbox"/>
	Tem noções de tempo	<input type="checkbox"/>
	Tem noções de grandeza	<input type="checkbox"/>
	Identifica números	<input type="checkbox"/>
	Lê e escreve números até _____	<input type="checkbox"/>
	Decompõe números	<input type="checkbox"/>
	Efectua: Adições - _____ Subtracções - _____ Multiplicações - _____ Divisões - _____	
	Efectua: Cálculo mental	<input type="checkbox"/>
	Resolve problemas com operações.	<input type="checkbox"/>
Observações	Não foi apoiado nesta área.	
Comportamento	Capacidade de atenção	<input checked="" type="checkbox"/>
	Capacidade de concentração	<input checked="" type="checkbox"/>
	Capacidade de organização	<input checked="" type="checkbox"/>
	Capacidade de observação	<input checked="" type="checkbox"/>
Observações	Devido à mobilidade da professora, neste ano lectivo, esta não possui dados suficientes para uma avaliação mais aprofundada.	

Professor do Apoio Sócio-Educativo:

Professor Titular:

Data: 26 / 06 / 08

Data: 07 / 07 / 08

Lista de Provas Aferidas (LPA4a)

DOC. 27
(LPA4a)

JOÃO -1

EB1 Nº 3 DE ALCOITÃO

Lista Provas Aferidas

3º PERÍODO 2007/2008

Nº Aluno	Nome do Aluno	Língua Portuguesa	Matemática
7	Al-Badavi Phillip Saberovich	E	B
1	Ana Carina Félix da Silva Oliveira	C	C
1	André Miguel Castro Macário	D	C
17	Baynga António Dembo	E	D
2	Bruna Filipa Furtado Lopes	B	B
3	Bruno Miguel Teixeira Ferreira	D	C
2	Carina Machado Vicente	C	C
3	Carina Sofia Mendes Semedo	C	C
4	Débora Cristina de Sousa Gomes	C	C
5	Diogo André Modesto Lopes dos Santos	C	Faltou
6	Edmilson Domingos de Lima Viegas	D	C
7	Ermelita Capitão Capieque	E	D
8	Fábio André Góis Caldeira	C	B
9	JOÃO	C	A
10	laia Jau	C	C
11	Ismael Soares Gomes	D	D
12	Ivanildo Bernardo Bianguê	B	B
13	Jéssica Alexandra Gurjão Fernandes	B	C
14	Joana Micaela Rosado de Oliveira	D	A
15	João Pedro da Silva Amedante Neto	B	C
11	Luís Manuel Almeida de Brito	Faltou	Faltou
12	Luís Miguel Lopes Semedo	B	C
13	Márcia Felisberto Gonçalves	C	B
18	Mauda da Silva Cadjocarinha	E	C
10	Mauro das Neves Carvalho	C	B
11	Mauro Wilson Pereira Fernandes	D	D
12	Mónica Alexandra Castro Macário	C	B
13	Morgana Batista Machado	C	B
14	Paulo Alexandre Paitio Falcão de Carvalho	D	E
15	Sérgio Leandro Alves Barros	C	C
16	Sílvia Maria Candula Cabral	C	C
17	Teresa Madalena da Silva Manuel	B	C
18	Tiago Miguel Ribeiro Machado	B	C
19	William Cláudio da Cruz Maquiniche	B	B

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Figura 1 - Acontecimentos psicossociais significativos

João	1º Ano	2º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	4º Ano	5º Ano
	- Apoio da irmã-gémea a frequentar a mesma turma - Estabilidade familiar - Situação económica satisfatória	- Graves problemas familiares (discussão dos pais, violência verbal e física) - “Bloqueio emocional”- desinteresse pela escola - Dificuldade económica	- Separação da irmã (ela foi aprovada e ele reprova) - Separação dos pais - Separação dos avós maternos e familiares (vem do Alentejo para Lisboa)	- Adaptação a um novo contexto familiar (duas irmãs e a mãe) - dificuldade em aceitar a ausência do pai - Apoio à mãe (centro das atenções) - Novos relacionamentos da mãe	Incompatibilidade com a professora - Confronto da professora com a mãe (agravamento da situação escolar) - Sobrecarga de responsabilidades - adaptação ao padraço	- Forte ligação com a Professora – nova perspectiva de vida (sentido) - Fase de descobertas pessoais (auto-estima elevada) - Entusiasmo pela aprendizagem	- Mudança de escola e de casa - boa adaptação com os professores e novas amizades - interesse pelos estudos - gosto pelos resultados
Regis	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	
	- Filho de pais idosos; - mais novo de nove irmãos; - Mimado pelos pais; - Família com dificuldade Económica - Menino de “rua”	- Graves problemas de indisciplina (rebelião, violência, revolta); -Desestrutura familiar (a família não conseguia dar resposta)	- Os problemas comportamentais agravam-se, a mãe é chamada constantemente à escola, agride os colegas e professores	- Forte ligação afectiva com a professora - nova perspectiva de vida; - Gosto pelos estudos; - mais respeito aos pais , ajuda financeira à família; forte ligação à irmã mais velha - saiu da “rua”, deixa de ter a influência do <i>ethos</i> anterior (mesmo sendo alvo de gozação constante – “zoando”) (ER)	- Permanece a ligação com a professora do ano anterior – “sente saudades”, vai visitá-la, continua a ouvir seus ensinamentos (ER) - Prática diária dos ensinamentos adquiridos no ano anterior - Continua a mostrar gosto pelos estudos; - Prazer no relacionamento com vários professores em outra escola; interesse em fazer amizades com colegas que comungam com sua actual maneira de pensar.	- A admiração, o respeito e o afecto com a professora do 4º Ano fazem parte da sua história de vida, continua a visitá-la sempre que sente saudades (ER/EPDR) - prazer em fazer o artesanato “representa para mim uma lembrança da professora Lira” (ER) - Trabalham convictos de realizarem um Projecto Conjunto (dele e da irmã) - uma loja de artesanato (CI)	

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Figura 2 – Síntese das Fichas de Avaliação (FA) - João

Doc.3 FA1	1º Ano	Satisfaz na maioria dos trabalhos	Transita
Doc.5 FA2	2º Ano	Prevalece o Satisfaz pouco, com ajuda da professora, leitura soletrada	Reprova
Doc.7 FA2a	2º Ano	Leitura muito hesitante – oscila entre satisfaz e não satisfaz	Transita
Doc.9 FA3	3º Ano	Satisfaz (-) menos – falta de estudo Plano de recuperação → atingiu os objectivos definidos para o aluno	Transita
Doc.13 FA4	4º Ano	não satisfaz	Reprova
Doc.21 FA4a	4º Ano	fichas diagnósticas de aprendizagem anteriores (2º Ano e 3º Ano) Satisfaz e Satisfaz Bastante (4º Ano)	Transita para o 5º Ano PA

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

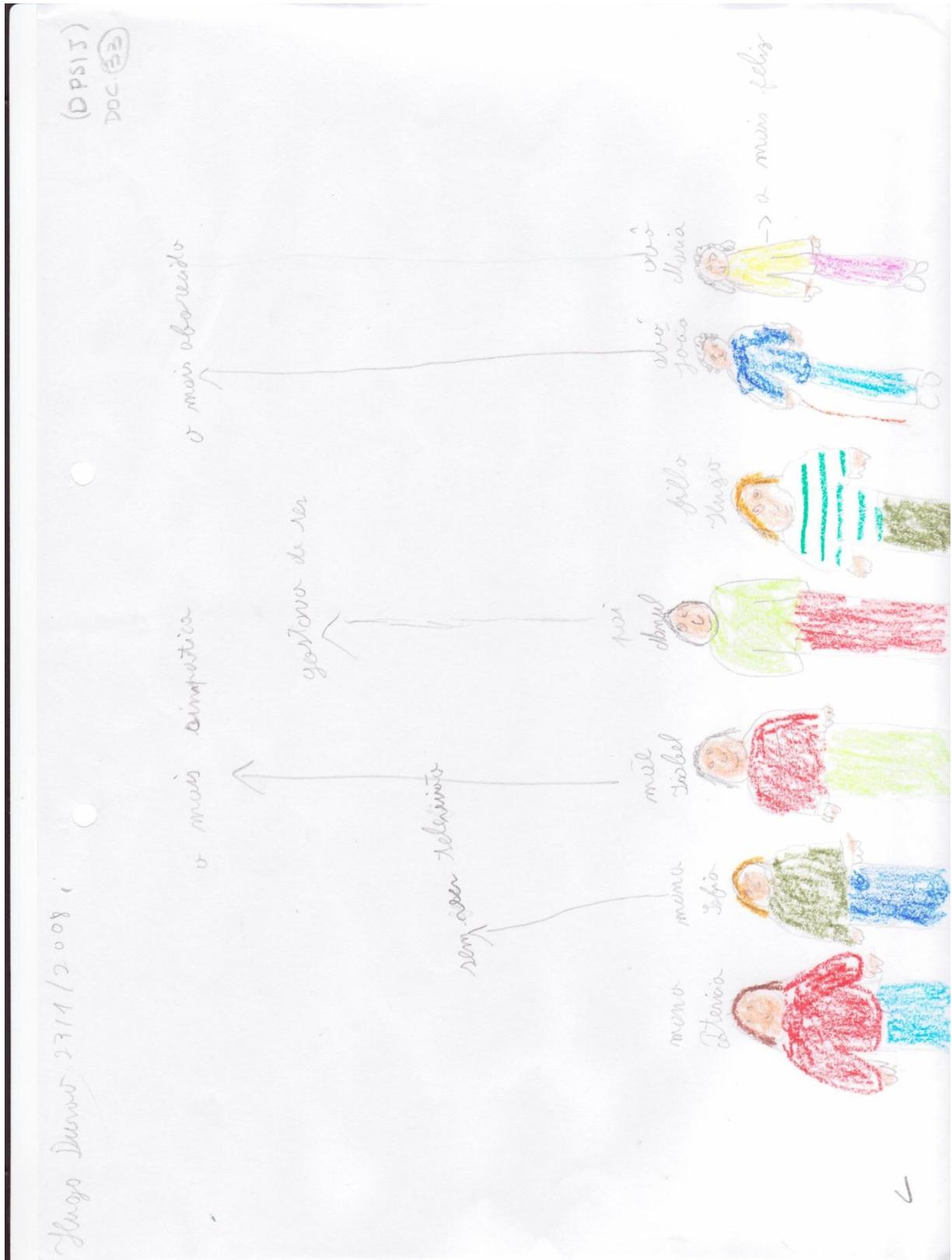
Figura 3 – Síntese dos Registos de Avaliação (RA) (anual/períodos) – João

Doc.2	1º Ano	1º Período	Satisfaz	Falta de atenção, lento
RA1		2º Período	Dificuldade de leitura e escrita	Falta autonomia, distraído, lento
		3º Período	Aprendeu todas as letras do alfabeto Melhorou o aproveitamento	
Doc.4	2º Ano	1º Período	Fraco	
RA2		2º Período	Fraco	
		3º Período	Não satisfaz	Imaturo/infantil, distraído, falta autonomia – não revela problemas a nível de aprendizagem
Doc.6	2º Ano	1º Período	Satisfaz	Assíduo e pontual
RA2a	S.J.Estoril	2º Período	Satisfaz pouco	Assíduo e pontual
		3º Período	Satisfaz	Assíduo e pontual
Doc.8	3º Ano	1º Período	Satisfaz Pouco	
RA3	S.J.Estoril	2º Período	Não Satisfaz	
		3º Período	De acordo com o plano de recuperação atingiu as competências estabelecidas a L.P., mas revela muitas dificuldades: ortografia, construção frásica; a Matemática continua a revelar dificuldades – conseguiu acompanhar as competências estabelecidas no seu PR: raciocínio, cálculo mental, escrita, decomposição, ordenação numérica.	
Doc.12 RA4	4º Ano S.J.Estoril	1º Período	<p><u>Língua Portuguesa</u> <u>Compreensão e oralidade:</u> expressa-se mal com dificuldade e pouca clareza, tem dificuldade em compreender e utilizar vocabulário diversificado e adequado ao contexto; <u>Compreensão escrita:</u> nem sempre compreende os enunciados escritos, a sua caligrafia é quase ininteligível, não sabe pontuar e escreve com muitos erros ortográficos; <u>Leitura:</u> revela algumas dificuldades na técnica de leitura;</p> <p><u>Matemática</u> Não é capaz de ler e representar números inteiros e decimais; Não domina as técnicas de cálculo simples e tem dificuldade nas operações com números decimais; Não resolve situações de problemas do dia-a-dia; Revela muitas dificuldades nas grandezas e medidas.</p> <p>Revela muitas dificuldades em todas as áreas; Precisa aperfeiçoar a caligrafia, urgentemente! Ser-lhe-á aplicado plano de recuperação no 2º período</p>	
		2º Período	<p>(mesmo texto) Poucos progressos na aprendizagem, revelando muitas dificuldades em todas as áreas; Precisa estudar bastante e aperfeiçoar a caligrafia</p>	
		3º Período	<p>(mesmo texto) Não fez progressos na aprendizagem, revelando muitas dificuldades em todas as áreas; Não atingiu os objectivos para transitar - <u>Não Aprovado</u> Precisa estudar bastante e aperfeiçoar a caligrafia</p>	
Doc.20 RA4a	4º Ano Alcoitão	1º Período	Satisfaz	Revela dificuldades inerentes – a falta de bases e de superação das limitações em relação à escrita e compreensão; sem método de trabalho; Esforçado, trabalhador, com vontade de aprender, responsável → sinalizado para psicóloga e apoio educativo
		2º Período	Satisfaz	
		3º Período	Satisfaz a L.P. e Bom a Matemática	

Figura 4 – Trajectória escolar do João

1ª Vez/1º Ano	2ª Vez/2º Ano	3ª Vez/2º Ano	4ª Vez/3º Ano	5ª Vez/4º Ano	6ª Vez/4º Ano
Escola A	Escola A	Escola B	Escola B	Escola B	Escola C
Satisfaz	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz	Não Satisfaz	Satisfaz
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de atenção, lento (RA1) • Dificuldade de leitura e escrita; falta de autonomia, distraído, lento (RA1) • Aprendeu todas as letras do alfabeto, melhorou o aproveitamento (RA1) • Satisfaz na maioria das fichas de actividades (FA1) • Conta com o apoio da irmã gémea (na mesma turma) (EMJ/EJ) • Estabilidade familiar (EMJ/EJ) • Boa situação financeira (EMJ) 	<ul style="list-style-type: none"> • Fraco, imaturo, infantil, distraído, falta de autonomia, não revela problemas de aprendizagem (incongruência) (RA2) • Apresenta dificuldades; faz os trabalhos com a ajuda da professora; leitura soletada (FA2) • Apoio familiar às vezes (EJ) • Instabilidade familiar (EJ/EMJ) • Separação da mãe (temporária) • Separação dos avós (mudança para Cascais) (EJ) • Dificuldade financeira (EMJ) 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno muito fraco, falta de atenção, distraído, precisa treinar a escrita de frases e pequenos textos e a concentração na Matemática (RA2a) • Leitura muito hesitante, oscila entre o Satisfaz e o Não Satisfaz (FA2a) • Fica sem o apoio da irmã (está noutra turma) (EMJ) • Responsabilidade familiar (EMJ) • Falta do pai (EMJ) • Falta de apoio familiar (EMJ) • Dificuldade Financeira (EMJ) 	<ul style="list-style-type: none"> • Desconcentrado, falta de estudo, de atenção, de interesse; problemas de comportamento em sala de aula. Muitas dificuldades em Língua Portuguesa e Matemática; Plano de Recuperação (RA3). • Os resultados das aprendizagens revelam falta de estudo e incidem no Satisfaz Menos (FA3). • Falta de apoio familiar (EMJ) • Mais interesse pelos problemas familiares (EPSIJ) • Dificuldade financeira (EMJ) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades em todas as áreas. • Revela dificuldades na técnica da leitura, na compreensão, vocabulário, na expressão oral. Na Matemática não é capaz de ler e representar números inteiros e decimais; não domina as técnicas de cálculo simples e tem dificuldade nas operações com números decimais, não resolve situações de problemas do dia-a-dia, revela muitas dificuldades nas grandezas e medidas (RA4) Plano de Recuperação (RA4) • Não Satisfaz em todas as fichas (FA4) • Apoio familiar “não era muito” (EMJ) • Reconfiguração familiar (padrasto) • Dificuldade financeira (EMJ) 	<ul style="list-style-type: none"> • Progressos surpreendentes, muita força de vontade, convicção, interesse e trabalho (RA4a) • Fichas de aprendizagem do 2º/3º Anos revelam que a professora retrocedeu aos conteúdos dos anos anteriores para depois dar seguimento as aprendizagens do 4º Ano com Satisfaz e Satisfaz Bastante (FA4a) • O apoio familiar passa a ser requisitado pelo aluno motivado para as aprendizagens (EMJ) • Reestruturação familiar (nascimento da meia-irmã) • Dificuldade financeira (EMJ)
Transita	Reprova	Transita	Transita	Reprova	Transita

Desenho da Família do João (DPSIJ)



Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Entrevista com o João (EJ4a)

JOÃO
22

Escreve um texto que seja significativo da tua vida escolar, podes fazê-lo como bem entenderes, utilizando a representação icónica (o desenho) como suporte ilustrativo.

Mudei de escola, de professor, de amigos.

Quando entrei na sala fiquei um bocadinho com vergonha, passei a conhecer o professor e os amigos.

Dai em diante foi passando o tempo, a matéria não era novidade para mim. Até então tinha dúvidas, o professor foi esclarecendo as dúvidas, e passou a perceber a matéria.

Entre muitas outras coisas, fizemos um livro de anedotas, resumos de livros, ditados, textos informativos...

Quando andava na outra escola, no primeiro quarto ano não sentia vontade de ir à escola, o professor não me auxiliava muito mas auxiliava os alunos que tinham menos dúvidas. Como o professor não me auxiliava suficiente para eu perceber a matéria, os trabalhos de casa que eu sentia dificuldades para realizar, não sentia vontade para os fazer.

Quando entrei para o meu novo escola fiquei motivado a ~~recuperar~~ recuperar de todo o insucesso que tinha tido daquele momento para trás. Comecei a sentir vontade de ir para a escola, preocupava-me mais em não chegar atrasado, se a mochila estava organizada, e os trabalhos estavam feitos. A minha relação com o professor era diferente. Ele ajudava-me, motivava-me e auxiliava-me na realização dos trabalhos da escola e de casa, o que me deu confiança e autonomia.

Registo Biográfico do Aluno (RBA5) – 2º Ciclo

JOÃO DOC 34
(RBA5)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO		REGISTO BIOGRÁFICO DO ALUNO		ENSINO BÁSICO 2º Ciclo										
IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO														
Processo nº 13001	Nome Completo Portador do B.I. nº 15161325, natural de Cascais, filho de Cascais													
Inscrição nº	nascido em 04-01-1996, filho de e de													
	residente na Rua Francisco Roquete 98 1.º dt., (Rua Avenida Princesa)													
	Código Postal 2645 - Alcabideche		Telefone 965725356											
IDENTIFICAÇÃO DO ENCAREGADO DE EDUCAÇÃO														
Nome Completo grau de parentesco Mãe														
residente na Rua Francisco R. Alcabideche, Telefone														
Código Postal 2645 - Alcabideche														
AVALIAÇÃO														
Disciplinas	Ano Escolar 2008 / 2009		Ano Escolar		Ano Escolar		Ano Escolar		Ano Escolar		Resultado Final de Ciclo			
	1.º P.	2.º P.	3.º P.	1.º P.	2.º P.	3.º P.	1.º P.	2.º P.	3.º P.	1.º P.	2.º P.	3.º P.	Faltas Total	Injust.
Língua Portuguesa	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
Inglês	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
História e Geografia de Portugal	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
Matemática	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
Ciências da Natureza	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
Educação Visual e Tecnológica	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
Educação Musical	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
Área de Projecto	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST		
Estudo Acompanhado	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB		
Formação Cívica	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB		
Educação Moral e Religiosa	3	4	4	3	1	1	---	---	---	---	---	---		
Transitou														
Resultado Final de Ano														
O responsável pelos Serviços de Adm. Escolar														

Regis

Ficha Individual (FI1)



Prefeitura da Estância de Atibaia

ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Educação e Cultura

Directoria de Ensino de Bragança Paulista

Doc ①
(FI1)

Ficha Individual

Ano 2.º 2003

Ensino Fundamental

NOME:		N.º	R.M.
R.A. <u>1011 01740-4</u>		<u>37</u>	<u>2470</u>
SÉRIE:	TURMA:	PERÍODO:	
<u>1.ª</u>	<u>A</u>	<u>matutino</u>	

Comp. Curric.	AVALIAÇÃO										AUSÊNCIAS					TOTAL	
	1º	R	2º	R	3º	R	4º	R	5º	C.C	R	C.C	1º	2º	3º		4º
L.Port.	AP		AP		AP		AP		AO				01	09	09	07	26
Hist.	AO		AO		AO		AO		AO								
Geog.	AO		AO		AO		AO		AO								
Cienc.	AO		AO		AO		AO		AO								
Mat.	AP		AP		AP		AP		AO								
Ed.Fis.	A		A		A		A		A								
Artes	AO		AO		AO		AO		AO								
Ens. Rel.																	

Total de 200 dias letivos/carga horária: 1000 h/a

TOTAL DE FALTAS	<u>26</u>
% DE AUSÊNCIAS	<u>13</u>

PARECER DO CONSELHO CLASSE/SÉRIE	
CONSELHO FINAL	APÓS RECUPERAÇÃO DE FÉRIAS
<input checked="" type="checkbox"/> Classificado na <u>2.ª</u> Série do E.F. Encaminhado para recuperação de férias por: <input type="checkbox"/> infrequência (sem aproveitamento) <input type="checkbox"/> aproveitamento insuficiente <input type="checkbox"/> proposta de reclassificação na _____ série do E.F. Justificativa: _____	<input type="checkbox"/> Classificado na _____ Série do Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Proposta de reclassificação na _____ Série do E.F. <input type="checkbox"/> Outros

1.º BIMESTRE : DATA 02/05/03 Necessita participar da Recuperação Paralela (sim) (não)

Assinatura do Pai ou Responsável.

2.º BIMESTRE : DATA 11/07/03 Necessita participar da Recuperação Paralela (sim) (não)

Assinatura do Pai ou Responsável.

3.º BIMESTRE : DATA 03/10/03 Necessita participar da Recuperação Paralela (sim) (não)

x não compareceu
Assinatura do Pai ou Responsável.

4.º BIMESTRE : DATA 05/12/03 Necessita participar da Recuperação Paralela (sim) (não)

Assinatura do Pai ou Responsável.

REC. DE FÉRIAS : DATA ___/___/___

Do insucesso ao sucesso escolar: a ação do professor

Ficha Individual (FI2)



Prefeitura da Estância de Atibaia

ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Educação e Cultura

Diretoria de Ensino de Bragança Paulista



Ficha Individual

Ano 2004

Ensino Fundamental

NOME:	Nº: <u>29</u>	R.M: <u>2470</u>
R.A: <u>30 3303 790-4</u>	SÉRIE: <u>2ª</u>	TURMA: <u>B</u>
PERÍODO: <u>1º mês</u>		

Comp. Curric.	AVALIAÇÃO						AUSÊNCIAS						TOTAL				
	1º	R	2º	R	3º	R	4º	R	5º	C.C	R	C.C		1º	2º	3º	4º
L.Port.	AP		AP		AP		AP		AP		AP		2	3	9	9	38
Hist.	AO		AO		AO		AO		AO		AO						
Geog.	AO		AO		AO		AO		AO		AO						
Cienc.	AO		AO		AO		AO		AO		AO						
Mat.	AP		AP		AP		AP		AP		AP						
Ed.Fis.	AO		AO		AO		AO		AO		AO						
Arte	AO		AO		AO		AO		AO		AO						
Ens Rel.																	

Total de 200 dias letivos/carga horária: 1000 h/a

TOTAL DE FALTAS	<u>38</u>
% DE AUSÊNCIAS	<u>9%</u>

PARECER DO CONSELHO CLASSE/SÉRIE	
CONSELHO FINAL () Classificado na _____ Série do E.F. Encaminhado para recuperação intensiva por: () infrequência (sem aproveitamento) (x) aproveitamento insuficiente () proposta de reclassificação na _____ série do E.F. Justificativa: _____	APÓS RECUPERAÇÃO INTENSIVA (x) Classificado na <u>3ª</u> Série do Ensino Fundamental () Proposta de reclassificação na _____ Série do E.F. () Outros

1º.BIMESTRE : DATA 30/4/04 Necessita participar da Recuperação Paralela (x) sim () não

X _____
Assinatura do Pai ou Responsável.

2º.BIMESTRE : DATA 8/7/04 Necessita participar da Recuperação Paralela (x) sim () não

X _____
Assinatura do Pai ou Responsável.

3º.BIMESTRE : DATA 8/10/04 Necessita participar da Recuperação Paralela (x) sim () não

X _____
Assinatura do Pai ou Responsável.

4º.BIMESTRE : DATA 6/12/04 Necessita participar da Recuperação Intensiva (x) sim () não

X _____
Assinatura do Pai ou Responsável.

REC. INTENSIVA : DATA 2/12/04

X _____

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Ficha Individual (FI3)



Prefeitura da Estância de Atibaia

ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Educação e Cultura

Diretoria de Ensino de Bragança Paulista

DOC 3
(FI3)

Ficha Individual

Ano 2005

Ensino Fundamental

NOME:	Nº. <u>30</u>	R.M
R.A <u>101101740-4</u>	SÉRIE: <u>3ª</u>	TURMA: <u>B</u>
		PERÍODO: <u>matutino</u>

Comp. Curric.	AVALIAÇÃO										AUSÊNCIAS					TOTAL	
	1º	R	2º	R	3º	R	4º	R	5º	C.C	R	C.C	1º	2º	3º		4º
L.Port.	NA	<	AP		AP		AP		AP				0	3	4	4	10
Hist.	AP		AP		AP		AP		AP								
Geog.	AP		AP		AP		AP		AP								
Cienc.	AP		AP		AP		AP		AP								
Mat.	NA	<	AP		AP		AP		AP								
Ed.Fis.	AP		AP		AP		AP		AP								
Artes	AP		AP		AP		AP		AP								

Total de 200 dias letivos/carga horária: 1000 h/a

TOTAL DE FALTAS	<u>10</u>
% DE AUSÊNCIAS	

PARECER DO CONSELHO CLASSE/SÉRIE	
CONSELHO FINAL	APÓS RECUPERAÇÃO DE FÉRIAS
() Classificado na _____ Série do E.F	(<u>2</u>) Classificado na <u>4ª</u> Série do Ensino Fundamental
Encaminhado para recuperação de férias por:	() Proposta de reclassificação na _____ Série do E.F.
() infrequência (sem aproveitamento)	() Outros
() aproveitamento insuficiente	
() proposta de reclassificação na _____ série do E.F	
Justificativa:	

1º.BIMESTRE : DATA 29/04/05 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

2º.BIMESTRE : DATA 3/07/05 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

3º.BIMESTRE : DATA 30/09/05 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

4º.BIMESTRE : DATA 05/12/05 Necessita participar da Recuperação Intensiva () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

REC. INTENSIVA : DATA 21/12/05

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Ficha Individual (FI4)



Prefeitura da Estância de Atibaia

ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Educação e Cultura

Diretoria de Ensino de Bragança Paulista

DOC 4
(FI4)

Ficha Individual

Ano 2006

Ensino Fundamental

NOME:	Nº. <u>34</u>	R.M.
R.A. <u>101.101.740-4</u>	SÉRIE: <u>4ª</u>	TURMA: <u>A</u>
		PERÍODO: <u>Manhã</u>

Comp. Curric.	AVALIAÇÃO										AUSÊNCIAS						
	1º	R	2º	R	3º	R	4º	R	5º	C.C	R	C.C	1º	2º	3º	4º	TOTAL
L.Port.	A		B		B		AP		AP		AO		-	1	2	1	4
Hist.	AP		B		B		AP		AP								
Geog.	AP		B		B		AP		AP								
Cienc.	AP		B		B		AP		AP								
Mat.	AP		B		B		AP		AP		AO						
Ed.Fis.	AO		B		B		AO		AO								
Artes	AO		B		B		A		A								
Ens Rel.																	

Total de 200 dias letivos/carga horária: 1000 h/a

TOTAL DE FALTAS	<u>41</u>
% DE AUSÊNCIAS	<u>2%</u>

PARECER DO CONSELHO CLASSE/SÉRIE	
CONSELHO FINAL	AÓS RECUPERAÇÃO DE FÉRIAS
() Classificado na _____ Série do E.F.	(x) Classificado na <u>4ª</u> Série do Ensino Fundamental
Encaminhado para recuperação intensiva por:	() Proposta de reclassificação na _____ Série do E.F.
() infrequência (sem aproveitamento)	() Outros
(-) aproveitamento insuficiente	
() proposta de reclassificação na _____ série do E.F.	
Justificativa: _____	

1º.BIMESTRE: DATA 23/01/06 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

2º.BIMESTRE: DATA 10/02/06 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

3º.BIMESTRE: DATA / / Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

4º.BIMESTRE: DATA 07/12/06 Necessita participar da Recuperação Paralela () sim () não

Assinatura do Pai ou Responsável.

RECUPERAÇÃO INTENSIVA: DATA 22/12/06

Histórico Escolar do Aluno (HE)

REGIS

Doc 5

(HE)



PREFEITURA DA ESTÂNCIA DE ATIBAIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

EMEF "PADRE ARMANDO TAMASSIA"
(NOME DA ESCOLA)

ENDEREÇO: RUA: Tokio, n.º 401 - Bairro Jardim Cerejeiras - Atibaia - SP - CEP-12951-290 - Fone: (011) 4412-7608
ATO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA: Port. DOE DE. s/n.º de 30/12/97, Publicado no DOE de 30/12/97, pág. 23

R.A. DO ALUNO	HISTÓRICO ESCOLAR ENSINO FUNDAMENTAL - CICLO I	10 R.M. DO ALUNO
101.101.740-4		2.470

20 DADOS DO ALUNO						
Nome do Aluno	Localidade	Estado	Nacionalidade	Dia	Mês	Ano
	ATIBAIA	SP	BRASILEIRA	27	02	1.996

30 ISENTO DE FILIAÇÃO NOS TERMOS DA DELIBERAÇÃO CEE 04/95
RESULTADOS DOS ESTUDOS REALIZADOS NO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL

BASE NACIONAL COMUM	COMPONENTES CURRICULARES - LDB - LEI FEDERAL 9394/96 - ART. 26	MENÇÕES OU NOTAS			
		CICLO I			
		1ª	2ª	3ª	4ª
	Língua Portuguesa	AO	AP	AP	AO
	História	AO	AO	AO	AP
	Geografia	AO	AO	AO	AP
	Ciências	AO	AO	AO	AP
	Matemática	AO	AP	AO	AO
	Educação Física	A	AO	AO	AO
	Artes	AO	AO	AO	A
	Ensino Religioso				F
	Educação Artística				
BASE NACIONAL COMUM - total da carga horária					
PARTE DIVERSIFICADA					
PARTE DIVERSIFICADA - total da carga horária					
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		1.000	1.000	1.000	1.000

40 ESTUDOS REALIZADOS NO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL				
SÉRIE	ANO	ESTABELECIMENTO	MUNICÍPIO	ESTADO
1ª	2.003	EMEF PADRE ARMANDO TAMASSIA	ATIBAIA	SP
2ª	2.004	EMEF PADRE ARMANDO TAMASSIA	ATIBAIA	SP
3ª	2.005	EMEF PADRE ARMANDO TAMASSIA	ATIBAIA	SP
4ª	2.006	EMEF PADRE ARMANDO TAMASSIA	ATIBAIA	SP

Relato da Professora do Regis (RPR)

Otilaia, 22 de maio de 2009.

"Relato"

Entre outros casos, em 2006 a diretora da U.E. Andreia da Costa Soares atribuiu para mim uma sala de 5º Ano no período da manhã.

No início fui conhecendo alguns alunos, entre alguns casos de indisciplina um deles era o do aluno "uma criança linda", bem pequenininho.

Logo pude perceber que ele era desmotivado, agitava a sala, não fazia as atividades propostas, apresentava dificuldades na aprendizagem, etc. Enfim andava o tempo todo pela sala de aula, conversava, jogava papéis e atrapalhava o rendimento da classe.

Conversando com as colegas de trabalho que foram suas professoras em anos anteriores, disseram-me que ele não tinha pai, que era mal educado, falava palavrões, respondia mal as professoras e que já tinha até mesmo chutado uma delas.

Desde o primeiro dia que entrei nesta sala de aula, tratei-o com muito carinho, elogiava sua beleza e atribua a ele muitas funções na sala, como forma de ajuda e ocupação, inclusive cuidar da sala.

A partir desta estratégia, ele começou a mudar, passou a vir



"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

spiral

Relato da Professora do Regis (RPR) - continuação

____/____/____
DIA MES ANO

mais bonito para a escola, se sentia muito importante e passou a fazer as atividades propostas por conta própria.

E eu continuava a elogiá-lo mais ainda e sempre trabalhando com temas envolvendo os valores humanos.

Nas aulas de artes, como de costume trabalhava com artesanato e passamos a fazer coisas lindas com o tear, agulhas, miçangas e materiais reciclados.

A classe toda fazia os trabalhos com muita seriedade e vontade.

Nessa forma, o _____ se descobriu, ficou encantado com o que passou a aprender, principalmente com as miçangas.

Ele fazia trabalhos lindos, como anéis, brincos, foi um sucesso, prendeu ainda mais a atenção do aluno e ele ficou motivado e passou a adorar a escola. Se antes ele não saía da diretoria por reclamações, agora, ou seja naquele momento ele ia até lá para mostrar sua criatividade e receber elogios da diretora Andreia.

Todos os membros da U.E. perceberam a transformação do aluno.

Não demorou muito, sua mãe comprou uma mala para ele, com muitas divisões e ele arrumava todas as suas miçangas e materiais que usava.

Ele se interessou tanto, que se aperfeiçoou, fazendo cursos, pois ao comprar o material, as

"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais



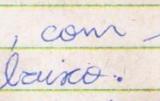
Relato da Professora do Regis (RPR) - continuação

lojas forneceram cursos:

Certo dia ele chegou com um mostruário com tudo que ele fazia arrumadinho dentro, para mostrar para os seus clientes, pois já vendia seus produtos.

A diretora da escola, vendia suas atividades e trazia encomendas para ele, para ajudá-lo e motivá-lo ainda mais.

A ^{mae} dele disse-me em uma das reuniões de pais, que não reconhecia o filho, pois ele saiu das ruas e o tempo todo só trabalhava e juntava dinheiro honesto, para comprar as coisas que precisava e mais materiais para trabalhar.

E assim ficava o , com sua malinha para cima e para baixo.

Ele já ~~era~~ ~~uma~~ ~~criança~~ ~~repetente~~ (da série), no final do ano passou para o 6º ano e foi para uma das escolas do Estado de Goiás.

Até hoje ele estuda, não abandonou os estudos, sempre passa pela escola para me visitar, ou fica me esperando perto do meu carro para me cumprimentar.

E assim, posso dizer que cumpri mais uma missão de transformar uma vida e plantar no seu interior uma sementinha que cresce a cada dia.

Consegui mostrar para esta criança que ela era capaz de fazer muitas coisas belas e maravilhosas e que poderia chamar a atenção de todos.



"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

spiral

Relato da Professora do Regis (RPR) - continuação

DIA / MES / ANO

na escola com disciplina e não com indisciplina.

A última vez, recentemente, que ele veio à escola nos visitar, perguntei para ele sobre a rotina da vida, se estava estudando, se continuava a fazer artesanato e ele respondeu que tudo estava bem e quanto ao artesanato, continuava a fazer sim, mas coisas ainda mais lindas e criativas e que continuava a vender, com parceria com sua irmã e que com o dinheiro, comprava roupas, calçados, ajudava a mãe e comprava mais materiais.

Ilbri para a diretora emocionada e disse:

— Que Bonitinho, Andreia !!!

Orgulhosa de ver meu fruto se reproduzindo.

São estas atitudes, por menos que elas sejam que me fazem forte, confiante, motivada e esperançosa para continuar sempre a lutar e não desistir nunca.

Acredito em uma pedagogia transformadora e sinto-me realizada por saber que estudei e estudo ainda e faço valer na prática tudo o que aprendi e acredito que poderia acontecer.

Resalto que para termos estes resultados no interior da escola, é preciso termos uma diretora democrática, que acredita no nosso trabalho, nos dá as mãos e segue em frente com a gente. E nós

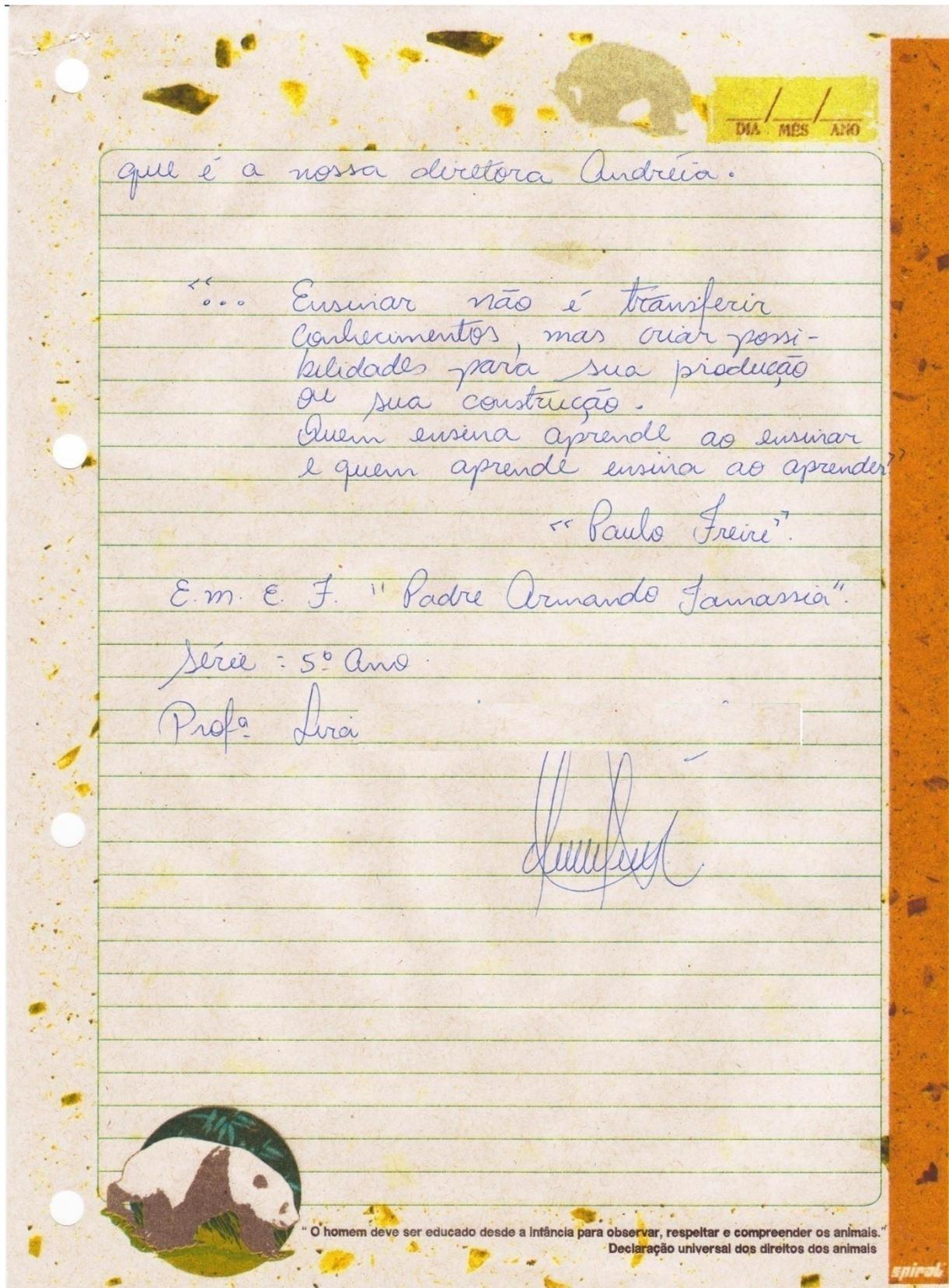


"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

temos esta pessoa maravilhosa



Relato da Professora do Regis (RPR) - continuação



Relato da Professora da Turma (RPT)

DIA / MÊS / ANO

"Relatos"

Meu nome é Lira
morei na cidade de Ubatuba, sou forma-
da em Pedagogia e Letras (Português e Inglês),
ambos os cursos com licenciatura plena.

Desde que me formei como educadora,
sinto que tenho uma missão a cumprir,
pois em todas as salas de aula que já
trabalhei, eu me deparei com crianças
que apresentavam problemas com a apren-
dizagem, indisciplina, baixa estima, enfim,
uma desmotivação enorme.

Decido a mais de quinze anos, iniciar
minha carreira como docente em São Paulo,
na zona leste, lugar onde passei por muitas
situações difíceis em relação a estes pro-
blemas em escolas públicas do Estado.

Trabalhei também a mais de 10 anos em
escola particular.

Ingressei nesta rede de ensino (Prefeitura
da Estância de Ubatuba) desde de 2005, sem-
pre lecionando nesta mesma Unidade Escolar
"E.M.E.F. Padre Armando Tamassia".

Tenho uma certa experiência para tra-
balhar com quinto ano, série que encontra-
mos a grande maioria dos problemas.

Assim que comencei a trabalhar
nessa V.E. escolhi uma sala de
aceleração com todos os alunos



"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

spirat

Relato da Professora da Turma (RPT) - continuação

____/____/____
DIA MES ANO

da sala repetentes, defasados na aprendizagem, com problemas gravíssimos de desestrutura familiar e muita dificuldade económica -

Todos estes fatores levaram estas crianças a se envolverem com drogas, roubos, violência, bebidas alcoólicas e na escola e na escola com uma indisciplina geral. Eram desmotivados, se sentiam os piores da escola e conseqüentemente do mundo que estavam inseridos.

Num primeiro momento, me emocio-
nei ao ver tantos problemas juntos. Em
contrapartida pensei em várias estraté-
gias para mudar tudo aquilo.

E aos poucos, com muita calma, a-
través de muito diálogo e principalmente
com a "pedagogia do amor", fui rever-
tendo o quadro.

Trabalhei durante todo o ano letivo
com valores humanos, trabalhando textos
voltados a estas temas e trabalhando e
acreditando sem desistir que era possível
haver transformações naquelas vidas; pois
apesar de tudo que eles faziam eles não
passavam de crianças que não tiveram e
nem viveram a infância que deveriam
ter.

Eu chorava muitas vezes escondido delas,
porque perante os mesmos eu me
mostrava forte e confiante. Cho-
rava devido a injustiça da desi-

"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

spiral



Relato da Professora da Turma (RPT) - continuação

qualidade social que eu presenciava ali.
Enfim, gosto muito de trabalhos ma-
nuais (artesanato) e os ensinei a fazer.
A princípio resistiram; pois achavam
que artesanato era coisa de mulher, por-
sei então, a trabalhar esta questão e con-
segui.
Eles adoravam trabalhar com tear, a-
cúchulos, tricô, crochê, fuxico, etc. Fizemos
trabalhos belíssimos e vendemos para a Secre-
taria da educação, professores da escola, etc.
Resumindo, aos poucos fui transforman-
do a vida destas crianças, consegui fazer
com que eles gostassem e preservassem
a escola, respeitassem os amigos enge-
ral e se mostrassem cidadãos em quais-
quer situações na sociedade.
Foi uma gratificante experiência, apre-
di muito com estas crianças, principal-
mente que o impossível é possível e que
não devemos desistir nunca de fazer
uma educação baseada em valores,
amor, carinho, paciência e confiança.
Sinto-me realizada como educado-
ra, principalmente quando alguém dele
vem me visitar ou os encontro casual-
mente na rua.



"O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais."
Declaração universal dos direitos dos animais

spirat

Relatório Final Professora de Turma (RFPT)

EMEF. PADRE ARMANDO TAMASSIA.
PROFESSORA: LIRA

Regis
Doc. 8
(RFPT)

RELATÓRIO

foi muito produtivo, pois insisti até o último dia de aula por uma aprendizagem significativa e igualitária para todos.

Num primeiro momento fiz um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças, para detectar o nível de conhecimento da classe, que serviu de parâmetro para eu planejar os conteúdos que foram trabalhados durante o ano.

Trabalhei com atividades significativas relacionadas com o cotidiano dos alunos, proporcionei atividades diferenciadas para os alunos que vieram com defasagem e sempre os incluí nas atividades coletivas.

Com base nos resultados, a cada bimestre pude acompanhar os avanços na aprendizagem, e ao final deste bimestre, me surpreendi com o desempenho e capacidade de todos, tanto na parte cognitiva como na parte social e afetiva dos mesmos. Inclusive os alunos que apresentaram níveis diferentes, avançaram com atividades diversificadas, recuperação paralela e comprometimento.

Os conteúdos trabalhados foram adaptados de acordo com a realidade dos alunos, para eles poderem entender, valorizar e assimilar com mais facilidade, como:

Em Língua Portuguesa: trabalhei os textos diversificados com temas que despertassem os interesses deles, como: músicas, poesias, contos, fábulas, etc, e também com consulta de dicionários. A leitura teve um papel fundamental no decorrer do ano, envolvendo os alunos com a leitura compartilhada, individual, em voz alta e também a visita do baú uma vez por semana na sala de aula que proporcionou aos alunos um maior acesso a vários tipos de livros e textos, possibilitando a melhora na escrita e interpretação.

A correção coletiva dos textos permitiu que trabalhássemos com estruturação, ortografia e pontuação.

Em Matemática, procurei mostrar aos alunos a importância de saber interpretar e resolver situações problema, envolvendo-os em situações

OBJEC-
TIVOS
de
acordo
PPP

com
desem-
penho
do
aluno

Relatório Final Professora de Turma (RFPT) - continuação

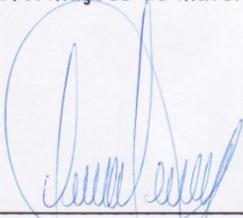
reais ligadas ao quotidiano, como: fazer compras em supermercado, lojas, medidas de um objeto, compras à vista e a prazo, etc. Enfatizava o tempo todo, a importância desta aprendizagem para garantir mais tarde um emprego no mercado de trabalho.

Ao final, percebi o quanto aprenderam e o quanto estão preparados para enfrentar o mundo em que estão inseridos.

Em Ciências, trabalhei com interdisciplinaridade de acordo com os textos trabalhados em Língua Portuguesa e também assuntos ligados ao meio ambiente, lixo, água, animais, plantas, horta e planetas.

Em História e Geografia, trabalhei também de forma interdisciplinar e com localizações, mapas, datas comemorativas, fatos históricos, documentos, regiões, folclore, relacionando os conteúdos com a realidade dos alunos.

Em Artes trabalhei com artesanatos, como: pintura, trabalhos manuais (fuxicos) e também com transformações de materiais recicláveis.



Prof.: Lira

9. Notas de Trabalho de Campo

9.1. – João (Portugal)

Ilustração 1 - Escola N° 3 de Alcoitão



Ilustração 2 - Área Envolvente à Escola N° 3 de Alcoitão



9.2. – Regis (Brasil)

Ilustração 3 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Armando Tamassia



A EMEF Padre Armando Tamassia tem desenvolvido um trabalho pedagógico para atingir as metas de qualidade de ensino de acordo com o Ideb³⁵. A premiação atribuída aos professores (abono suplementar) será consoante o desempenho dos alunos na Prova Brasil (2 em 2 anos), nível de retenção dos alunos e evasão escolar.

No ano de 2008 a escola beneficiou de uma verba de 49.100 Reais da “Escola Nota 10” atribuída pelo Estado mediante o cumprimento de objectivos (número de alunos e índice de sucesso escolar dos alunos). Este montante tem sido aplicado conforme o levantamento das prioridades estabelecidas pela Associação de Pais e Mestres (APM), eleita de quatro em quatro anos, e a Escola.

Os professores no Horário de Trabalho Pedagógico Colectivo - HTPC (três horas semanais remuneradas), abordam temas, projectos, trocas de actividades e de experiências, inovações pedagógicas bem sucedidas e outros.

O Ministério do Desenvolvimento Social – Combate à Fome, atribui um subsídio mensal “Bolsa Família” às famílias. O controlo é efectuado pela escola através da assiduidade

³⁵ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações e em taxas de aprovação. Assim, para que o Ideb de uma escola ou rede aumente é preciso que o aluno aprenda, não repita o ano e frequente a sala de aula.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

do aluno e os cuidados de saúde com o devido acompanhamento familiar no Posto de Saúde local (vacinas, peso, altura).

A EMEF Padre Armando Tamassia desenvolve projectos de combate ao Insucesso Escolar e à Inserção Social dos Alunos através de Actividades na Escola: esgrima; capoeira; fanfarra e promovendo Actividades Externas (Bairro) em parceria com ABB (Banco do Brasil) /Escola/Câmara Municipal: natação; ginástica olímpica e artística e judo.

Ilustração 4 - Rua da Escola Padre Armando Tamassia



Ilustração 5 - Meio envolvente à Escola Padre Armando Tamassia



Ilustração 6 - Casa do Regis e Oficina do Pai



Chegámos a casa do Regis por volta das 10 horas e 30 minutos. Uma casa simples de “meia água” situada num bairro popular da periferia de Atibaia-SP. O sol estava forte. O pai do Regis, um senhor de cabelos brancos, aparentemente perto dos 70 anos, não deu conta da nossa presença. Encontrava-se à frente da pequena oficina de “funilaria” (bate-chapas), ao lado da pequena casa onde vive com a sua família, outrora a viver com oito filhos no exíguo espaço, hoje sobraram três, como nos contou o Regis. Continuou a conversar com dois rapazes e a olhar para uma porta de frigorífico que estava no chão do passeio.

A mãe de Regis encontrava-se ao lado da casa, no pequeno espaço externo, acompanhada de três mulheres e duas crianças que brincavam com utensílios velhos. Estavam descalças. Havia uma criança, ainda bebé, no colo de uma mulher ainda jovem e que viemos a saber ser irmã do Regis.

De longe, perguntámos quem era a mãe do Regis. Levantou-se uma mulher que aparentava ter mais de 60 anos. Tivemos alguma dificuldade em lhe atribuir uma idade. Sabíamos pela professora que os pais já tinham alguma idade quando o último filho nasceu; “a raspinha de tacho” (dito pela professora, o que quer dizer: um filho com irmãos muito mais velhos). Alta, magra, com o rosto castigado pelas agruras da vida. Logo foi se aproximando para nos atender. Apresentámo-nos e dissemos que vínhamos para conversar com o Regis, por

intermédio da professora Lira. Anuiu esboçando um sorriso. Disponibilizando-se em nos ajudar.

Informou que ele não estava em casa naquele momento, tinha ido dar uma volta de bicicleta com um amigo. De imediato pegou no telemóvel e pediu para a filha (a jovem com o bebé ao colo) para ligar para o Regis e pedir que ele viesse para casa.

Ficámos a falar sobre o filho. Referiu que graças à professora Lira o filho aprendeu, passou a ter gosto em estudar e vai bem na escola.

- “É uma óptima professora” disse, dando ênfase como que estivesse a soletrar as palavras.

- “Ela despertou no meu filho o interesse pela escola e pelo artesanato, passou a ser um bom aluno no 4º, 5º e 6º anos.

Poucas palavras foram ditas, no entanto de forma bem convicta.

Pessoa bem simples, onde se antevia a grande dificuldade por que passou para criar oito filhos num ambiente paupérrimo.

Ficámos a aguardar. O sol castigava. A mãe do Regis olhava para o caminho com apreensão. Pela demora ele estava bem afastado da casa.

Não nos convidou para entrar.

Comunicámos que estaríamos à espera dele, abrigados na sombra de uma árvore, mais abaixo na rua.

Ela continuou ao sol a aguardar.

Notou que a demora passava do razoável, voltou a pegar no telemóvel e ela mesmo ligou para o filho, dizendo para voltar depressa que estavam esperando por ele. Firme, mas sem gritar.

Passados uns minutos apareceu o Regis com um amigo, a pé, com a bicicleta pela mão. A subida era íngreme demais para pedalar a bicicleta velha, sem mudanças, sem travões (que estavam partidos, segundo nos informou depois...).

Um jovem de 13 anos, mais parecia um menino, franzino. Perguntámos se estava disposto a falar connosco um pouco sobre o seu percurso escolar e, nomeadamente, da sua professora do 4º ano.

Aceitou com a cabeça baixa, tímido.

Demonstrou interesse e contentamento, mas alertou para o horário, pois tinha de ir para a escola ao meio-dia e vinte e não queria chegar atrasado, muito menos faltar (referiu ele).

Combinámos encontrarmo-nos na sua antiga escola do 4º ano (perto da casa).

Convidámos para ir de carro connosco, mas preferiu ir de bicicleta.

Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor

Eram quase onze horas quando chegou à escola, acompanhado pelo amigo. Foi recebido com grande entusiasmo pela directora da escola, que o abraçou, elogiou, mas sem deixar de demonstrar o seu desapontamento por ele ter faltado ao prometido de ter ido à escola na passada Sexta-feira para a entrevista e para mostrar os seus trabalhos de artesanato.

Alegou ter ido ao Posto de Saúde. Respondia com a cabeça baixa, esporadicamente a olhar de frente. Alguma retracção e, ao mesmo tempo, respeito.

Foi na sala de professores que iniciámos a entrevista, conforme sugestão da Directora da Escola.

Permaneceu sentado à mesa, mãos apoiadas ao colo, ombros rebaixados, cabeça inclinada para o chão. Olhava frontalmente sempre que fazia uma afirmação. Embora com dificuldade de expressão e com um vocabulário simples definia seus sentimentos e suas opiniões tanto no que se referia à escola como em relação à professora Lira.

Ilustração 7 - Amostra do Artesanato do Regis

